J. J. DA COSTA

DIARIO DE UM VIAJANTE EM FRANÇA

DIARIO

DE UM

VIAJANTE EM FRANÇA

CARTAS

POR

LEANDRO JOSÉ DA COSTA

LISBOA
TYPOGRAPHIA DAS HORAS ROMANTICAS
40, Rua da Atalaya, 52
1880

A 53600

53600

A Monsieur Ferdinand Denis

Off.

Leandro José da Costa

DIARIO DE UM VIAJANTE EM FRANÇA

CARTAS

Δ 53600

DIARIO

DE UM

VIAJANTE EM FRANÇA

CARTAS

POR

LEANDRO JOSÉ DA COSTA

LISBOA
TYPOGRAPHIA DAS HORAS ROMANTICAS
40, Rua da Atalaya, 52
1880

DIARIO

DE

VIAGENS EM FRANÇA

CARTAS

DE

LEANDRO JOSÉ DA COSTA.

LISBOA

TYPOGRAPHIA DAS MEMORIAS PARTICULARES

1850

Ao Ill.mo e Ex.mo Sr.

JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

Do Conselho de Sua Magestade,
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, etc.

O.

Leandro José da Costa

Ao Ill.mo e Ex.mo Sñr.

JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

Do Conselho de Sua Magestade,
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, etc.

A Seus Irmãos

THOMAZ JOSÉ DA COSTA

E

JOSÉ NARCISO DA COSTA

D.

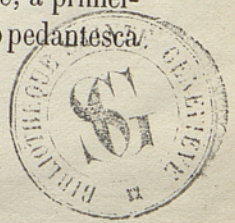
O AUCTOR

A QUEM LER

O livro, que vae ler-se, não se recommenda nem pela novidade do assumpto, nem pela belleza do estylo: não é mais do que um repositorio de cartas familiares, que, durante a minha permanencia em França, escrevi ao Ex.mo Sr. Conselheiro José Luciano de Castro, cavalheiro que, de ha muito, me honra com a sua amisade.

Se as referidas cartas vem a publico, é porque tive de ceder á natural curiosidade de meus irmãos, que muito preso, os quaes desejosos de saberem o que fiz, e o que vi durante a minha viagem, quizeram que ellas fossem publicadas.

D'ahi nasceu a razão, porque traduzi algumas frazes francezas, e desci a minucias, que, á primeira vista, poderiam parecer uma ostentação pedantesca.



aos olhos de quem conhece a lingua franceza, os usos e costumes d'aquelle povo.

Meus irmãos porém, que, apesar de illustrados, curam mais do cultivo das suas *roças* na nossa bella Ilha de S. Thomé, do que do estudo da lingua franceza, me agradecerão por certo a utilidade d'esta minha prevenção.

Dadas estas explicações, o publico indulgente relevará os innumeros defeitos d'este meu primeiro trabalho de maior folego, cujo unico merecimento consiste em ter sido feito com bôa diligencia de satisfazer ao compromisso, a que me obriguei.

CARTA I

Sahida de Lisboa

> Écrire, sans songer même á publier ce qu'on ecrit, est un excellent moyen hygiénique pour fortifier l'ame...
> (HYGIÈNE DE L'AME, par Le Baron E. De Feuchtersleben).

Pariz 27 de Agosto de 1878.

Ao despedir-me de V. Ex.ª e da sua illustre familia por occasião da minha partida para França, prometti dar-lhe noticias minhas de qualquer terra d'aquella republica, que eu visitasse, e narrar-lhe não só o que visse, senão tambem as minhas impressões.

Quanto ao dar-lhe noticias minhas, nada ha mais simples; mas o saber dizer o que por aqui tenho visto, e as minhas impressões, cousa é de tal natureza, que não posso acabar commigo a crer que seja facil como se me afigurava.

Tomei um compromisso superior ás minhas forças; não sabia por certo o alcance do que promettia.

Como individuar tudo quanto tenho visto, desde que

saí de Lisboa, e contar as minhas impressões, se ainda estou tomado de admiração, e a minha razão se acha como que deslumbrada pelas grandezas e magnificencia da seductora cidade de Pariz?

Cobrando porém pouco a pouco o pleno uso das minhas faculdades, e lançando mão dos apontamentos, que á pressa tenho podido colher, vou tentar desempenhar-me de tão irreflectida promessa.

A multiplicidade de assumptos, a variedade de objectos e o pouco tempo, de que posso dispor para escrever pausadamente, são a natural explicação do desalinho, que V. Ex.ª notará nas minhas cartas, desalinho para o qual ouso esperar a sua benevolencia.

É dever, é brio cumprir a promessa feita; e para melhor d'ella me desempenhar, começarei pelo principio da minha viagem, o que julgo será agradavel a V. Ex.ª

Determinando-me partir para aqui, e demorar-me só o tempo sufficiente para visitar a Exposição e vêr alguns dos muitos e notaveis monumentos d'esta moderna Babilonia, era minha intenção seguir em direitura á cidade de *Vichy,* afim de procurar em suas miraculosas aguas medicinaes allivio aos meus padecimentos.

Marquei o dia 16 d'agosto de 1878 para a minha partida. Raiou esse dia. Era uma sexta feira, dia mal azado para emprehender viagem, segundo em suas crenças julgam os supersticiosos, pois elles o tem por aziago.

Não obstante a *auctoridade de tão grande peso,* ás quatro horas da tarde d'aquelle dia, os srs. tenente coronel reformado João Baptista Brunachy, o capitão de engenharia Manoel de Gouvêa Ozorio, José Joaquim da Costa Franco, natural dos Açores, e eu, que concordámos ser companheiros no mesmo hotel em Pariz, nos encaminhavamos para o caes do Terreiro do Paço. Chegados ali, encontrámos muitos amigos nossos, os quaes, querendo ir ao *bota-fóra,* embarcáram comnosco em botes de catraiar para bordo do vapor *Maria Pia* pertencente á companhia *Thetis,* cujo capitão era o sr. Tomasini, bem conhecido pintor de marinhas, homem sympathico e muito estimavel. O vapor partia para a cidade do *Havre,* levando carga e muitos passageiros, entre os quaes se achavam algumas pessoas minhas conhecidas, taes como o commendador José de Oliveira Souza Leal e sua gentil e graciosa esposa D. Maria Magdalena Assumpção Leal; D. Maria Sebastiana Ribeiro Brandão, esposa do Dr. Negrão, consul da Republica Argentina; o sr. Francisco Perestrello de Vasconcellos, intelligente empregado do ministerio da fazenda, o qual ía para as caldas de *Cauterets,* pequena e pittoresca povoação franceza situada nos altos Pyrinéos; o sr. capitão d'artilharia João Carlos Rodrigues da Costa, mancebo erudito e uma das illustrações do nosso exercito. Este official ía commissionado pelo governo portuguez para assistir ás grandes manobras do outono de um corpo do exercito francez.

Levava na sua companhia sua esposa, senhora cujos dotes de espirito e esmerada educação tornam digna de respeito e muita estima. Finalmente os passageiros, entre senhoras e homens, eram ao todo sessenta e tres.

Soou a hora da partida. Os que foram ao bota-fóra, depois dos abraços da despedida e da saudação — *Boa viagem* — largaram para terra. Os acenos de muitos lenços brancos, agitados a bordo do vapor, eram correspondidos dos botes, que demandavam o caes, repletos de parentes, amigos e conhecidos dos viajantes.

Levantou-se o ferro; o vapor seguia rio abaixo, com maré de feição. Não havia vento, a superficie do rio era lisa, estava ao *correr do cabello*. O tempo era suave e doce. Á margem direita do rio o vapor dava o *estibordo*, e para ella estavam voltadas todas as vistas, contemplando o magnifico panorama da cidade, e admirando a belleza e a magestade do nosso porto. Em que pensariam tantas cabeças, e todas com os olhos fitos na terra? Umas, em recordações saudosas da familia, e nas delicias do lar domestico; outras, em suas amantes ou namoradas ou por ventura nos prazeres da intimidade dos amigos. O que de certo todos levavam escripto no peito eram as saudades da terra amiga, que deixavam, e a esperança de volverem breve.

Entretanto, o vapor, cortando as mansas aguas do Tejo, fazia desdobrar ante nossos olhos variados panora-

mas. Lá surgem ao longe as serras alvacentas da bella e pittoresca Cintra, que me trazem á lembrança a saudosa estancia do Principe dos poetas portuguezes:

Já a vista pouco e pouco se desterra
D'aquelles patrios montes que ficavam:
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra; n'ella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração que as magoas lá deixavam.

. . . . . .

. . . . . .

Os alegres raios do sol amigo e vivificador tinham-se apagado no horizonte, e o crepusculo que cahia lentamente trouxe comsigo a noite.

Rompe a manhã do dia 17. Tinha já desapparecido a terra. O ceu estava alvacento, o mar crespo, o vento rijo.

O navio, posto que valente e de bom andamento, era pequeno e dava muito balanço, jogando de *bombordo* a *estibordo*. Por isso quasi ninguem resistiu ao enjôo e todos os passageiros ficaram doentes nos seus beliches com a incommoda e terrivel molestia. Felizmente, fui dos que menos soffreram; enjoei só n'esse dia, sem poder com tudo deitar *carga ao mar*, maritimamente fallando, o que me produsia fortes tonturas. Breve foi a minha doença, e creio que devi a prompta cura a não ter estado deitado durante o dia, e recolher-me só tarde ao meu beliche.

Dois dos meus companheiros, o capitão Ozorio, e Franco não se tiraram dos seus camarins durante a

travessia, e por isso soffreram muito. O ar puro na tolda é conveniente aos que enjoam.

O vento foi forte toda a noite, e o mar grosso. Á meia noite tivemos um pequeno sinistro no paiol do carvão, onde se tinha manifestado fogo, que foi promptamente extincto. Ficaram mui assustados os passageiros, que souberam do caso, e tal houve, que rapidamente se curou do enjôo, saltando fóra do beliche, com a rapidez d'um gamo. O susto cura tambem algumas vezes.

Estamos na manhã do dia 18. Eis que se avista o *Cabo Finisterra* ao N. O. de Hespanha, costa da Galliza. O mar estava cavado.

Ao meio dia, de tal sorte refrescou o vento, que pouco depois estavamos a braços com uma furiosa tempestade. O vento, acompanhado de fortes aguaceiros, soprava com violencia. O vapor largou alguns pannos e poz-se á capa para não descahir muito.

Ás sete horas da noite o mar tornou-se tão grosso, que uma grande serra d'agua inundou o navio, forçando-o a afocinhar a prôa seguramente meio minuto debaixo d'agua, d'onde emergiu com furioso solavanco. O mar alagára os camarotes da *meia náo*, produzindo entre os passageiros grande perturbação e alarido, em quanto que as vozes do habil capitão commandando as manobras, eram fielmente executadas.

Tomados d'esta angustiosa surpresa, todos anciavam subir á tolda, mas os balanços eram taes, que só a gente habituada a aguental-os, podia lá permanecer.

O perigo era imminente; e se em seguida á primeira vaga, *embarcasse* outra, íamos a pique irremediavelmente, conforme o disseram os peritos.

Felizmente o vapor *fez cabeça;* e não obstante o vento, que ainda era mui rijo e contrario, o valente *Maria Pia* lá ía indo ás guinadas, borrifado de quando em quando por algumas vagas, que o assaltavam.

No dia 19 ainda o mar se conservou muito encrespado, e o ceu escuro.

O vento, que era aspero, acompanhado de grossos aguaceiros, não consentia que os passageiros subissem á tolda. O dia foi longo e enfadonho, como natural era de prevêr-se.

Depois d'esta furiosa tempestade na bahia da *Biscaia,* surgiu, emfim, encantadora e fresca a manhã do dia 20, com um ceu de anil puro e transparente.

«Depois de procellosa tempestade,
«Nocturna sombra e sibilante vento,
«Traz a manhã serena claridade,
«Esperança de porto, e salvamento:
«Aparta o sol a negra escuridade,
«Removendo o temor do pensamento.

. . . . . .
. . . . . .

E de feito assim nos succedeu, depois do angustioso transe em que nos viramos. Quasi todos os passageiros subiram á coberta do navio, praticando uns alegremente, rememorando outros as peripecias das passadas scenas. As senhoras e os cavalheiros conversavam em intima convivencia, fitos porém todos os olhos no ca-

nal da *Mancha,* que áquella hora se nos defrontava, e por cuja altura passámos com um mar, que parecia de leite. O horizonte estava claro, e por isso descortinavamos ao longe muitos navios, que se dirigiam em varios rumos.

E assim deslisou este dia na monotonia, que é propria dos navios, que não são paquetes, porque n'estes ha sempre muitas distracções para os passageiros; — até que ás sete e meia horas da noite enxergámos um farol, cuja luz vermelha e intermittente muito nos alegrou. Era o farol rotatorio de *Jersey,* ilha pertencente aos inglezes.

CARTA II

Entrada no Havre

Depois da primeira carta, só hoje posso proseguir na minha narrativa.

Ao amanhecer do dia 21, avistámos dezenas de *Chalupas,* pequenas embarcações de pesca, com as suas velas tufadas, navegando umas na direcção da barra, e outras demandando o largo. O effeito era lindo. Algum vento encrespava a superficie das aguas. Ás 9 horas, tendo nós pela prôa a arrumação da terra, appareceu-nos o piloto da barra navegando na sua *Goleta.* Saltou a bordo. Parecia um homem forte como um normando e era de physionomia alegre e prasenteira.

Saudou a todos com o sorriso nos labios, e assegurou que, em sendo uma hora da tarde, estariamos no *Havre.*

O horizonte estava claro.

Ao passo que a terra se nos contornava a traços mais fundos, íamos descobrindo até o mais fino ondeado das montanhas e as suas pittorescas curvas: ali rochedos, acolá alterosas serras.

Ao meio dia parámos defronte da barra, aguardando que a maré nos desse livre ingresso no porto.

O mar estava dormente, e a superficie tão lisa, que parecia um espelho.

A parte da cidade, que nos ficava fronteira fazia lembrar muito a margem esquerda do rio Tejo no sitio denominado o *Ginjal*.

O vapor começou a andar, e á medida que caminhavamos, íam-nos apparecendo diversas boias, cujo destino é marcar os baixios existentes á entrada do porto. Duas d'entre ellas despertam mais particularmente a attenção, chamada uma a boia do *sino* e a outra do *apito*, porque, com os sons, que emittem a grandes distancias, põem o nauta de sobreaviso contra os escolhos imminentes. As outras boias são pintadas de cores variegadas, rematando por bandeirolas, que lhes dão o aspecto de pequenas embarcações.

Á uma hora e um quarto íamos entrando pelo canal da barra, e a cidade começava a ser dominada; e quando de todo se nos desdobrou, pudémos gosar de bordo um lindo panorama, e uma encantadora e soberba perspectiva.

Ao passo que proseguiamos ao longo do canal, as differentes e successivas pontes, que nos davam in-

gresso, elevando-se bipartidas para cada uma das margens, abaixavam-se em seguida para dar passagem aos peões, que pretendiam atravessar o canal.

Os navios de todas as lotações, que eram aos centos, estavam abrigados n'outras ramificações do canal, que demoravam na parte mais interna da cidade, cortada de dokas em differentes direcções. As que ficam mais ao centro da cidade, abrigavam tantas embarcações, e tão juntas, que, á primeira vista, dir-se-hia que os mastros e as vergas formavam uma vasta floresta despida da folhagem.

E que admira que houvesse n'aquellas dokas tantas embarcações, se o seu movimento annual regula por dez mil, e por sessenta mil o de tripulantes e passageiros?

No momento da nossa entrada, sahia um vapor portuguez com o qual o nosso trocou alegremente os cumprimentos do estylo, continuando a demandar o ancoradouro, até que lhe chegou a vez de atracar ao caes.

Desembarcámos. Todos os passageiros chegaram de saude perfeita; e se não fossem os ventos contrarios e a tempestade, que nos acoçara na bahia da *Biscaia*, desviando-nos do nosso rumo, teriamos tido uma excellente viagem de quatro dias, porque o *Maria Pia* é de bôa marcha.

CARTA III

No Havre

Pariz 29 de agosto de 1878.

Ás duas horas da tarde desembarcámos, assaltando-nos logo uma turba de carregadores, que quasi á força nos disputavam as malas. Iamos, porém, instruidos para dar preferencia aos homens da companhia braçal, os quaes gozam de bem merecida confiança pela sua provada fidelidade, e que se distinguem dos outros por uma chapa de metal amarello, com o competente numero de ordem, collocada sobre a blusa na altura do peito.

Transportadas as malas para um ponto proximo ao caes, defendido por grades de madeira, logo reconhecemos pelo distico, que havia n'um pequeno escriptorio, que a grande área de terreno, em que estavam depostas as bagagens, era o posto fiscal.

Fóra d'aquelle espaço viam-se muitos carros de mão

para transporte de mercadorias, e trens de aluguer enfileirados para o serviço dos passageiros.

Decorrido apenas um quarto de hora de espera para a revista das bagagens, aproximou-se de nós um empregado fiscal, de porte grave e elegantemente vestido, tendo na lapella da sobrecasaca preta uma roseta encarnada, o qual nos interrogou cortezmente se tinhamos que manifestar; e como fosse negativa a resposta, ordenou a um empregado subalterno, que ao seu lado estava, marcasse com o giz as bagagens: — signal indicativo de que estavamos livres da acção fiscal e podiamos seguir em paz.

O nosso maior desejo era saír o mais depressa d'aquelle descampado, para fugirmos aos ardentissimos raios do sol, que nos abrazava.

Alugámos um carro de mão, e com a maior presteza o braçal da alfandega metteu n'elle toda a bagagem, que lhe haviamos confiado, entregando-nos o seu numero de matricula, unico meio de serem reconhecidos entre a grande confusão dos carregadores.

— Para onde, meus patrões? nos perguntou elle.

— Para o grande Hotel da *Normandie,* rua de Pariz, n.º 106. O hotel ficava um pouco distante do caes.

Pagámos pelo carreto um franco (180 réis) por cada volume grande, e meio franco, ou cincoenta centimos, pelos pequenos.

O grande Hotel da *Normandie* justifica cabalmente o adjectivo com que se condecorou.

Uma larguissima porta dá entrada para extenso e largo corredor, que termina n'um pateo mais largo, em fórma de quadrado, coberto de vidraças na altura do quarto andar. N'esse pateo, que é lageado, ha sofás, cadeiras, mesas, jornaes e uma caixa de correio. No corredor da entrada e á direita, ha pequenos gabinetes reservados para as familias ou pessoas, que não gostam de ir á mesa redonda. Do lado opposto, o grande salão de jantar e o escriptorio, em que se faz a escripturação da casa. Vi á carteira escrevendo, uma senhora ainda nova e de boa apparencia, vestida de preto e ladeada de duas gentis meninas, vestidas da mesma côr. N'esse escriptorio, todo envidraçado, encontram os hospedes tudo que é mister para a escripta, inclusive as estampilhas.

O hotel occupa um predio de quinze janellas de frente em cada um dos seus quatro andares, tendo além d'isso aguas furtadas similhantes ás dos predios de Lisboa, e os telhados de ardosia. O aceio grande, boa a comida e os quartos excellentes. Ha muitos creados e creadas, estas com as suas toucas brancas, esmerando-se todos em attenções e delicadeza — grato desafio á generosa remuneração dos hospedes, e não menos frisante contraste com os creados do *Maria Pia,* que serviam á mesa em mangas de camisa e com a barba por fazer: — eis ahi o que era o hotel.

O dono era o sr. *Desclos,* de estatura regular, e muito activo, apesar da sua rotundidade. Coube-me o quarto n.º 51, e era tal a abundancia de hospedes,

que, dos meus companheiros de bordo, só ali poderam ficar, além dos meus tres amigos, o sr. Leal e sua esposa; D. Maria Sebastiana Negrão; o senhor capitão de artilheria Rodrigues Costa e esposa, e alguns poucos mais passageiros, cujos nomes me não occorrem.

Assim que me alojei, tratei, primeiro que tudo, de saber onde era a casa de banhos. O sr. *Desclos* fez-me acompanhar por um creado a um grande estabelecimento, que ficava a curta distancia do hotel. Darei rapida noticia d'essa casa balneatoria.

No rez-de-chaussée (ao rez do chão) de um vasto edificio, cuja fachada tinha em grandes caracteres: — *Bains* (banhos), era a casa por que eu tanto almejava. Á entrada, n'uma pequena sala, muito simples, mas elegante, deparei com uma carteira ou bufete, junto da qual se achava sentada uma senhora vestida de preto, que, ao aproximar-me, se levantou, cortejando-me amavelmente. Era a dona, ou porventura a caixeira do estabelecimento. Vendeu-me um bilhete para banho de limpeza *garni*, isto é, com roupas brancas e a tina forrada, por dois francos, e um sabonete por cincoenta *centimos*. O sabonete é propriedade do individuo.

O creado, que me designou o quarto, recebeu-me o bilhete e encheu a banheira, que era de zinco, revestida na parte interna de um lençol de linho fino. O pequeno gabinete era confortavel, porque ali não faltavam os adminiculos proprios da *toilette*, além de uma *chaise-longue*. Ao retirar-se o creado, disse-me que, quando me aprouvesse, tocasse a campainha, cujo cordão

me ficava ao alcance da mão, a fim de me trazer a roupa para me enxugar, a qual consistia n'uma ampla camisola de linho, uma outra de flanella, e quatro toalhas de linho fino; — as roupas vinham quentes. Findo o banho, gratifiquei o creado, o qual com a maior cortezia me acompanhou até á porta.

Voltando ao hotel ás quatro horas da tarde, encontrei á mesa, n'um dos gabinetes reservados de que já fallei, o sr. Leal, sua esposa, e a ex.ma sr.a D. Maria Sebastiana, os quaes me convidaram para jantar na sua companhia, a fim de podermos aproveitar o resto da tarde para ver a cidade. Como os meus tres companheiros tinham saído, e sendo o jantar do hotel á mesa redonda ás seis horas, não havia tempo a perder, e sentei-me no quarto logar á mesa. O jantar foi magnifico e os vinhos excellentes.

Findo o jantar, tratou-se de alugar um trem a horas para quatro pessoas. O vehiculo era bom e aceiado.

Em vez de darmos as nossas ordens ao cocheiro, puzemo-nos á sua disposição. Os papeis trocaram-se momentaneamente por uma rasão mui obvia: nós não conheciamos o *Havre,* emquanto que o cocheiro, conhecedor do paiz, — pois que os cocheiros são sempre os melhores *ciceroni* — nos indicou uma linda excursão á *Sainte-Adresse,* cuja descripção farei na seguinte carta, *se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

CARTA IV

Sainte-Adresse

Sainte-Adresse fica nos suburbios da cidade a quatro kilometros de distancia. Sobe-se sempre até lá por uma estrada bem construida em suave espiral.

Uma vegetação esplendida cobre os terrenos adjacentes; impressionam-nos a vista deleitosamente as variadas paizagens com que a natureza enriqueceu com mãos largas aquelle solo, excedendo tudo quanto a fantazia pode conceber. Todo o trajecto é lindissimo, e encantam não só o accidentado do terreno e a pompa da vegetação de um verde em todas as suas cambiantes, como tambem a variedade da cultura d'aquelle uberrimo terreno! Avistam-se sombrios vales, extensos prados, onde se apascentavam lindas e gordas vaccas. Vegetação tão luxuriante nunca vi, que me lembre, a não ser na terra da minha naturalidade — *Ilha de S. Thomé.*

A cada momento nos sahiam exclamações de surpreza em vista de tantas pompas e galas naturaes. A arte porém nada ficava a dever á natureza; já nos lindos e elegantes *chalets suissos*, já nos *kiosques* de gosto oriental distribuidos em magnificos jardins, já nos soberbos edificios, e entre elles a esplendida habitação da rainha Christina de Hespanha, já finalmente nas pequenas habitações adornadas de plantas com as janellas enfeitadas de festões de trepadeiras. Via-se a um lado do caminho *le Stand*, — magnifica escola publica de tiro; lá no alto a elegante capella de Nossa Senhora *des Flots*, onde os visitantes encontram penduradas muitas offerendas votivas dos navegantes que se viram em perigo; e finalmente, no meio de um massiço verde-negro alvejando um enorme monolitho de fórma de um cone ou pão d'assucar, erigido á memoria de um illustre general francez! A cada passo o cocheiro chamava a nossa attenção para alguma belleza natural ou artistica.

O transito foi extenso. Chegámos a uma vasta planicie, d'onde se domina a encantadora perspectiva da cidade e a vasta extensão do canal: estavamos em *Sainte-Adresse*, pequena mas pittoresca villa de 1:860 almas.

Na parte do terreno, onde ha rochas escarpadas se ostentam dois formidaveis faroes electricos, mui parecidos, distanciando-se apenas cem passos um do outro.

Por ser já tarde, e haver-se retirado o respectivo guarda, não lográmos subir ao seu terrado.

Voltámos á cidade por outro caminho, eram seis horas.

Custou-nos a poetica e pittoresca digressão entrando o *pour boire* (gorgeta ao cocheiro) seis francos. Se fosse em Lisboa, o cocheiro não se contentaria certamente com similhante paga, e sabe Deus com quantos epithetos nos mimosiaria! Aquelle porém não só ficou mui satisfeito, mas até nos pediu que o preferissemos n'outra qualquer digressão; para o que nos havia dado previamente o numero do trem com as respectivas instrucções policiaes.

Á noite dirigimo-nos á *La Jetée*, passeio lageado á beira do mar, que occupa uma grande extensão, e onde está situado o telegrapho semaphorico, espaçoso edificio, de fórma circular, adornado d'um mastro muito alto com enxarcias, vergas e galope no mastro. É d'ali que se fazem signaes aos navios, que demandam o porto, afim de conhecerem o numero de pés d'agua, que mede o fundo da barra, em dada hora. Aquelle posto telegraphico é ao mesmo tempo um completo observatorio.

A noite estava de encantar, grande concurrencia de senhoras e homens enchia o passeio da lage, e foi ali que encontrámos casualmente o nosso estimavel capitão o sr. Tomasini, passeando com seus dois filhos, que vinham tambem a bordo. Foi elle quem chamou a nossa attenção para um vapor que, encostado ao caes, trazia suspensas duas luzes vermelha e verde, e que todos os dias pelas nove horas da noite, fizesse o tempo que fizesse, havia de partir impreterivelmente para a costa de Inglaterra. E de feito, eram nove horas, quando vimos o vapor repleto de gente, partindo para o seu destino.

Do passeio da lage fomos discorrendo por algumas

ruas. Entrámos na de Pariz. D'um e d'outro lado lindas lojas bem illuminadas, sobresaindo no effeito as ourivezarias com as suas largas portas e *montres* tão vistosas que captivavam a attenção. A concurrencia era grande pelas ruas.

CARTA V

Pariz 4 de setembro de 1878.

Diz-se geralmente, e é certo, que para os moradores das costas do mar é indispensavel narcotico o embate das ondas, de acostumados que estão a ouvil-o; e que sentem a falta d'aquelle marulho, quando pernoitam longe do mar. Julgo que me succedeu o mesmo em relação á falta do balanço do navio, pois que não sei a que podesse attribuir o pouco que dormi.

Surgiu formosa a manhã do dia 22, o ar estava brando e sereno. Pouco depois das cinco horas estava eu na rua observando o movimento nas praças e mercados, que já era grande áquella hora!

As ruas são largas, bem calçadas, muito batidas e aceiadas, e arborisadas aquellas que chamam *boulevards*.

As ruas ou são feitas de parallelopipedos ou de macadam saibradas, para d'esta sorte se evitar a poeira, que

é no estio o flagello dos habitantes de Lisbôa e Porto em dias de grandes ventanias. Ha grande fartura d'agua que é excellente; nos limites dos quarteirões vêem-se marcos fontenarios, cujos limpidos jorros vão correndo pelas valetas, a que dão o nome de *ruisseau*. A agua d'estas fontes é accessivel a toda a gente, pois que vi creadas, atravessando as ruas para encherem bilhas, que levavam sobraçadas.

Os trens de aluguer, estacionados nas praças são aceiados. Ha muitos omnibus e *tramways* (carros americanos) similhantes aos de Lisboa e Porto, com a differença porém, que no mesmo carro ha 1.ª e 2.ª classe, separadas por uma porta interna de vidraça, sendo os assentos da 1.ª cobertos de estofos de crina preta, e os da 2.ª de madeira como os nossos americanos. O preço da 1.ª classe é 35 centimos (63 réis) e o da 2.ª 15 centimos (27 reis).

O Havre possue magnificos e soberbos edificios, que não offerecem a regularidade monotona dos nossos; pois que entre nós vêr um predio exteriormente com a sua architectura perpendicular, é o mesmo que vêr todos ou quasi todos. Ali não acontece assim: as construcções de cada quarteirão ostentam variados gostos architectonicos, e alturas diversas nos telhados, vendo-se ao lado de um predio de seis andares, por exemplo, outro de tres ou de quatro.

As casas são pintadas a cores differentes, menos a cal, como em Lisboa. Falta-lhes assim o ar alegre, que ostentam as nossas, mas nem por isso são menos bel-

las no conjuncto das suas differentes cores, e sobre tudo não são prejudiciaes á vista.

Entrei com os meus companheiros no *Square Saint-Roch,* no *boulevard de Strasbourg*. É um grande e magnifico jardim cercado de grades altas, onde a opulencia da vegetação rivalisa com o bom gosto.

A disposição dos canteiros de flores, a verdejante relva formando linda e bella tapeçaria, um grande lago com a sua pittoresca ilha, as arvores frondiferas, emfim tudo deleita e encanta o espirito.

Por entre a relva, similhando vastos tapetes, brotam taboleiros elipticos de flores, cuja fórma graciosa, junta aos seus variegados matizes, é de um effeito surprehendente! Quanto póde a arte e o bom gosto!

Este *Square* torna-se notavel, não só pelo seu rico jardim botanico, senão tambem pelo *Aquarium,* que é de grande nomeada, e a que vou consagrar duas palavras.

Em extensas galerias cavadas em grandes massas de pedra, imitando rochedos naturaes, vêem-se atravez de largos e claros vidros em compartimentos cheios d'agua salgada, incessantemente renovada, differentes peixes de varias grandezas, taes como saveis, linguados, cavallos marinhos e outras especies. Tambem se notam sargaços fluctuando, e no fundo conchas, seixos, rochedos, algas maritimas, etc. Uma classificação methodica e scientifica, posta em cada compartimento, indica ao visitante os nomes e as familias d'aquelles individuos aquaticos.

Na parte superior e externa do *Aquarium*, ha um

extenso terrado de asphalto, d'onde se gosa commodamente o aprasivel panorama da cidade.

Fomos d'ali á *Sainte-Adresse,* excursão poetica, de que já fallei, e que, como era natural, maravilhou os meus companheiros.

Chegados á villa, soubemos que acabava de fallecer a rainha Christina de Hespanha na sua linda habitação, a que já me referi.

Fomos em direitura a um dos faroes, e, mediante uma pequena retribuição ao guarda, subimos oitenta e quatro degráos de uma escada em espiral, que ía finalisar no terraço da torre, a qual fica a cento e vinte metros acima do nivel do mar!

Que explendido horizonte! Por baixo a cidade contornada pela sua grande e graciosa curva; os canaes serpenteando por entre as ruas; em frente a barra; e mais perto a praia, onde se tomam banhos do mar.

O guarda informou-nos de que a luz electrica dos dois faroes, em tudo similhantes, sendo quinhentas vezes mais intensa do que a do conhecido candieiro *Carcel,* se avista a uma distancia de dez legoas. O terreno adjacente ás duas torres dos faroes fórma uma larga esplanada, parte cultivada em horta, e parte ajardinada.

Voltando á cidade, fomos visitar o jardim publico, proximo da praça do *Hotel-de-Ville* (Casa da Camara) que é um sumptuoso e elegante edificio. No jardim, onde é costume tocar uma banda marcial ás quintas feiras e aos domingos, ha sempre grande concurso de senhoras, homens e bandos de creanças de cabeças

louras que, brincando descuidosa e alegremente, deixam admirar o vigor e as bellas cores, que attestam a salubridade da cidade do *Havre*.

As mulheres em geral são bellas, e trajam com muita simplicidade e elegancia, gostando de preferencia de cores escuras.

Visitámos o elegante Museu das bellas artes na *Praça dos Estados Unidos*. Á entrada e na parte externa do edificio, depára o visitante com duas soberbas estatuas de bronze bem modeladas. Ambas estão sentadas, e a sua grandeza é de tres vezes a estatura humana. Uma é de *Bernardin de Saint-Pierre*, célebre escriptor francez, e auctor de *Paulo e Virginia*, dos *Estudos da Natureza*, e de muitas outras obras; a outra é do não menos célebre *Casimir Delavigne*, poeta lyrico e dramatico francez.

O Museu é rico, não só de boas telas de pintores célebres, se não tambem de bronzes bem cinzelados, estatuas, e retratos em marmore. A galeria abre-se só ás quintas feiras e aos domingos, das dez horas da manhã até as quatro da tarde.

No centro da cidade vêem-se edificios de gosto, lindos palacios, soberbos templos, sobresaindo o de *Notre Dame* no estylo da renascença e gothico, lojas riquissimas, sendo para notar a que se denomina *Au Dé d'or* (Dedal d'ouro) situada na rua de *Pariz*. Esta loja, que tem sobre a porta um grande dedal dourado, é por sem duvida o mais rico estabelecimento da cidade. Grandes telas de damasco, cachemiras finissi-

mas, chales de lã de camello de subidos preços e muitos outros estofos riquissimos, e artefactos do oriente de cores brilhantes e de primorosos tecidos, eram as exhibições, que desafiavam grande concurrencia, mormente de senhoras.

Possue a cidade muitas praças e algumas de grandes dimensões, entre as quaes sobresae por sua belleza e regularidade a de Luiz XVI, que é ponto de reunião dos negociantes, e onde estão situados o grande Theatro, e o sumptuoso *Café Tortoni,* muito frequentado, principalmente de *touristes* e estrangeiros. O conforto d'este café, a sua admiravel decoração interna, os seus grandes espelhos e tectos dourados, e a sua magnifica sala de trezentos metros quadrados, dão-lhe a primasia sobre todos os estabelecimentos d'este genero que possue a cidade.

O *Havre,* com suas 92:068 almas, tem avultado commercio de importação e exportação com todo o mundo commercial; possue muitos estabelecimentos de industria fabril, sendo grande o movimento da cidade e do porto, defendido pelo *Forte de Trouville,* de *Sainte-Adresse,* e por tres baterias postadas ao pé da praia. O regimento de infanteria, que ali estava de guarnição, era o n.º 129 de linha.

Perto das seis horas da tarde o ceu começou de toldar-se, e algumas gotas d'agua fizeram-nos apressar o passo em caminho do hotel, onde nos esperava um bem servido jantar á mesa redonda. Eram sessenta e seis commensaes entre senhoras e cavalheiros.

O sr. *Desclos,* occupou magistralmente o centro da meza, no desempenho do seu mister de trinchar as varias e appetitosas iguarias, com que nos lisongeou o paladar, ao passo que cinco creados de casaca, e bem barbeados, serviam os hospedes com summa presteza. O serviço foi excellente e abundante, sendo o vinho de mesa o puro Bordeus. Em menos de uma hora tinhamos acabado de jantar!

Tencionando partir para *Pariz* no dia immediato de manhã, pedimos a conta das nossas despesas, importando a de cada um de nós em vinte e nove francos e vinte centimos (5$235 réis) com as gratificações aos creados, e á creada que nos tratou dos quartos.

CARTA VI

Saída do Havre

Normandia

Pariz 5 de setembro de 1878.

Estamos na sexta feira 23 de agosto, oito dias depois da minha saida de Lisboa. Levantei-me ás cinco horas da manhã. Percorri algumas ruas e praças da cidade, e ás seis horas fui com os meus companheiros a uma pequena succursal da empreza dos caminhos de ferro, afim de fazer despachar as bagagens, comprar de antemão os bilhetes, e tomar os logares no omnibus da companhia, que nos conduzisse á gare do caminho de ferro do *Havre* a *Pariz*.

Ás sete e dez minutos estava o expresso a caminho de *Pariz*. Démos o adéus de despedida á graciosa e bella flôr da *Mancha*, cujas recordações viverão em mim por muito tempo.

O comboio era grande, e as carroagens, tanto de 1.ª como de 2.ª classe, muito aceiadas.

Passámos por muitas estações, que difficilmente se podiam vêr, porque o comboio levava grande velocidade; e só parámos em oito principaes, cujos nomes me não foi possivel notar, porque ia embebido na contemplação das pittorescas e esplendidas paisagens, que successivamente se desenrolavam á minha vista.

Que opulenta vegetação, e que variados e surprehendentes quadros!

Se a natureza me não concedeu o talento descriptivo para pintar tantas bellezas, deu-me porém uma alma capaz de sentir, gosar e admirar as suas maravilhas.

Até *Pariz* atravessam-se doze tunneis, quatro dos quaes muito extensos.

Atravez da *Normandia,* rica e florescente provincia da França vão-se avistando varios casaes, logarejos, villas e cidades.

Nas suas extensas veigas, vêem-se pascer manadas de gado bovino, e os famigerados cavallos normandos, regalando a sua corpulencia com os mimosos rebentões d'aquella opulentissima vegetação, que alastra tão abençoado solo;—mais além, grandes rebanhos de carneiros e de irrequietas cabras;—emfim, a cada passo compridas arribanas, densas e longas matas e florestas, entremeadas de algum vinhedo, viçosos valles de um verde em todas as suas gradações; e nas encostas, terrenos bem cultivados em talhões. Não se enxerga palmo de terra que não seja coberto de verdura!

A vegetação é tão exhuberante, que até nos taludes do caminho de ferro não se vê terreno escalvado.

O rio *Sena,* cortando os terrenos em varias direcções, ora apparece aqui, levando como que ás costas uma formidavel ponte; ora desapparece para surgir acolá em voltas graciosas ou em larguras descommunaes; logo se nos defronta, sustentando sobre o dorso barquinhos á vela, rebocadores a vapor, que conduzem grandes lanchas carregadas de mercadorias.

Na extensa margem de uma das voltas do rio avistámos muitas lavadeiras e rapazes, uns banhando-se n'aquellas frescas aguas, outros brincando em baloiços. Os camponezes, que passam para os seus trafegos diarios, mostram-se indifferentes aos silvos da locomotiva, saciados por ventura do longo uso.

O aspecto do terreno, que vamos percorrendo até o limite da nossa jornada, attesta de uma maneira irrecusavel a muita riqueza do paiz da *Normandia,* e a vida laboriosa dos seus habitantes.

Não é tanto para notar-se a exhuberancia de vida no reino vegetal, como maravilha a todos a successão, nunca interrompida, das mesmas galas e opulencia em tão grande tracto de terreno!

Das cidades da *Normandia* apenas me lembro ter avistado a sua capital, *Rouen,* situada n'uma baixa, com a sua magnifica cathedral, cujas torres rendilhadas parecem topetar nas nuvens;—sentindo não ter tomado bilhete para esta notavel cidade, afim de poder

admirar os seus monumentos e preciosidades. Além d'esta cidade, avistámos tambem *Mantes* e *Yvetot*.

Chegámos finalmente a *Pariz* ás onze e meia horas do dia, tendo percorrido 228 kilometros (57 legoas) em quatro e meia horas, isto é 14 legoas por hora.

Saudámos jubilosos a capital da França, o coração da Europa, o fóco das luzes, cujos raios, illuminando o mundo, levam a toda a parte o benefico influxo da sciencia, das artes, da elegancia e do bom gosto.

BIBLIOTHEQUE SAINTE GENEVIEVE

CARTA VII

Em Pariz

Chegámos a *Pariz* pelo caminho de ferro de Oeste, e apeámo-nos na *Gare de Saint-Lazare,* situada na rua do mesmo nome.

Atravessámos algumas salas até chegar á das bagagens. Posto ter sido enorme o movimento de passageiros, nem por isso foi grande a demora, que ali tivemos, pois que os empregados fiscaes, contentando-se com a resposta negativa á sua pergunta — se tinhamos alguma cousa que manifestar — foram pondo signaes com o giz nas malas, como nos havia succedido no *Havre*.

A magnitude da estação, o sem numero de vias ferreas, que n'ella se crusam, e a multidão de passageiros, que chegavam incessantemente em differentes com-

boios, para logo despertaram vivamente a nossa curiosidade.

Mas era forçoso saír d'ali, e tratámos então de alugar á companhia dos caminhos de ferro uma carruagem omnibus com quatro assentos, que nos havia de transportar com as malas para o alojamento, que de antemão nos estava preparado na rua *Boursault*[1] 48, —*Hotel Fenelon, boulevard des Batignolles,* graças ás diligencias do nosso estimavel companheiro o sr. Franco.

O trajecto foi curto, pois que em menos de vinte minutos, estavamos em casa. Pagámos cinco francos entrando a gorgeta ao cocheiro, que ficou muito satisfeito.

Dos quartos, que nos estavam destinados, eram dois no primeiro andar, onde me instalei e o sr. Brunachy, e dois no segundo andar, em que ficaram os outros companheiros. O predio é de dois andares e agoas furtadas, além do rez do chão, onde habitam a sr.ª e o sr. *Petit-Jean,* donos do hotel, pessoas de meia edade, extremamente amaveis, e muito delicadas, como o são os francezes em geral.

Os quartos foram allugados por tres francos diarios cada um, além da luz e do serviço do creado; preço que não póde reputar-se excessivo, attenta a grande affluencia de forasteiros, que acudiram á Exposição.

O aceio e o conforto dos quartos, força é confessar, que não soffrem infelizmente confronto com o serviço da maior parte dos nossos hoteis.

[1] Auctor dramatico francez. Nasceu em 1638 e morreu em 1701.

O meu quarto, que é numero cinco, deita para um pequeno jardim limitado por um pavilhão fronteiro á minha janella. É pequeno, mas muito achegado: um sofá de veludo vermelho e duas cadeiras do mesmo tecido, um guarda-vestidos com grande espelho na porta, um lavatorio, e fogão com seu grande espelho dourado sobre a mesa de marmore, uma pendula dourada sobre uma pequena mesa, reposteiro de lã, cortinas na janella, uma larga e confortadora cama com o seu *edredon,* que é uma grande almofada quadrada e fofissima, por ser feita de penugens de certas aves do norte, emfim um vaso de flores naturaes, corôa o arranjo interno do quarto. Vêr o meu aposento, o mesmo é que observar os dos meus companheiros.

A almofada, a que alludi, serve para os pés da cama, e aquece mais facilmente, que qualquer cobertor de lã, sem o inconveniente do peso d'este.

Mas deixemos o quarto. Estou impaciente por ver *Pariz,* as suas compridas e largas ruas arborisadas, os seus larguissimos *boulevards,* a enorme concurrencia de gente por toda a parte, os seus bellos jardins, os parques pittorescos, os ricos e sumptuosos palacios, que orlam as differentes avenidas, os innumeros e notaveis monumentos d'esta metropole do mundo, d'este foco do bello, que deslumbra, e difficilmente se descreve. Farei ainda assim, quanto caiba em minhas debeis forças, para ir dando dia a dia noticia do que fôr vendo.

CARTA VIII

Quem faz longa jornada, embora pelo caminho de ferro e recostado em fofas almofadas de uma carruagem de primeira classe, quando chega ao logar do seu destino, o que para logo lhe appetece é um banho, tão essencial á hygiene, como ao aceio.

Dirigimo-nos á proxima rua *des Batignolles,* á casa balnearea chamada *Tivoli,* talvez a mais completa n'este genero. N'este estabelecimento hydrotherapico com o seu elegante jardim na frente, ministram-se banhos tepidos ou frios, simples ou *garni,* odoriferos e de vapor, de emborcação, de regador, de choque ou duche, pediluvios, semicupios e emfim banhos turcos e russos com as suas camaras fechadas e as respectivas salas guarnecidas de ottomanas. Para os amadores de

banhos natatorios, offerece o estabelecimento um grande tanque de metro e meio de altura.

As roupas fornecidas aos banhistas são iguaes ás do *Havre*. Do banho fomos ao *boulevard des Batignolles*, arborisado em toda a sua grande extensão, cortado transversalmente pela larga e longa rua de *Roma*. N'uma das extremidades do *boulevard* está o largo de *Clychy* com a sua notavel e monumental estatua, em bronze, do marechal *Moncey*, fallecido em 1842, representado em pé com a espada desembainhada, e que lhe foi erigida em memoria do heroismo, com que defendeu o *Montmartre* em 30 de março de 1814 contra os batalhões russos de *Langeron*, que pretenderam occupal-o.

É d'esta praça que, de cinco em cinco minutos, partem muitos omnibus e *tramways* para os differentes pontos da cidade, além de muitos trens de praça, que estacionam ao longo do *boulevard*.

Eram sete horas da noite, sentiamos a necessidade de nos relacionarmos com algum *restaurant*. Deparou-se-nos na rua *Lacondamine* [1] uma cosinha *burgueza*, muito aceiada e sadia, onde, a concurrencia dos commensaes era grande.

A manhã seguinte despontou triste com seus ameaços de chuva, o que me não impediu de ir tomar um trem, na companhia do sr. Brunachy, ao *boulevard des Batignolles*. Merecem uma menção especial os cocheiros de *Pariz* e os trens de praça.

[1] Sabio francez; um dos que mediram os gráos do meridiano debaixo do equador. Nasceu em 1701 e morreu em 1774.

Os cocheiros trajam fato azul escuro e chapéo alto. São dextros, habeis, cortezes, e sobremaneira discretos, porque conjuncturas ha, em que olham e não vêem. Os trens de praça ou fiacres, em geral, puchados por um só cavallo, são menos aceiados que os nossos.

Quando alguem se aproxima do trem com o intuito de o alugar, o primeiro acto do cocheiro é tirar de um livrinho uma folha, que respeitosamente entrega ao passageiro, onde, entre outras cousas, se indica o numero do carro e a tarifa do preço maximo do aluguer, dentro ou fóra da cidade, segundo fôr para uma corrida, ou a horas de dia ou de noite, e o trem alugado na via publica ou na cocheira. Tambem se indicam as horas, em que começa e finda o dia, relativamente ao inverno ou verão; pede-se ao passageiro, que conserve o numero do vehiculo para o caso de qualquer reclamação, taxa-se o preço das bagagens, não se considerando taes os saccos de viagem ou outros objectos, que possam levar-se na mão, ou que não sejam susceptiveis de deteriorar a carruagem.

E d'este modo, não póde o passageiro jámais ser enganado pelos cocheiros, nem soffrer altercações e scenas vergonhosas, tão frequentes com os nossos cocheiros em Lisboa.

Satisfeito o preço da tabella, e dada uma gratificação ao cocheiro, á qual, por mais exigua que seja, elle se mostra sempre muito reconhecido, o passageiro não tem mais de que preoccupar-se.

O aluguer á hora, sendo de dia e na praça publica, é de dois francos e cincoenta centimos.

Pude vêr durante este passeio no trem n.º 10:408, e a despeito de uma grossa chuva que cahia, muitos estabelecimentos luxuosos, jardins pittorescos, palacios sumptuosos, alguns *boulevards,* e a *Casa da Bolsa,* onde era tão grande o concurso de gente nas galerias externas, e tamanha a vozeria, que se fazia sentir cá fóra na praça, por onde eu passava.

Quando, ao cabo de algumas horas, me recolhia d'este passeio na companhia do sr. Brunachy, já eu podia de algum modo comparar o *Pariz* real com o *Pariz,* que eu fantasiava ao ouvir as descripções d'esta nova Babilonia. E, cousa notavel, d'esta vez pareceu-me que a fantasia era vencida pela realidade!

A uma noite tempestuosa succedeu convidativa e serena a manhã do dia 25.

Ás seis horas estava eu na rua; e excitado pela minha sofreguidão de vêr, puz-me a andar sem destino, e a cada passo me sentia enleiado pelos objectos, que se me iam deparando á vista.

Tomei pela grande rua de *Roma,* que vae dar á *Gare de Saint-Lasare,* e entretive-me tempo esquecido a vêr crusarem-se successivos comboios, que percorriam as extensas linhas da *gare.* Como a referida rua fica alguns metros acima do leito, por onde passam os comboios, e tem parapeitos de ferro com grades em toda a extensão da linha, pude estar com-

modamente, gozando aquella diversão, que attrae ali em todas as horas do dia muitos curiosos.

Ás dez horas dirigi-me com os meus companheiros á Exposição, que íamos visitar pela primeira vez. Era um domingo, e a concurrencia de trens e de vehiculos de todo o genero era enorme.

Pelo caminho atravessámos o magnifico *Parque Monceau* (do qual terei occasião de fallar) e a *Avenida da Rainha Hortensia,* marginada de sumptuosos e lindos palacios, que a embellezam. Esta avenida de descommunal largura, como todas as de *Pariz,* é guarnecida de arvores de um e outro lado em tão grande extensão, que, sendo parallelas, se nos afiguram terminar em angulo lá ao longe, onde se avista sobresaindo magestoso e gigante o *Arco do Triumpho,* situado na *Praça da Estrella,* ponto de partida de doze *boulevards* ou avenidas.

Pouco depois entrámos no largo do *Trocadero,* embellezado com um lindo jardim de fórma circular, com o seu repucho no centro. Topa-se logo, ao entrar n'este largo, com a fachada do palacio, por cuja porta se vae dar á Exposição.

A mó do povo, que atulhava o largo, era tal, que a custo pudemos aproximar-nos d'um dos muitos escriptorios, em que se vendiam os *Tickets,* bilhetes de entrada para a Exposição; cada um dos quaes custava um franco.

Penetrando no vestibulo do palacio, saímos por uma porta, que dava para a larga e extensa área, que con-

stitue o jardim, ficando em frente o elegante palacio do *Campo de Marte,* onde é propriamente a Exposição. Assim o *Trocadero* e o *Campo de Marte* constituem um vasto rectangulo, cortado pelo rio *Sena,* cujas margens são ligadas pela larguissima e formosa ponte de *Iena,* que commemora a victoria alcançada por Napoleão I aos Prussianos nas proximidades da cidade de *Iena* em 1806.

Toda aquella vasta área, constantemente cheia de gente, é semeada de ruas, que se crusam em differentes direcções, por onde os olhos se não fartam de vêr e admirar construcções originaes de varias fórmas e estylos: aqui pavilhões tunezinos, marroquinos e japonezes; acolá bazares luxuosos com artefactos do oriente, casas egypcias, pavilhões chinezes, siamezes e persas; mais além taboleiros de flores de varias cores, relvas de um verde admiravel, estatuas, kiosques de gostos differentes, e pittorescos caramanchões. Não é menos para admirar a profusão de cafés, *brasseries* ou *cervejarias, restaurants,* buffetes, *chalets,* e a multidão de bancos e sofás de madeira e de palha, cobertos de toldos enlistados a cores, e de cadeiras de ferro pintadas de amarello, casando-se assim a commodidade e o deleite para os visitantes da Exposição.

Tentemos, ainda que a traços largos e fugitivos, esboçar os dois palacios fronteiros, começando pelo do *Trocadero* na fachada que olha para o jardim.

É um edificio, que póde considerar-se formado de tres corpos; um central e dois lateraes. O do centro

é um simi-circulo convexo, composto de tres galerias sobrepostas, terminando a ultima em arcadas. Por cima d'estas se eleva o zimborio, que cobre a grande sala das festas, conferencias etc. O zimborio com as suas largas janellas formadas por columnas é flanqueado por duas torres octogonas de altura de setenta metros aproximadamente.

De cada lado da grande rotunda se elevam dois pavilhões, d'onde partem duas azas ou galerias ornadas a distancias com pequenos pavilhões, formadas em arcos concavos de quatrocentos metros de extensão, rematadas simetricamente por dois grandiosos pavilhões. Estão n'estas galerias os museus de antiguidades.

De uma abertura do corpo central cae sobre uma grande bacia de pedra um largo lençol d'agua, que alimenta muitos repuchos, os quaes formam jogos d'agua de um effeito admiravel! Os quatro angulos da referida bacia estão decorados com quatro estatuas douradas, do tamanho natural, representando o *Boi*, o *Cavallo*, o *Elephante*, e o *Rhinoceronte*.

Na passagem da ponte para o *Campo de Marte* é surprehendente o panorama, que o *Sena* offerece á vista, até onde esta póde alcançar! Lá em baixo é enorme a quantidade de embarcações pequenas, e innumeros vapores que, a cada instante, conduzem visitantes para a Exposição, para onde, além d'este meio de transporte, ha tambem carruagens publicas, omnibus e *tramways*, e caminho de ferro de circumvalação—*Saint-Lazare*.

Transposta a ponte, estamos, como já disse, no *Campo de Marte,* em frente do *Palacio da Exposição,* que occupa um rectangulo de setecentos e cincoenta metros de comprido, sobre trinta e cinco de largo, além do espaçoso terraço que o precede, guarnecido com muitos bancos e sofás de madeira. A fachada do Palacio, que olha para o do *Trocadero,* é embellezada com uma larga varanda no pavilhão de *honra,* que sobresae no centro, encimado de um frontão com um escudo d'armas, em que estão esculpidas as lettras R. F. (Republica Franceza) tendo na parte superior a palavra—*Paix* (Paz) e na inferior—1878.

Vinte estatuas collossaes de marmore, personificando as nações expositoras, se acham enfileiradas, ao rez do chão, de uma a outra extremidade da fachada, e em cujos angulos se erguem dois vistosos pavilhões, fazendo simetria com outros eguaes nos angulos posteriores. No cimo d'esta fachada desfraldam-se aos quatro ventos do ceu innumeras bandeiras e galhardetes de todas as nações, como que convidando-as ao grande certamen da civilisação.

Tal é o aspecto exterior do *Palacio do Campo de Marte.*

Parallelo á fachada corre o grande vestibulo do Palacio, onde se abrem, embandeiradas, as galerias que conduzem ás differentes secções dos povos expositores. É parallelamente a estas galerias que se abre a grande rua denominada das *Nações,* porque com ella fazem frente as fachadas dos edificios, que representam

as diversas nações expositoras. Estas fachadas, offerecendo uma perspectiva admiravel pela variedade de especimens de architectura, dão igualmente accesso ás salas da Exposição.

A fachada portugueza, notavel pelo seu estylo manuelino, por ventura pouco conhecido no estrangeiro, era a admiração dos visitantes. Copia fidelissima era ella do portico da Igreja de Santa Maria de Belém.

Antes porém de penetrar propriamente na Exposição, somos obrigados logo no vestibulo, a admirar a excellente estatua de bronze, de tamanho natural, representando a cavallo o *Principe de Galles*. As riquissimas joias da corôa ingleza, bem como os preciosissimos e variados presentes, que offereceram ao Principe os *Rajahs* da India, quando foi visitar esta parte da região do Oriente, são dignos de admiração e de pasmo!

Além d'estes, muitos outros objectos de subido valor artistico se achavam expostos n'aquella salla de entrada.

CARTA IX

Não posso, não sei referir tudo quanto vi nas minhas visitas ao *Palacio da Exposição;* nem isso fôra possivel, ainda a uma intelligencia mais cultivada do que a minha. Seria preciso ser encyclopedico nas sciencias e nas artes, e sobretudo possuir em alto gráo a sublime faculdade do gosto. No *Palacio da Exposição* acha-se como que a resultante de todos os productos das artes, as ultimas applicações das sciencias, as multiplices manifestações do util e do bello, os fructos comparados da civilisação dos povos na sua evolução atravez do espaço e do tempo.

Todas as vezes que visitei este assombrozo repositorio do saber humano, tive sempre que aprender, sempre que admirar. Mas do que aprendi e admirei, hei

de somente esboçar a fugitivos traços uma ou outra cousa, que a memoria me fôr offerecendo no decurso d'estas cartas.

Para tela tão vasta e assumptos tão variados, é infelizmente muito pobre a minha palheta, bem fracas as minhas tintas. Não quero enriquecer-me á custa alheia, plagiando seja o que fôr das descripções e criticas, que á cerca da Exposição de *Pariz* enchem já aos milhares os jornaes e livros de todo o mundo; nem a indole d'estas cartas comportaria uma menção minuciosa e especificada, não digo da Exposição, mas do que n'ella me foi dado apreciar.

Sirva-me de escudo contra a critica, menos benevola, esta ingenua declaração, e enfiemo-nos sem mais demora por uma das galerias, que vão do vestibulo ás secções das industrias das nações.

O coração de portuguez guia instinctivamente os nossos passos para a secção portugueza. Onde está ella?... A Exposição é um labyrintho, é um dedalo perfeito para os visitantes novatos. Vamos perpassando em respeitosa continencia por defronte de varias secções estrangeiras. Eis ali emfim a nossa, quasi só notavel pela fachada esbelta e graciosa do Templo dos Jeronymos!

Entremos.

Que poderei eu dizer, sem faltar á verdade, do nosso concurso ao grande certamen travado por tantas nações, ao immenso bazar que se chama a *Exposição do Campo de Marte?* Tinhamos ali productos dignos

de menção, e que podéssem pleitear preferencias com os de outras nações? Tinhamos por certo; mas infelizmente dispostos d'um modo pouco grato á vista. A ausencia de arte e de gosto na sua disposição e arranjo eram objecto de geral reparo.

Na arte a fórma, se não é tudo, é indubitavelmente a poesia seductora e resplandecente que falla immediatamente aos sentidos; aquella falta concorreu para que fizessemos apparentemente uma figura secundaria, tanto mais para estranhar, quanto é certo haverem presidido á nossa secção cavalheiros muito illustrados, alguns até competentes e de boa critica em cousas d'arte. De quem foi a culpa? Dos commissarios? Dos expositores?... *Dicant paduani.*

Por fortuna o annexo, em que estavam expostos os productos das nossas Provincias Ultramarinas, attenuou até certo ponto aquella má impressão, porque as cousas ali estavam dispostas methodicamente e com bom gosto.

Os nossos vinhos, que indubitavelmente gosam de boa fama pelo seu valor intrinseco, podiam, mais bem dispostos, attrahir muita attenção. A Hespanha construiu n'um annexo uma especie de cathedral espaçosa e muito elegante, forrando-a interiormente com as garrafas de seus vinhos. Pois era esta engenhosa concepção o que attraía ali constantemente um concurso tão grande de visitantes a admiral-a, que parecia uma verdadeira romaria.

Na nossa exposição ha um pequeno recanto, a que

só por antiphrasis chamarei secção das bellas artes: tal é a sua pobreza.

Vêem-se ali alguns quadros, entre os quaes tres retratos a oleo saídos do vigoroso pincel do sr. Lupi, um dos artistas mais distinctos do nosso paiz, e professor de pintura historica da Academia das Bellas Artes de Lisboa. O que representa o fallecido Visconde de Castilho, uma das glorias da nossa litteratura contemporanea, recommenda-se não só pelo bem cuidado estudo do rosto, que é a parte mais difficil de qualquer desenho, por ser a séde da expressão, se não tambem pelo brilho do colorido e pela transparencia das tintas. Não sei se o distincto pintor expoz mais alguns quadros; vi sómente os que ficam mencionados, e por isso eu quizera que o nosso academico tivesse enviado quadros de sua composição, cujos assumptos fossem tirados da historia nacional ou de costumes do paiz, pois que para tanto lhe sobram talento, viva imaginação e estudo para compôr e agrupar.

Não deixarei no esquecimento uma esculptura do sr. Soares dos Reis — *O Artista na infancia:* é uma estatua em escorço, representando um rapaz sentado, traçando no chão arabescos com um ponteiro. O estudo da expressão, e a attitude da académia revelam grande genio. Na expressão, cuja fugacidade de movimentos e affinidade de traços são communs a paixões, ás vezes contrarias, é que se revela o genio do artista, mormente na estatuaria. A meu vêr, o sr. Soares dos Reis logrou exprimir a sua concepção, que é original e de feliz arrojo artistico.

Entre os productos da nossa actividade n'aquelle generoso combate industrial, mais alguns tenho como dignos de especial menção.

Talvez, em mais pausadas visitas, possa especificar muitos outros, pois que a primeira inspecção foi só para formar uma idéa geral da Exposição, quanto era possivel no espaço de seis horas, e ainda assim quasi sempre a correr.

CARTA X

No dia 26 tratei de relacionar-me com o meu banqueiro o sr. *Gustave Bossange* na rua *Quatro de Setembro* n.º 16 e tive o desgosto de saber que estava ha mezes no campo com sua familia. A sua falta porém não me prejudicou, porquanto os seus empregados, que me acolheram com a delicadeza e amabilidade que caracterisam os francezes, puzeram-se ao meu dispôr, satisfazendo com a maior promptidão todas as minhas exigencias; para o que eu levava uma carta de credito do honrado negociante de Lisboa o sr. Luiz Nunes Borges de Carvalho.

O meu amigo o sr. Joaquim Pires de Souza Gomes, distincto engenheiro portuguez, obsequiou-me com uma carta de recommendação para o sr. *Coopman* com ca-

sa de commissões na rua *Bleue* n.º 12. Fui procural-o. O sr. *Coopman* é um d'aquelles homens, que inspiram sympathia logo à primeira vista. É de origem allemã, mas verdadeiro francez pelo coração e nascimento. É alto, corpulento e louro, de physionomia aberta e expressiva, vestindo-se com elegancia, deixando ver n'uma das casas do seu frak preto uma fita encarnada. Em virtude da carta do meu amigo Pires, o sr. *Coopman* fez-me tal acolhimento e taes serviços, que jamais poderei esquecer. Poz á minha disposição para me acompanhar todas as vezes que eu quizesse um dos seus guarda-livros, o sr. Rodolpho, que é russiano de nação, vive aqui ha cinco annos, e falla bem a lingua franceza. O sr. Rodolpho é moço de 22 annos, delgado, um pouco macilento, vivo e intelligente, amigo dos prazeres e *incensador de mil deidades,* como succede a quasi todos os mancebos d'este temperamento sobre tudo vivendo em *Pariz,* onde ha tantas seducções.

Quando estava com o sr. *Coopman* appareceram os meus tres companheiros de casa, que logo travaram relações com este cavalheiro e com o sr. Rodolpho, com o qual ficou combinado, que o procurariamos no dia seguinte.

Tomámos depois pela rua *Lafayette*[1] e em seguida

[1] Marquez de Lafayette foi grande patriota, e tornou-se celebre na parte activa que tomou pela independencia da America do Norte, e nas revoluções de 1789, e 1830. Nasceu em 1757 e morreu em 1834.

pela de Londres, parando a cada passo para admirar o aceio e a largura das ruas e os innumeros e variados objectos d'arte e de industria, que em cada loja provocavam a attenção. A concurrencia de gente e de trens era tamanha, que para atravessar as ruas, era preciso ser muito lesto.

Ao recolhermo-nos á noite, deparou-se-me ensejo de conversar mais de espaço com os meus amaveis hospedeiros; porque ordinariamente saíamos cêdo, e recolhiamo-nos tarde.

Estavam M.me e Mr. *Petit-Jean* na sua sala, ao rez do chão, quando entrámos. M.me offereceu-me amavelmente uma cadeira, abrindo conversa acerca de alguns factos da sua vida, do governo da sua casa e especialmente do cruciante martyrio de aturar creadas.

— Não se podem aturar, dizia M.me, principalmente agora com a republica;—julgam-se eguaes ás amas.

— Mas, perdão, minha senhora, não me parece que a republica quebre os laços de obediencia, que o serviçal deve ao seu amo, lhe observei.

— Assim deveria ser; ellas porém dizem, dando se uns ares de importancia, que isso já lá vae, porque agora estamos no reinado da *liberdade* e da *igualdade*.

— Isso não é assim, accudiu o sr. *Petit-Jean*, os creados em todos os tempos foram difficeis de aturar; são inimigos necessarios, mas sempre inimigos.

A conversa teve de tomar outra direcção com a presença da creada, que, vindo de levar a luz aos meus companheiros, se metteu toda lepida a fallar comnosco.

A sr.ª *Petit-Jean,* que não gostou que a creada se envolvesse na conversa, lançou-me um olhar significativo, como quem queria dizer-me: —Vê; que lhe dizia eu? —De toda a conversa deprehendi que a minha excellente hospedeira não era affecta á forma republicana.

Por fim dei as boas noites e recolhi-me ao meu aposento, porque tinha precisão de coordenar os apontamentos colhidos durante o dia.

Ás nove horas do dia 27 estavamos a caminho do escriptorio do sr. *Coopman,* e quando lá chegavamos ás dez horas já nos aguardava o sr. Rodolpho. Foi pontual.

Fomos fazer compras. Entrámos em grandes e sortidos armazens, em differentes lojas luxuosas, e em vastas camisarias, onde ha tudo que é concernente ao *toilette* de homem. Os empregados são sobremaneira attenciosos e delicados, acolhem os freguezes com toda a amabilidade, e d'elles se despedem com a mesma cortezia, sem que para isso influa a circumstancia do visitante dispender ou não qualquer quantia no estabelecimento.

Era a hora de almoçar e fomos a um dos melhores *restaurants* á escolha do nosso *ciceroni.* Em *Pariz* toma-se café sem leite pela manhã, almoça-se á uma hora, e só das seis em diante é que começam os jantares em todos os *restaurants* e hoteis. O habito é geral até entre os operarios.

Depois do almoço, e por indicação do sr. Rodolpho, alugámos dois trens a horas, com o fim de vêr as prin-

cipaes ruas, *boulevards,* praças e alguns monumentos mais notaveis, se para tanto nos sobrasse tempo.

Entrámos na *Praça da Estrella,* surprehendente por sua belleza e fórma circular; no meio eleva-se o magnifico *Arco do Triumpho,* que me abstenho de descrever, porque não ha quem o não tenha visto em photographia, gravura ou lithographia. Entre os baixos-relevos e os trophéos que o adornam, o que representa a partida do exercito, em 1792, é incontestavelmente a pagina mais brilhante da architectura contemporanea.

O arco, cujo interior encerra vastas salas, tem uma escada em espiral, que conduz ao terraço, e de cujo elevado cimo estivemos gozando um dos panoramas mais esplendidos e pittorescos, que tenho visto; pois que d'ali se domina toda a vastissima cidade de *Pariz* e seus arredores.

A *Praça da Estrella* ainda se torna notavel, porque dos differentes pontos da sua circumferencia partem doze *boulevards* e *avenidas* arborisadas em toda a sua longa extensão. Á noite, quando illuminada por cincoenta e quatro elegantes candelabros a gaz e a luz electrica, toma um aspecto magico e encantador.

D'ali seguimos para o *Panorama,* situado na grande *Avenida dos Campos Elysios,* proximo ao *Palacio da Industria.*

O edificio do *Panorama* é elegante e de fórma circular, guarnecido de columnas á roda e de figuras allegoricas. Custa dois francos a entrada. A escada conduz a uma vasta sala circular, onde se ostentam

vistas representando o cerco de *Pariz* durante a guerra franco-prussiana, e em que o pintor reproduziu maravilhosamente uma das paginas mais afflictivas d'aquella ingente lucta, cujo maior golpe foi *Sédan*.

Todas as figuras e os objectos expostos no *Panorama* eram de uma illusão perfeita, tornando-se notaveis pela sua muita fidelidade, soberba perspectiva, e longes admiraveis.

Um dos hoteis mais esplendidos e grandiosos de *Pariz* é o *Continental*, e com rasão encontrámos lá um grande numero de pessoas a admirarem o luxo e a riqueza d'aquella casa, da qual bastam para nos encantar os soberbos frescos de suas paredes. Custou aquelle estabelecimento vinte milhões de francos, comprehendendo o terreno em que está edificado.

Estivemos na formosa e extensa rua de *Rivoli*, assim chamada, por commemorar a batalha ganha em 1797 por Napoleão I aos austriacos na cidade de *Rivoli* (Italia).

Passámos pelas ruinas do palacio das *Tulherias*, com o seu jardim gradeado e notavel pela sua grande extensão; fórma este edificio um só corpo com o palacio do *Louvre*, que lhe é contiguo, onde está o Ministerio da Fazenda e o riquissimo museu, de que terei occasião de fallar.

De fronte ficam o magnifico palacio do Conselho de Estado e o Tribunal de Contas, e proximo o *Hotel du Louvre* com os seus ricos e espaçosos armazens, sempre concorridos de curiosos ou de freguezes, tendo ao seu serviço dois mil empregados; o bello sexo princi-

palmente sente-se irresistivelmente fascinado e attraido pela riqueza dos artefactos de luxo, que estão ali expostos á contemplação publica.

A rua de *Rivoli* não é sómente notavel pela grande regularidade e symetria de seus predios: o que mais a recommenda, é a arcaria que em todo o seu grande comprimento se levanta junto ou ao pé dos *rez-de-chaussées* das casas, formando galerias cobertas, por onde passam successivas ondas de povo, admirando as exhibições dos differentes estabelecimentos commerciaes.

Ali tambem se vê o *Palais-Royal,* tão fallado; mais além a *Torre de S. Jacques,* recommendavel pela sua altitude e belleza architectonica.

Vimos depois o *Banco de França*, o *Credit Lyonnais,* bello e espaçoso edificio situado no *boulevard dos Italianos,* e tomámos d'ali pelo *boulevard Poissoniére*, de trezentos e cincoenta metros de extensão, de uma descommunal largura, e arborisado como os outros *boulevards,* que com elle se ligam, e se denominam *boulevards interiores ou grandes boulevards.*

Vêem-se á direita e á esquerda ricos e vastos armazens, bem sortidos de artefactos, cuja variedade e boa ordem desafiam a attenção do mais indifferente.

Maison Marguery é uma das celebridades culinarias, émula do *Magny, do Bignon, e Peters,* potencias egualmente culinarias da actualidade, que imperam com appetitosas e finas iguarias sobre os paladares ainda dos mais exigentes gastronomos.

Aquella casa, composta de tres andares, tem em fren-

te do *rez-de-chaussée* uma varanda coberta de toldo, occupando metade do passeio, que é de sete a oito metros de largura, cheia de mezas alvejantes de finissimas toalhas, e guarnecidas de todos os utensilios, sem lhe faltarem os vistosos e elegantes *sur tous* com os respectivos ramilhetes de flores naturaes. Come-se ali ao ar livre, á vista da multidão que cruza os *boulevards*. Fui informado, de que a dona do hotel paga uma somma fabulosa ao municipio pela concessão d'aquelle pejamento sobre o passeio.

Entrando-se no *rez-de-chaussée*, era para vêr a quantidade de senhoras e homens, que estavam ás mesas! Os logares da varanda e da parte interna da sala estavam todos occupados. Valeu-nos um creado que nos indicou uma mesa no segundo andar, onde, ainda assim, já era grande a agglomeração de gente.

Em todos os andares estava á entrada, sentada a um bufete, uma senhora — *dame de comptoir* — que vendia os bilhetes de admissão áquelles esplendidos jantares. A topographia da sala e os seus ornatos, por complicados, se tornam quasi indiscriptiveis.

A sala é ornada de grandes espelhos em molduras douradas, deixando entrever nos seus intervallos as paredes cobertas de porcelana azul, com baixos relevos de arabescos chinezes orlados de filetes côr de ouro. Os tectos egualmente de porcelana azul, com diversos ornatos em relevo, a luz jorrando dos candelabros dourados, os espelhos multiplicando a sala, as mesas com os seus adornos, as porcellanas com o brilho

do seu esmalte, emfim, as *toilettes* vistosas e variadas das senhoras reflectindo-se nos espelhos,— todo aquelle conjuncto era de um effeito admiravel e deslumbrante.

Para não provocar appetites, dispenso-me de transcrever a lista dos pratos d'aquelle opiparo jantar. Só direi que a cada iguaria se servia um vinho especial, e que depois dos gelados e da sobremesa, acabamos por saborear o excellente café na inseparavel companhia de um soberbo charuto, cujas nuvens de fumo, carregando demasiado aquella atmosphera, nos advertiram que era preciso saír a passear.

Fomos até ao largo da *Grande Opera,* cuja *avenida* é illuminada a luz electrica em elegantes candieiros de vidros foscos. É de um lindissimo effeito o contraste d'aquella luz, imitando na intensidade, na suavidade e no brilho a luz matutina do sol, com a do gaz, cujos candieiros se entremeiam com os d'aquella. Parecem luminarias a cores.

Pariz mostra-se de noite. É de noite que elle mais brilha e seduz. As ruas bem illuminadas com uma dupla e vasta fileira de candieiros, e o gaz abundante das lojas de commercio, dando relevo brilhante aos innumeros objectos tentadores expostos nas vitrines, são incentivo poderoso para a multidão, que enche as ruas a ver esta especie de basar permanente, são uma seducção para a gente de gosto e de dinheiro, que a cada passo dá com os olhos n'um objecto interessante ou luxuoso.

Mas é nos *boulevards* interiores principalmente, que se acham esses demonios tentadores do bello sexo. É ali que se exhibem os vestidos e enfeites do mais apurado gosto, e onde estão as modistas mais afamadas, que dão a lei e o tom ao mundo elegante.

Assim passámos admiravelmente bem a noite.

CARTA XI

No dia 28 fui á rua *Soufflot*, n.º 20, na margem esquerda do rio, onde, n'um primeiro andar elegante e cheio de conforto, habita um compatriota e amigo, que havia muito eu não via. É o sr. doutor José Tavano, filho de uma das nossas Provincias Ultramarinas d'Africa occidental, residente em *Pariz* ha muito tempo.

Duas palavras ácerca do doutor Tavano e da origem das nossas relações.

Em 1843 fui seu companheiro de collegio em Lisboa, e mais tarde, em 1852 tornámo-nos a reunir em Coimbra.

Eu segui a carreira universitaria; o sr. doutor Tavano, porém, por occasião dos estudantes sahirem de Coimbra no mez de março de 1854, em numero de trezen-

tos e tantos por effeito de grave desordem[1] entre elles e o povo d'aquella cidade, não voltou mais a Coimbra e veio formar-se em medicina em *Pariz*. Casou com M.me *Lucie*, com quem partiu para o Rio de Janeiro, onde, depois de defender theses, exerceu a sua profissão com tal successo, que grangeou uma fortuna, que lhe proporcionou o voltar a viver confortavelmente em *Pariz*.

O doutor Tavano possue ainda bens n'aquelle imperio, onde deixou uma casa de saude por elle instituida, na qual os seus compatriotas portuguezes, quando atacados de enfermidade, encontram sempre abrigo, conforto e caridade. A sua bolsa tambem nunca se fechou aos desvalidos. Estes serviços humanitarios, que são publicos e notorios, foram galardoados com uma condecoração do nosso governo.

Ao contrario do que é vulgar nos homens, que mudam com a fortuna: — humildes e sujeitos, quando adversa, soberbos e insolentes, quando prospera — os avul-

[1] Desordem conhecida entre os estudantes d'aquella epocha pelo nome de *entrudada*, porque uma brincadeira de entrudo lhe deu origem. Tambem a denominam a *thomarada* pela razão de terem os estudantes permanecido na cidade de Thomar por espaço de oito dias, aguardando as ordens do governo, que, não permittindo que elles entrassem em Lisboa uniformisados de capa e batina, ordenou que voltassem para Coimbra com a promessa (que se realisou) de que lhes seriam abonadas as faltas que deram nas suas respectivas aulas, e demittidas as auctoridades civis e o Reitor da Universidade.

tados meios do doutor Tavano em nada alteraram o seu caracter. Encontrei n'elle o mesmo animo, a mesma familiaridade e o trato igual e cordeal de outros tempos.

M.me *Lucie Tavano*, nova ainda e sympathica, captiva pelas suas affaveis maneiras e elevada educação. É esbelta, extremamente elegante, e veste com a simplicidade que distingue a elegancia parisiense. Vive na sua companhia M.elle *Juliette* sua irmã, igualmente esbelta, espirituosa e de maneiras mui gentis. A prodiga riqueza de seus lindos cabellos côr de fogo com reflexos de ouro, realça-lhe o rosto claro e sympathico.

Quando cheguei á casa do meu velho amigo, despedi o meu trem, pois que o doutor Tavano poz ao meu dispor o seu *landau* puxado a dois cavallos.

Acompanhou-me n'esse dia á Legação Portugueza, aonde ia pela primeira vez, afim de apresentar os meus respeitos ao nosso ministro o Ex.mo sr. Conselheiro José da Silva Mendes Leal, e cumprimentar o meu amigo o Visconde de Ferreri, addido á mesma Legação.

Passando em uma das pontes do Sena para a margem direita, tomámos pela *Avenida* de *Friedland*[1].

No primeiro andar de um magnifico predio n.º 30 d'esta *Avenida* é a residencia do ministro, e no *rez-de-chaussée* está a Chancellaria da Legação.

O sr. Mendes Leal, havendo-se retirado da cidade

[1] Assim chamada de uma cidade prussiana, onde os russos foram batidos por Napoleão I em 1807.

para *Cauterets* com a sua familia, substituia-o o primeiro secretario o sr. Conde de S. Miguel, homem ainda novo, de maneiras distinctas e amaveis, como convém a um funccionario que tem de estar em contacto com a gente mais grada de *Pariz*.

Na Legação estavam alguns compatriotas nossos, e entre elles o Visconde de Ferreri, o qual se mostrou agradavelmente surprehendido com a minha estada em *Pariz* e com quem me demorei alguns agradaveis momentos conversando, ora ácerca da mãe patria e das suas cousas publicas, ora a respeito das minhas impressões ácerca da cidade de *Pariz*.

Da Legação tomámos para a Praça da Estrella, e d'ali pela *Avenida principal* dos *Campos Elysios*, que é bordada de cada lado e em toda a sua extensão de dois renques de frondozas arvores, de sorte que os terrenos asphaltados, que ficam entre as aléas, permittem o transito aos peões, desde o *Arco do Triumpho* até á vastissima e soberba *Praça da Concordia*, sem receio algum de serem atropellados, porque os trens só giram na estrada do meio, ou nas *Avenidas* transversaes.

Os *Campos Elysios* são um dos passeios mais aristocraticos e concorridos de *Pariz*. A *Avenida principal* é de um effeito surprehendente, mormente das quatro horas da tarde em diante, quando começa a encher-se de trens, cavalleiros e amazonas! Os passeios asphaltados ficam litteralmente cobertos de curiosos, que vão disfructar as innumeras filas de carroagens,

que se crusam incessantemente. Nas duas orlas da *Avenida* está uma infinidade de cadeiras e poltronas, offerecendo mediante dez centimos (18 réis) grande commodidade ás senhoras e cavalheiros. São aos bandos os *dilettanti*, rindo, admirando, ou *fazendo espirito*, ora das damas elegantes, que perpassam em vistosas carruagens ostentando um luxo aziatico, ora das graciosas amazonas montadas em ligeiros *horses* flanqueadas de alas de cavalheiros em fogosos ginetes, ora das filas de humildes *fiacres* ou trens de praça.

Os *Campos Elysios* abrangem grande area de terreno, e em todo o amplo espaço adjacente ás aléas de arvores, vêem-se jardins com lindos taboleiros de flores; fileiras de botequins de um e outro lado, cafés concertos; *restaurants* de variadas denominações e gostos; pavilhões para concertos; theatros; jogos gymnasticos; baloiços; carrinhos para creanças puxados por carneiros, e muitos outros brinquedos, que constituem o paraizo d'esses bandos de louras cabeças, que enxameam aquelle aprasivel passeio.

De um dos lados ostenta-se magestoso o elegante *Palacio da Industria*, tendo em frente a *Avenida* que vae direita ao jardim do *Palacio do Elyseu*, residencia do Marechal *Mac-Mahon*, actual presidente da Republica.

Além de varias fontes ornadas de estatuas elegantissimas, abre-se no percurso e a certa distancia da *Avenida Principal* dos *Campos Elysios* um grande terreno circular, a que chamam o *Rond-point* (ponto ou largo redondo) com seis repuchos repartidos para ca-

da lado d'aquella *Avenida*, os quaes prendem a attenção, porque as aguas, saindo por innumeros tubos, cujo conjuncto parecendo uma *alcachofra*, produzem effeito surprehendente.

Depois de termos percorrido toda a extensão da *Avenida*, saímos pelo lado que deita para a grande *Praça da Concordia*, e só parámos no *Palais Royal* (Palacio Real) onde entrámos.

Este immenso palacio, que fôra primitivamente patrimonio e residencia do Cardeal de *Richelieu*, e por este doado a Luiz XIII, é hoje propriedade nacional. Tem dentro um grande jardim bem arborisado em fórma de parallelogrammo, e no centro um immenso lago ou bacia com seu vistoso repucho em fórma de cogumelo. Cercam o jardim, que é publico, quatro galerias cobertas, nas quaes se acham estabelecidas muitas lojas de objectos de ouro, *plaqué*, prata, pedras preciosas, muitos *restaurants*, cafés, casas de cambio, bazares, livrarias, quadros, muitas photographias, etc.

O *Theatro Francez*, e o do *Palais Royal* estão no mesmo edificio.

O *Palais Royal* é o *rendez-vous* dos estrangeiros: ali vêem-se mouros com os seus alvos turbantes, hebreus, persas, adornados de pittorescos trajes, chins com os seus longos e sedosos bigodes, marroquinos, etc. Umas mulheres de côr preta, naturaes da ilha de Madagascar, chamavam a attenção dos curiosos pelo aceio e pela elegancia da sua estatura e apparencia vistosa dos

toucados que, em fórma de turbante, lhes molduravam o rosto de feições regulares.

A concurrencia nas quatro galerias e nas passagens chegava a ser incommoda.

CARTA XII

Para me orientar ácerca das principaes arterias da cidade, entendi que o melhor meio era ir a pé á nossa Legação, sem me preoccupar da grande distancia que a separa da minha morada.

O dia 29 amanheceu esplendido, e o sol canicular de agosto mal se supportava; mas eu tinha diante de mim uma cidade toda plana, e além d'isso sou um caminheiro dos mais infatigaveis.

Puz-me pois a andar pela extensa rua de *Roma,* notando de passagem o elegante e magestoso *Collegio Chaptal,* e a grande Estação de *Saint-Lazare,* por onde giravam muitos comboios, como que enfeitados de altos pennachos de rolo de fumo, e tomei no fim pelo *boulevard Haussmann,* indubitavelmente um dos mais extensos dos *boulevards* interiores, que tira o no-

me do Barão de *Haussmann* (ainda vivo) o qual, sendo Prefeito do Sena durante o segundo imperio, se consagrára infatigavel ao progresso da cidade, que deve a este funccionario muitos dos seus melhoramentos e bellezas materiaes.

A pratica aqui introduzida, creio que de longa data, de denominarem as ruas e praças pelos appellidos de homens, que se ennobreceram nas sciencias, artes, e nos serviços relevantes ao seu paiz, e aos quaes se não puderam erigir estatuas, acho-a não só louvavel, senão tambem mui digna de imitar-se, por ser proveitosa como lição e ensinamento. Ao passo que serve para rememorar os que nas canceiras da vida se ennobreceram, é exemplo e estimulo ás gerações por vir.

Devo mencionar, já que vem aqui a pêlo, que todas as capitaes do mundo são assignaladas em *Pariz* por uma rua ou praça; por exemplo, á *Praça da Europa* convergem as ruas de *Vienna, Londres, Berlim, S. Petersburgo, Constantinopla* e de *Madrid*. É uma lição pratica de geographia.

O *boulevard Haussmann* finalisa na *Avenida de Friedland,* para onde eu me encaminhava. Não sei ao certo o tempo que dispendi ao percorrer aquellas extensas ruas, guarnecidas de muitos e variados estabelecimentos, de lindos predios e elegantes palacios, que ostentam variadas grandezas e formosura architectonica. Ao chegar á Legação, deparei na Chancellaria com alguns jornaes portuguezes, que me puzeram ao cor-

rer das noticias, embora atrazadas, de Portugal, e de que ha muito eu andava sedento.

Fui d'ali na companhia do Visconde de Ferreri á sua residencia na rua do *Faubourg-Saint-Honoré,* não muito distante da Legação.

O aceio e conforto da pequena sala, ornada com alguns objectos artisticos, lindas gravuras em quadros dourados, estatuetas, pequenos bronzes, etc., dizem-nos logo que o inquilino é grande amador das cousas d'arte.

Convidou-me o meu amigo a uma pequena excursão a um dos arrabaldes da cidade, e passando pelo *Campo de Marte*, entrámos no *Palacio da Exposição,* percorrendo algumas das salas da secção de bellas artes. Nos poucos quadros de diversas escolas de pintura, que pude examinar, não sei que mais se devia admirar, se a perfeição dos desenhos e do colorido, se as tendencias das escolas nos seus diversos assumptos.

A secção das bellas artes é uma das que reclamam detida attenção dos artistas e amadores, porque tem verdadeiras maravilhas da arte. São precisos muitos dias para admirar tantos primores, que enlevam e arrebatam o espirito ás regiões do bello.

Saímos da Exposição e tomámos logar na *imperial* de um omnibus que fazia carreira para *Passy,* lindo e pittoresco suburbio da cidade, da qual dista uma e meia hora de caminho.

Na imperial, como ponto mais elevado do vehiculo, gosam-se perfeitamente lindas paizagens desde a ex-

tensa e frondosa arborisação da estrada, até os pontos mais afastados. Muitos jardins e casas de campo de variados gostos, a espessa mata do *Bosque de Bolonha,* mais distante o rio Sena, serpenteando em diversas curvas, ladeado de suas pittorescas margens, tudo impressiona agradavelmente a vista.

No sitio denominado *La Muette* apeámo-nos para gosar a vigorosa vegetação, cujos cambiantes de côr verde são de surprehendente effeito, e o lindo jardim, de abundantes flores dipostas com tal arte, que parecem um mosaico. Emquanto no coreto tocava uma *fanfarra,* muitas senhoras passeavam, e outras sentadas costuravam, bordavam ou faziam *crochet;* porém o que mais encantava, eram bandos de louras e lindas creanças que, doudejando a sua alegre e descuidosa existencia, respiravam ali o bom ar, que lhes dá rosadas cores e constituição robusta.

Passy, que fica a curta distancia, participa das mesmas galas da natureza; os seus jardins e parques, as lindissimas casas de campo no gosto dos *chalets* suissos, e os palacios, que orlam as largas e aceiadas ruas, fazem d'aquelle sitio um dos mais apraziveis passeios de *Pariz.*

Depois de termos respirado o balsamico ar de *Passy,* voltámos n'um dos omnibus que fazem para ali carreira de dez em dez minutos, sempre replectos de passageiros.

Como aquelle vehiculo não ía directamente ao *boulevard des Batignolles,* que é o meu bairro, comprei

uma *correspondencia*, a qual consiste n'um pequeno cartão encarnado, e dá aos passageiros de primeira classe a faculdade de passarem de um carro para outro, sem augmento de preço, o qual é de trinta centimos, embora se queira ir na imperial, cujo logar custa quinze centimos.

Estes vehiculos, pertencentes á empreza do ferreo carril, são de um feitio diverso dos nossos carros americanos, porque além de mais compridos e mais altos, sustentam na parte superior dois sofás de madeira defendidos por grades de ferro. Como o carrão tem uma só frente onde vão os cavallos, pois que do lado opposto está uma escada que dá accesso á *imperial*, ha nas estações *terminos*, e assentes no solo semi-circulos de ferro, onde esses vehiculos giram admiravelmente. Nada ha mais commodo e aceiado do que estes carros, cujos assentos são estofados e cobertos de crina preta.

Ás seis horas da manhã do dia seguinte já eu estava na rua. Queria observar a vida externa da cidade áquella hora, e particularmente o movimento do meu bairro.

Já muita gente caminhava para seus trafegos; os passeios das ruas estavam inundados de agua proveniente das lavagens quotidianas das vidraças e portas dos estabelecimentos; as creadas, e algumas que se podem chamar bellas, enfeitadas de alvas toucas varrendo as testadas das lojas; serventes lavando ou limpando os alizares, ou polindo os metaes, que adornam as portas dos edificios; mais além os empregados do

municipio, regando as ruas, já varridas, os jardins e os parquesinhos em frente dos estabelecimentos publicos. A agua, que é abundante, corre constantemente pelas valetas. O movimento cresce com as horas do dia.

E vem a proposito dizer que, sendo o rendimento annual do Municipio de *Pariz*, segundo me informaram, de cento e vinte milhões de francos (2:160 contos de réis), dispende só em regas de ruas, jardins, parques, *squares*, etc., um milhão de francos (180 contos de réis por anno ou 15 contos por mez).

Era indispensavel tão larga dotação para que o municipio de uma cidade, que é o centro das luzes e a escola das artes, podesse proporcionar-lhe todas as condicções de sanidade, commodidades e embellezamento.

CARTA XIII

A companhia dos caminhos de ferro de Oeste organisou o serviço dos trens por tal modo, que se pode ir ao *Trocadero* e *Campo de Marte* por differentes estações. O preço é convidativo, por cincoenta centimos (90 réis) percorre-se grande tracto de terreno, recreando a vista por sobre uma feracissima vegetação.

Resolvendo com os meus companheiros voltar á Exposição, fomos entrar na estação de *Saint-Lazare*, que nos ficava perto do bairro. Era meio dia, e já lá estavam muitos passageiros formando uma longa cauda para comprar os bilhetes para a Exposição.

Em qualquer ponto, onde se compram bilhetes de admissão aos espectaculos publicos, caminhos de ferro, omnibus, etc., fórma-se sempre uma *cauda;* de sorte que o primeiro que chega, é tambem o primeiro servido, depois o segundo, e assim successivamente até á

extremidade da cauda. Não ha desordem, nem empurrões; o povo é que se policía; e está de tal modo inveterado este costume, aliás racional, que, se alguem por imprudente ou mal avisado, tentar romper a *cauda* para ser servido em primeiro logar, a multidão revolta-se e voz em grita exclama: *Á la queue, à la queue* (para a cauda, para a cauda). E se por ventura o imprudente resiste, o que rarissimas vezes succede, o policia intervem e faz valer a sua auctoridade.

Logo depois de partir o comboio, entrámos em um comprido tunel, que é nada menos do que o sub-sólo da rua, em que moramos. Em todo o percurso da linha parámos em umas cinco estações, até chegarmos ao *Campo de Marte,* onde a concurrencia de povo era enorme.

Entrando no palacio da Exposição, o meu objectivo predilecto foi a secção das bellas artes, e por isso me encaminhei para as salas de pintura, dirigindo-se os meus companheiros para as dos productos industriaes.

Visitei methodicamente aquellas salas, começando pela escóla ingleza, que, estando dignamente representada, occupa oito salas embellezadas de quadros de subido valor artistico; segui para a secção dos *Estados Unidos d'America,* cujos quadros adornam uma grande sala, e onde ha muito que vêr e admirar.

Quando cheguei á exposição dos *Paizes Baixos,* não estava saciado de vêr e admirar tantas maravilhas artisticas, mas tive de ceder á fadiga; e depois de visitar passageiramente algumas salas industriaes, afim de

temperar o espirito com o gosto da variedade, reservando-me para n'outro dia estudar as escolas de pintura italiana e franceza, era tempo de procurar os meus companheiros, com os quaes combinára, á entrada, reunir-me ás cinco horas da tarde na rua das *Nações* em frente do portico da secção portugueza. Sem esta precaução, era quasi impossivel encontrarmo-nos dentro d'aquella cidade, que assim póde dizer-se a Exposição, com os seus amplos quarteirões e espaçosas ruas cobertas, quaes são as secções e as avenidas.

Partimos do *Campo de Marte*, e fomos jantar ao *restaurant* dos *Rochedos* na *Passage Jouffroy*, que é uma longa galeria coberta de vidraças, embandeirada, e adornada dos dois lados de ricas e elegantes lojas e de *restaurants*, a preço fixo, desde tres francos e cincoenta centimos até cinco francos por cabeça.

A noite passou-se pelos *boulevards*, vendo as altas elegancias, que perpassavam, atulhando os *boulevards*, e as *gentis peccadoras* que mais sobresaíam por sua belleza plastica.

Ás cinco horas da manhã do dia 31, já eu estava, obrigado pelo calor, á janella do meu quarto respirando a fresca brisa da manhã, embalsamada pelo arvoredo do pequeno parque sobre que deita a minha janella.

Passada parte da manhã, e emquanto chovia copiosamente, a coordenar os meus apontamentos, fui depois passar o dia para a Exposição na companhia dos meus amigos.

No caminho entrámos no *Parque Monceau*, cercado

de altas e douradas grades de ferro, com cinco portas e saídas particulares ajardinadas para alguns magnificos palacios, situados quasi em volta do parque.

Ha n'elle um grande lago com a sua ponte pensil elegantemente construida, jardins de lindissimo matiz, cascatas, altos e frondosos choupos do Canadá, destacando-se dois formosissimos de summa grandeza; castanheiros da India, platanos abundantes, e finalmente muitas estatuas allegoricas de pedra e de bronze.

Proximo a este grande e pittoresco *Parque* estão as ruas de *Lisboa* e de *Messina*.

Entrámos no Palacio do *Trocadero*. Foi n'esse dia que o meu companheiro o sr. Franco e eu tivemos occasião de subir a uma das altas torres do palacio por meio do *Ascensor Edoux*, de fórma circular, movido pela pressão da agua.

Da parte mais alta da torre desfruta-se uma das vistas mais surprehendentes, como do terraço do Arco do *Triumpho*. O panorama da cidade era soberbamente deslumbrante! As cupulas douradas de alguns edificios mostravam-se resplandecentes!

Ao espirito fancez, sermpre fertil e previdente, não esqueceu estabelecer ali um pequeno *restaurant* bem sortido, embora os houvesse em profusão por todo o jardim do *Trocadero*. E o caso é, que o *restaurant* da torre tinha freguezes, porque este divertimento, que custa um franco, é muito concorrido.

A torre tem uma escada em espiral, altissima, e por isso preferimos descer no mesmo apparelho *Edoux*, a

que qualquer puritano da lingua chamaria, n'esta ultima hypothese, o *Descensor*, casando assim o movimento descendente com o nome do apparelho.

Estamos na Exposição portugueza.

A nossa secção, vista interiormente, provoca a attenção do visitante, já pela copia fidelissima da architectura original do claustro do antigo convento dos Jeronymos, já pela imitação não menos fiel do claustro da formosissima Igreja da Batalha. Estas duas primorosas amostras architectonicas formam respectivamente os dois lados do corredor proximo á nossa galeria.

Seguindo ao longo d'ella, depara-se na secção do ensino primario, e na parte concernente á caligraphia, com muitas escriptas de perfeita execução e de inexcedivel nitidez, merecendo particular menção os trabalhos, realmente primorosos, dos alumnos da Casa Pia de Lisboa.

As photographias do distincto amador e opulento proprietario o sr. Relvas, tão justamente admiradas como obra prima n'aquelle genero, occupam logar distincto na nossa Exposição.

São dignas de reparo as figuras, perfeitamente modeladas em barro, representando os costumes dos camponezes, das *tricanas* e lavradeiras da provincia do Minho, sobresaindo estas pelo pittoresco do trajo, pela elegancia do talhe e riqueza com que se adornam.

As estatuetas, figurando os costumes dos habitantes da ilha da Madeira, são bem acabadas.

Além, vêem-se brilhar as porcellanas da Vista Ale-

gre; — os vidros e cristaes da Marinha Grande; — os productos ceramicos das Caldas da Rainha, attrahentes pelo seu colorido singular, exquisito até pela phantasia caprichosa do oleiro; — e finalmente a louça da fabrica de Sacavem, imitando n'este genero a producção ingleza no lavor, na côr, como na fortaleza.

As sedas, e as rendas de lindos lavores, os productos de passamanaria, e tules de vistosos bordados, deleitam agradavelmente a vista e não deshonram a industria portugueza.

Notam-se os tecidos de lã de differentes gostos, as fazendas estampadas, lençarias e chales; e um pouco mais distantes as saragoças do Alemtejo, os pannos e as casimiras da Covilhã e Arrentella.

Vêem-se muitas amostras das nossas minas mais importantes, esteiras bem trabalhadas com seus ornatos graciosos, moveis de cortiça de fórmas elegantes, vellas de stearinas vistosamente collocadas, differentes amostras de magnificos marmores, e finalmente muitos outros productos, que attestam a nossa actividade em differentes ramos da industria.

Discorrendo por varias galerias, fomos ao *Annexo* que encerra as exhibições das nossas provincias ultramarinas.

Um *Pavilhão* simples e de gosto artistico, adornado de galhardetes e da bandeira nacional, é guarnecido de tres portas graciosamente enfeitadas, sendo a do meio encimada da corôa portugueza; — dois pequenos jardins cercando os angulos do edificio, em cuja facha-

da e na parte superior se lê: «*Cabo Verde, Angola, S. Thomé* e *Principe*»; — eis o exterior do elegante bazar que em si reune amostras de muitas riquezas, infelizmente descuradas.

O methodo e o gosto que presidiram ao arranjo interno são inexcediveis. Aqui se admiram as riquissimas e variadas collecções de madeiras, que possuimos nas duas Africas; ali as varias amostras de café, de cacáo, de oleos de côco, de *dendem*, de ginguba; acolá, as amostras de varias gommas, as substancias resinosas, e muitas collecções de instrumentos de lavoura; — além, differentes artefactos trabalhados pelos indigenas, em ouro, e prata, madeira, marfim, etc.; finalmente nas paredes observam-se muitas photographias de *roças* dos mais abastados agricultores africanos.

Saímos d'ali pelas cinco horas da tarde agradavelmente impressionados e cheios de justo orgulho, por vermos tantas riquezas nossas expostas á admiração do mundo, sem deixarmos todavia de lastimar, que se traduza apenas em amostras a maior parte de tão valiosos recursos.

CARTA XIV

Os famigerados *jogos d'agua de Versailles,* e os de *Saint Cloud,* costumam ser patentes ao publico em domingos alternados, e n'este domingo, que era o dia primeiro de setembro, cabia a vez a *Versailles.*

A amenidade da manhã era um incentivo a mais para ir visitar a importante cidade, tão cheia de recordações historicas, e ver a um tempo a novidade do tão preconisado, como maravilhoso espectaculo hydraulico.

Na *Gare de Saint Lazare* da estação do caminho de ferro de Oeste era tão enorme a multidão, que desde pela manhã affluia aos comboios, que partiam de dez em dez minutos para *Versailles,* que difficilmente se achava logar nas carroagens. E quem n'estas occasiões

de grande concurrencia não fôr bastante dextro, arrisca-se a não poder partir á hora, que deseja.

Ás dez horas em ponto estavamos a caminho de *Versailles*, conversando familiarmente com todos os nossos companheiros do compartimento; e diga-se em honra do povo francez que nenhum outro é mais amavel nem mais lhano do que elle! A sua expansibilidade captiva, encanta! Todos já conversavamos, como se foramos amigos ou conhecidos de muitos annos!

O trajecto é lindo e a paizagem variada. Aqui a pequena aldêa chamada *Puteaux,* toda coberta de vinhedo, logo adiante *Suresnes,* pittoresca communa do departamento do Sena; depois o *Bosque de Bolonha;* e um pouco distante, mas no mesmo tracto do terreno, *Long-Champ,* onde se fazem corridas de cavallos.

Lá está, exclama um dos companheiros visivelmente impressionado, o *Saint Cloud* com as suas casas ainda derrocadas do tenaz fogo d'artilheria do *Monte Valeriano,* durante a calamitosa guerra franco-prussiana!

A nossa conversação durante a curta hora, que gastámos até *Versailles,* foi sempre cortada de anedoctas engraçadas ou de ditos agudos ou chistosos, em que os francezes não têem competidores.

Não me proponho descrever aquella importante cidade, tão embellesada pelos seus jardins, rica de monumentos e de soberbos edificios, sobresaindo notavelmente o grandioso e descommunal Palacio, onde em uma das suas *azas* funcciona actualmente o *Corpo Legislativo.* O Muzeu, as Sallas dos Marechaes de Fran-

ça guarnecidas com seus retratos a oleo, e outras muitas com differentes denominações, segundo o fim a que se destinam, são cousas para detido exame, que não cabem nos limites acanhados d'estes apontamentos.

Entrando no vastissimo parque de *Versailles*, não se cança a gente de admirar a magnificencia das grandes *Bacias*, d'onde saem as aguas que formam os *jogos hydraulicos*, a deliciosa e extensa *Avenida*, a que dão o nome de *Tapis Vert* (tapete verde) em consequencia da relva, que a cobre, emfim o grande e o pequeno *Trianon*, cujos pomposos jardins provocam as mais extraordinarias sensações.

Como é sabido, o palacio do grande *Trianon* foi edificado por Luiz XIV para servir de residencia a M.me *de Maintenon*, e tornou-se famoso pelos luzidos, sumptuosos e deslumbrantes bailes, cujos echos festivos se repercutiam em todo o *Pariz*, como o palacio do pequeno *Trianon* foi obra de Luiz XV, que o destinára para morada de M.me *du Barry*, sendo mais tarde o mimoso ninho, onde *Marie Antoinette*, annos antes da sua desgraça, suspirára amores nos dias aureos de seus dourados sonhos. Que contraste offerecem hoje ambos estes palacios na magestade do seu silencio!

No mesmo jardim, onde existem ainda arvores, ás quaes a gentilissima princeza confiára os seus suspiros e gemidos, e onde com seus aristocraticos dedos colheu flores para adorno d'aquelle esplendido cabello, — inveja das mulheres e admiração de todos, — ali mesmo

colhi eu duas frescas e formosas folhas da hera, em memoria respeitosa das duas louras cabeças, que cêdo foram privadas dos maternos carinhos da Rainha «misera e mesquinha».

A multidão, que acudia ás proximidades da *Bacia de Neptuno*, sem duvida a maior e mais notavel por suas esculpturas, era já enorme, e por isso forçoso era tomar logar para gozarmos o espectaculo, para nós inteiramente novo, dos jogos de agua. Mas qual não foi a minha surpreza, quando no meio da multidão dou com os olhos em M.me *de Hauteville*, elegante e espirituosa viuva, que ha muito adoptou Portugal como patria! E não parou aqui a minha surpreza, pois que pouco distante se achavam, além de dois portuguezes companheiros de bordo, o sr. Krug acompanhado de seus sogros e de sua esposa a ex.ma sr.a D. Etelvina, uma das mais encantadoras formosuras de Lisboa, não só pela gentileza e graça do seu rosto, como pelos subidos dotes que lhe adornam o espirito. E assim se improvisou ali uma pequena colonia portugueza, encurtando M.me *de Hauteville* deliciosamente o tempo de espera com a sua espirituosa conversação.

Descendo alguns degráos de marmore, ficámos em frente de uma longa serie de bacias e lagos, que têem differentes denominações.

Ás quatro horas começaram os jogos das aguas. Elevavam-se a grandes alturas differentes e innumeros repuchos de todas as bacias e crusavam-se as pequenas aguas, que saíam dos verdes massiços de buxo,

os quaes em variadas fórmas contornam os lados da *Avenida*. O effeito da conjuncção das aguas é admiravel e surprehendente! O que se sente ao ver aquelle maravilhoso espectaculo hydraulico não se descreve: é o caso de se dizer com o Poeta:

«Melhor é exprimental-o que julgal-o,
Mas julgue-o quem não póde exprimental-o.»

O estomago, porém, exigia o sacrificio do termo de tão diliciosa diversão. Fomos procurar um *restaurant*, e entrámos ao acaso no *Petit Chevet-Desvaux*, rua *Duplessis* 26, onde por uma lei das compensações, que não é lá das cousas mais frequentes em hoteis, a deficiencia do jantar era bizarramente suprida pela excellencia do creado de mesa, uma formosa rapariga, com a mais encantadora cabeça de mulher, que tenho visto. O corpo escultural condizia harmonicamente com o rosto: era alta, airosa, agil como a arvéloa, e flexivel como um *bambú;* certo que «nem só de pão vive o homem», a contemplação da graciosa e linda creatura de Deus quasi me obrigou a esquecer a vida do estomago.

Antes de deixar *Versailles,* não devo omittir a menção de dois formidaveis e elegantes quarteis, ao lado um do outro, em tudo eguaes e simetricos, e cujas fachadas simicirculares teem a concavidade para o espectador: um d'elles é de engenharia, e o outro d'artilharia. A *Avenida de Pariz,* que mede noventa e oito metros de largura, e se perde de vista em extensas

linhas de quatro renques de arvores por banda, é tambem de um effeito admiravel.

Ás sete horas da manhã do dia 2, já eu estava no centro de *Pariz*, vendo caminhar para os seus lidares quotidianos as costureiras e as empregadas das lojas e dos armazens, quasi todas vestidas de preto, ou de côres sombrias, umas de chapeo, outras em cabello artisticamente penteado, e quasi todas lendo no seu jornal, ordinariamente o *Petit Journal*, cuja tiragem é de seiscentos mil exemplares! O movimento dos trens que conduziam os passageiros da estação de *Saint Lazare*, era já enorme áquella hora. Entrei depois em alguns templos, onde a magnificencia e o aceio não se podem exceder. Especialmente *Notre Dame de Lorette* (Nossa Senhora do Loreto), e *Paroisse de la Sainte Trinité* (Freguezia da Santissima Trindade) são ambos soberbos e magnificos, principalmente o ultimo, deante de cuja fachada se vê um *square* em simicirculo gradeado, onde bandos de creanças brincavam, emquanto as aias sentadas faziam suas costuras.

Dentro da Igreja, a disposição das cadeiras estofadas, d'um e d'outro lado do arco do cruzeiro com uma avenida ou coxia ao centro, faz lembrar a platéa d'um vasto theatro. E tambem produzem lindo effeito os vidros de cores das janellas com desenhos tirados de algumas passagens da escriptura.

Á similhança do que se observa nas portas dos escriptorios, armazens, etc., nas portas batentes lateraes, lê-se do lado de fóra — *Poussez S. V. P.* (S'il Vous

Plait), que quer dizer: Faça favor de empurrar; e na parte interna das mesmas portas — *Tirez S. V. P.* (Puxe, se é do seu agrado).

E vem a proposito o lembrar tambem aqui, — o *merci, pardon* e *s'il vous plait,* — que andam a cada momento na boca de toda a gente, como outro caracteristico da civilidade e cortezia parisiense. Se dois sujeitos casualmente se acotovelam ao passarem um pelo outro, voltam-se immediatamente, e quasi que a um tempo lhes sae da boca o *pardon* (perdão). N'isto não ha distincção de sexo, edade ou posição social.

Para o povo francez tão attencioso como susceptivel, a menor offensa intencional ou acto de grosseria póde acarretar graves dissabores em pendencias desagradaveis.

Este dia era o designado pelo Visconde de Ferreri, para eu gosar da honra de jantar em sua casa, jantar que o meu amigo, por um excesso de amabilidade mandára cozinhar á portugueza, afim de eu poder, dizia elle, variar de paladar, sem saber que nada detesto tanto como o cozido á portugueza, com o qual ando em divorcio ha muitos annos. Pois oh! milagre do Visconde de Ferreri! O seu cosido á portugueza pareceu-me um dos pratos de mais novidade e mais delicioso, sem embargo dos soberbos acepipes á franceza, acompanhados de preciosos vinhos.

Os *Campos Elysios* com os seus *cafés-concertos,* e o *Palais-Royal,* ponto forçado e habitual dos estrangeiros, foram o grato complemento d'esta noite, passada na tão amavel companhia do meu amigo.

CARTA XV

Para o dia 3 resolveramos uma excursão até a cidade de *Sevres,* tão notavel por suas manufacturas, como, e ainda mais conhecida no estrangeiro, pelas suas finissimas porcelanas. A belleza da manhã mais incitava ao passeio.

Para aquella cidade, assentada na margem esquerda do Sena, ha tres meios de transporte: Estrada ordinaria, caminho de ferro, e o rio. Optámos por este, posto que seja preciso andar muito até se chegar ao caes.

No caminho passámos pela *Igreja da Magdalena.* Era forçoso parar e vêr.

Fundado no largo do mesmo nome, e desafrontado de todos os lados, este templo assemelha-se, á primeira vista, á *Casa* da *Bolsa,* da qual differe todavia em

serem lisas as columnas d'esta, que tambem carece de frontão. Tem exteriormente a figura de um quadrilongo, cercado por todos os lados de galerias ornadas de altas columnas da ordem corinthia, com fustes estreados. A frente do edificio é coroada de um admiravel e admirado frontão, cujo baixo relevo, representando o *juizo final*, é de portentosa execução. Nas galerias ha boas estatuas de marmore representando Santos.

O interior do templo é aceiado, lindo, luxuoso até, e de primorosa execução as preciosidades de ouro e illuminuras de vistosos ornatos que ali se admiram. Nas altas portas de bronze, que dão ingresso ao templo, não são menos para admirar os baixos-relevos que as infloram de alto abaixo. Na parte externa e superior de uma das portas lateraes lê-se o lemma republicano: LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE — fatidicas palavras, que resumem em si o credo democratico e que se vêem esculpidas em todos os edificios publicos ou do estado.

Chegados ao caes, comprámos os bilhetes por cincoenta centimos cada um e embarcámos em um dos muitos vapores, que crusam as aguas do Sena e a que dão o nome de *Les Hirondelles Parisiennes* (Andorinhas parisienses); porque essas embarcações fendem as aguas com tanta rapidez, como as avesinhas, suas homonimas, cortam os ares em rapidos vôos.

Partimos ao meio dia navegando rio abaixo. As margens do Sena são aprasiveis e pittorescas; arborisadas em toda a sua extensão offerecem aqui e ali

lindos *chalets*, casas de campo de aprimorado feitio e jardins no gosto inglez etc. Depois de se atravessarem umas dez pontes de cantaria, defronta-se, perto da povoação de *Auteuil*, com uma magnifica e alterosa ponte de dois andares, um para peões e carroagens, outro para a locomotiva dos caminhos de ferro; goza-se tambem a vista da extensa linha das fortificações da cidade, e ao longe a celebre fortaleza do *Monte Valeriano*.

O vapor parava em differentes estações, de cuja approximação os respectivos empregados iam avisando os passageiros, bem como dos successivos caes, em que elle devia tocar.

Vêem-se muitas lavanderias e barcaças que servem de escola de natação para senhoras e homens; e em *Biencourt*, logar coberto de riquissima vegetação, o rio apresenta dois largos braços que a certa distancia se reunem, formando uma pittoresca ilha ornada de lindas casas de campo, com jardins recamados de flores de matiz encantador. Mais abaixo avistámos outras duas ilhas tão viçosas e cheias de encantos como a primeira; vimos tambem *Meudon* com seu palacio e o notavel bosque que o cerca.

Ao cabo de cincoenta minutos, estavamos no termo da viagem.

Sevres é uma pequena cidade, cujas casas principaes se agrupam em torno do edificio da Camara e da Igreja matriz, o que não impede de ser celebre pelas suas porcelanas tão justamente gabadas e conhecidas em

todo o mundo. Ha ahi quem não tenha pelo menos ouvido fallar em procelana de *Sevres?*

O estabelecimento, em que se fabríca, é actualmente uma escola de artes associadas á industria, incumbindo ao estado o custeamento e a inspecção do maneio.

O edificio, com sua fachada simples e elegante, é vastissimo e situado na extremidade do *Parque de Saint-Cloud* proximo da ponte denominada de *Sevres*. Tem dois pavimentos; no primeiro estão as officinas e os grandes fornos, no segundo as salas do Muzeu ceramico e as galerias dos productos modernos.

Quando entrámos na officina de manipulação, um dos artistas, dirigindo-se para o grupo de visitantes e convidando-os para verem trabalhar em porcelana *branda*, amassou uma porção de barro branco, fino, homogeneo e com elle modelou rapida e successivamente uma elegante bacia, um jarro, uma anfora etc. A rapidez do trabalho e as diversas formas que o artista imprimia no barro, desde a mais extensa superficie até a mais fina aresta, mostravam quão flexivel é a porcelana de *Sevres* e a pericia do manipulador.

Na secção dos trabalhos de porcelana *endurecida* observam-se diversas peças de ornato, bustos e estatuas de diversas grandezas. O artista, que era de uma extrema amabilidade, depois de nos haver dado alguns esclarecimentos ácerca da fabrica e dos seus productos, offereceu a cada um dos circumstantes uma pequena porção do excellente barro, como recordação da

visita áquelle tão notavel estabelecimento. Vimos em seguida as officinas de mosaico e de estatuária, e na ultima sala attentámos nos grandes fornos, onde se cozem todos os productos da fabrica.

Concluida a nossa inspecção no pavimento inferior, subimos ao segundo, onde está o Muzeu.

No vestibulo, aos lados da porta de communicação para as salas do pavimento, logo excitam a attenção do visitante dois bustos de bronze: um representa o fundador d'aquelle Muzeu, *Alexandre Brougniart*, que nasceu em 1770 e falleceu em 1847; e outro, *Denis Desiré Reocreux*, conservador do mesmo Muzeu, nascido em 1791 e fallecido em 1872. O actual director é *M. Robert*, que, além de artista, é chimico abalisado.

Nos quatro angulos da primeira sala estão quatro jarras de enorme grandeza, coloridas soberbamente de finissimo esmalte. Estas quatro mimosas producções, que giram sobre si quando se lhes imprime movimento, para que de todos os lados se admirem os ornatos que as matizam, teem os seguintes valores estimativos: A primeira de 14 mil francos (2:520$000 réis); a segunda de 35 mil francos (6:300$000 réis); a terceira de 20 mil francos (3:600$000 réis); e a quarta, finalmente, de 48 mil francos (8:640$000 réis)!

A sala immediata é o repositorio de admiraveis quadros de varios assumptos e differentes dimensões, coloridos sobre a porcelana. Convida particularmente a attenção uma pintura, perante a qual fiquei estasia-

do! Representa uma mulher ainda nova e morta, de extrema formosura, cuja cabeça de lindos cabellos louros, amparada por um frade de aspecto veneravel e de longas barbas, pende exanime sobre o hombro esquerdo; a seus pés vê-se um mancebo sentado, velando o rosto com ambas as mãos. No segundo plano, que é o fundo do quadro, divisa-se uma arvore em cujo tronco se lê: *J'ai passé comme la fleur. J'ai seché comme l'herbe des champs* — «Passei como a flor. Sequei-me como a herva do campo» — O assumpto, que é simples, mas commovente, foi tratado com summa perfeição de desenho e primor de colorido.

Nas salas immediatas notam-se muitas esculpturas, medalhas e outras infinitas manifestações da arte ceramica.

Finalmente visitámos as galerias, onde existe prodigiosa variedade de productos desde os mais ordinarios até os mais finos e apurados. As porcelanas da China e do Japão, as de outras fabricas francezas; as faianças da Italia, as louças de Inglaterra, de Portugal etc. avultavam ali em grande quantidade, formando uma rica collecção, que dá a este Muzeu ceramico a grande nomeada, de que justamente gosa entre todos os do mesmo genero.

No regresso a *Pariz*, desembarcámos n'um caes proximo das ruinas do *Palacio das Tulherias* e pudemos então contemplar o que foi outr'ora a elegante e luxuosa habitação dos reis da França. Confrange-se o coração ao vêl-a em ruinas! Todas as decantadas

grandezas d'aquella regia morada passaram como a sombra, e só ficaram de pé as paredes derrocadas, como um protesto vivo contra a *barbarie dos communalistas*, que em hora aziaga conceberam o tresloucado pensamento de destruir todos os edificios nacionaes!

Um dos pavilhões denominado *Marsan*, que faz frente á rua de *Rivoli*, já se acha em via de reconstrucção. Proximo fica a rua de *Valois* aberta modernamente, a qual separa as Tulherias do seu grande jardim. N'uma das extremidades d'aquella rua avista-se uma pequena praça, onde se nos antolha uma estatua de bronze de pequenas dimensões, representando a cavallo e armada de cavalleiro *Joanna d'Arc* — a donzella de *Orleans*.

Visitámos os grandes armazens do *Louvre*, cujo edificio defronta com uma das extremidades do Palacio do *Louvre*, de onde lhe deriva o nome. Uma crescida multidão a custo ali se movia, posto serem vastos os compartimentos dos armazens, para os quaes muitas e largas portas dão entrada.

CARTA XVI

Havendo de antemão formulado um programma de passeio, para assim aproveitarmos utilmente o tempo, designámos o dia 4 de setembro para visitar *Les Halles Centrales* (mercados centraes) de preferencia a outros muitos, que a cidade possue em o numero de quarenta, espalhados por differentes bairros, mas pela maior parte succursaes d'aquelles, d'onde se abastecem.

Ás seis horas da manhã encaminhámo-nos para ali, e, percorrendo a rua de *Rambuteau*, encarámos com uma das quatro fachadas do immenso edificio, que cobre *Les Halles Centrales*, cuja descripção farei a traços fugitivos.

Uma area de setenta mil metros quadrados, circumdada de um muro de dois metros de altura pintado em quadrados vermelhos sobre fundo amarello, forma a par-

te inferior da construcção. Sobre o muro eleva-se a secção superior, cujas elegantes fachadas de ferro e vidro, ornadas de pavilhões uniformes, completam a parte externa do magestoso edificio. No interior, que póde dizer-se um mundo, attenta a sua vastidão, avistam-se extensas galerias ou ruas cortadas no sentido longitudinal e transversal, cobertas de vidros foscos e persianas fixas, offerecendo de tal sorte um seguro abrigo aos feirantes contra a chuva, a neve e os raios do sol do estio. A ventilação é perfeita, e abundante a luz coada pelos vidros do tecto e das claraboias dos pavilhões.

Em cada uma das galerias vê-se exposta uma só qualidade de generos alimenticios; assim, por exemplo,— n'esta a carne; n'aquella o peixe; n'uma pilhas de ostras; n'outra todo o genero de fructas; n'aquell'outra barris de manteiga etc. etc. No edificio ha muitas lojas e vastos armazens subterraneos.

Ao entrarmos nas *Halles Centrales,* onde o movimento era extraordinario, vimos carteiras muito altas á maneira de pulpitos, em que se achavam sentadas senhoras, fazendo a escripturação em grandes livros. Ou fossem empregadas do municipio, ou commerciantes, o certo é que aquelle fenomeno surprehendeu-nos agradavelmente a nós, que somos d'um paiz, onde as mulheres difficilmente alcançam, e ainda mal (!) collocação, que honradamente lhes dê o pão de cada dia!

Em Portugal os homens teem accesso a todos os empregos publicos e particulares; empregam-se até em estabelecimentos de modas, em lojas de capellas e quin-

quelherias etc., roubando assim braços valiosos á industria e á agricultura. Ás mulheres, porém, bem poucas esperanças sorriem no horizonte da vida, para sustentação da qual luctam muitas vezes com graves difficuldades. Preteridas em todas ou quasi todas as collocações uteis, inclusivè nas lojas de modas para as quaes offerecem melhor e mais decidida aptidão, do que os homens, salvo as previligiadas da educação e da fortuna, são fatalmente impellidas a trilhar a estrada do vicio, sempre larga e repleta de falazes attractivos.

Em *Pariz* ou antes em França, não succede assim. A mulher é ali considerada; cura-se zelosa e seriamente da sua subsistencia, dando-se-lhe preferencia em todos os misteres em que revele aptidão, menos nos empregos onde a força material se torna indispensavel.

Assim é que se encontra em *Pariz* a mulher nas lojas de modas e luvarias, nos armazens de fazendas, nas camisarias, nos cafés e hoteis, onde, como *dame de comptoir,* fiscalisa a receita do estabelecimento, nas tabacarias e confeitarias, etc. Em quasi todos os escriptorios das estações dos caminhos de ferro, apparece-nos sempre vestida de preto, com os seus alvos colleirinhos, com a sua flôr no peito, com bons modos e muita amabilidade, dando todos os esclarecimentos ao publico; e nos estabelecimentos em que ha homens, lá apparece a mulher encarregada da escripturação da casa. Que santo exemplo a seguir-se! Que fructos sazonados não colheria a moral social! Muitas ha que,

na qualidade de negociantes, cambistas, etc. pagam, como os homens, pesados impostos ao Estado.

Depois de algumas horas de demora nas *Halles Centrales,* vendo e observando o grande movimento e as transacções, que durante as horas do dia se fazem n'este immenso emporio de comestiveis, seguimos pela rua *du Jour,* onde se admira a Igreja de *Santo Eustaquio,* notavel pela architectura mixta, que a orna, e pela sua descommunal grandeza; depois entrámos na *Praça da Victoria* de configuração eliptica, cujos predios que a aformoseam são altos, com as fachadas em fórma de arco, interrompidos por seis ruas, que convergem para esta praça, no centro da qual está levantado o monumento de Luiz XIV trajando á maneira dos imperadores romanos. A estatua mandada erigir pelo seu neto Luiz XVIII, é de bronze e bem modelada. A posição do cavallo com as mãos levantadas, firmando-se nos pés, é admiravel.

Quasi no fim da *Rua de Rivoli,* levanta-se magestosa, no meio de um largo ajardinado, a *Torre de S. Jacques,* ou *S. Thiago Maior,* monumento de arte, que maravilha pela sua belleza architectonica e elevada structura, medindo cincoenta e dois metros desde a base até a balaustrada da platafórma, aonde póde subir-se por uma escada interna de duzentos e noventa e um degráos. No alto da Torre, n'um de seus angulos, eleva-se a colossal estatua de *S. Jacques,* e nos outros sobresaem os vultos dos animaes symbolicos dos Evangelistas—A aguia, o leão e o boi.

Na *Praça de Chatelet*, aliás pequena em relação á sua muita ornamentação, e de cujos predios circumjacentes se destacam e prendem a attenção do observador os dois theatros fronteiros de bella apparencia — o *Historico* e o *Chatelet* — merece uma menção especial o elegante e gracioso *Chafariz da Victoria:* Uma grande bacia de marmore sustenta um pedestal, ornado nos quatro angulos de grandes *Sphinges*, de cujas boccas jorra a agua; sobre o pedestal firma-se outro corpo, em que se ostentam quatro graciosas estatuas, representando a *Lei*, a *Força*, a *Fé* e a *Vigilancia*, formando de mãos dadas um grupo encantador. No meio eleva-se a columna, cujo fuste e capitel, simulando o tronco e a folhagem de uma palmeira, sustentam uma esbelta estatua dourada simbolisando a *Victoria*.

Proseguindo na nossa tarefa de vêr *Pariz*, passámos pelo antigo *Hotel de Ville* (Casa da Camara) incendiado pelos communalistas, e cujas ruinas admiraveis ainda indicam o que deveria ter sido aquelle soberbo edificio municipal, e fomos ter depois á extremidade da Ilha da *Cité* ou de S. Luiz, por detraz da Igreja de *Notre Dame*, onde, n'um predio abarracado e de modesta apparencia, está fundada uma util e bella instituição — a *Morgue* — casa de deposito dos cadaveres, cuja identidade não é conhecida, encontrados nas ruas, no rio, nos canos da cidade etc. Estes cadaveres descançam em umas barras ou leitos, e são aspergidos por meio de umas torneiras d'agua fria, que lhes ficam

perpendiculares, afim de lhes retardar a decomposição.

O publico póde visitar aquelle estabelecimento mortuario a toda a hora do dia ou da noite, e dar quaesquer informações ou esclarecimentos ás auctoridades competentes. A vigilancia sanitaria está a cargo d'um medico e seu adjunto, havendo outros empregados subalternos.

De caminho para o cemiterio *Père Lachaise*, ao passar pelo largo da Igreja de *Notre Dame*, vimos uma longa cauda de gente que pretendia entrar na Igreja, movida pela curiosidade de vêr a sua armação. E' que no dia 3 fôra o anniversario do passamento do prestantissimo cidadão, primeiro presidente da republica Mr. *Thiers*, cujas pompas funebres foram celebradas com a magnificencia e explendor, dignos d'aquelle notavel homem do estado.

A enorme e generosa multidão era dirigida por um grande cordão de policias, impedindo que o templo fosse invadido de tropel; e, na impossibilidade de lá penetrarmos, seguimos para a rua de *La Roquette*, em cuja extremidade está o cemiterio do *Pére Lachaise*.

Uma larga porta de ferro em forma de semicirculo, onde á direita e á esquerda se lêem algumas inscripções, em letras douradas, tiradas da Sagrada Escriptura, dá entrada para esta vasta e luxuosa necropole, o maior d'entre todos os cemiterios de *Pariz*.

Em frente da porta principal extende-se uma larga e comprida rua, guarnecida dos lados de sofás de ma-

deira e interrompida por alguns metros de relva semelhando tapetes verdes. O terreno, alteando-se gradualmente até o largo em que se acha fundada a capella, offerece pela sua eminencia o mais lindo e deslumbrante panorama da cidade.

O cemiterio é accidentado, e com ruas muito arborisadas, que lhe dão um aspecto sombrio e triste. Além d'isso, a sua vastidão tornou forçoso limitar a nossa visita a alguns dos mausoleos do plano inferior. Mencionarei entre outros, o que encerra os despojos dos generaes *Clement Thomas* e *Lecomte*, assassinados pelos communalistas, representado na figura de uma mulher em pé, com os braços abertos, como que protegendo as cinzas d'aquelles illustres martyres; o de *Casimir Périer*, presidente que foi do Conselho de Ministros sob o reinado de *Luiz Filippe*, ornado de uma estatua de bronze figurando em pé aquelle notavel estadista, com o seu alto pedestal, enriquecido de ricos e admiraveis baixo-relevos. Este monumento, mandado erigir pela cidade de *Pariz* e situado n'um largo de forma circular, é rodeado de tumulos de muitos homens, cujos illustres nomes passaram á posteridade, taes como *Bellini* [1], *Bernardin de Saint-Pierre* [2] *Parny* [3], e

[1] Celebre e melodioso maestro de musica dramatica. Nasceu em 1802 e morreu em 1835.

[2] Notavel escriptor francez, auctor de Paulo e Virginia, dos estudos da natureza e de outras obras. Nasceu em 1737 e morreu em 1814.

[3] Distincto poeta francez, que nasceu em 1753 e morreu em 1814.

outros. Sobre o do grande chimico *Raspail,* republicano intransigente e tenaz defensor das classes operarias, acham-se depostas centenas de corôas de diversas grandezas e milhares de bilhetes de visita! A ultima morada do salvador da França, do grande *Thiers*, tambem tinha muitas côroas e bilhetes, sendo tão compacta a massa do povo em torno do jazigo, para o vêr e depositar corôas de saudade, que nos foi impossivel chegar á beira d'elle. Todos queriam visitar o jazigo do *papa Thiers,* como o povo o cognomina na sua simples mas expressiva linguagem.

Os Cemiterios são aqui muito frequentados. É grande o concurso do povo que diariamente enche as ruas d'estas republicas da igualdade. O respeito e a piedade para com os mortos, e os ternos sentimentos despertados pela saudade dos que na vida nos foram caros, são a natural explicação d'esta piedosa romaria.

As restantes horas do dia foram consagradas á visita do *Jardim das Plantas* ou *Museu da historia natural*. Este immenso jardim, situado na Praça *Walhumbert* e em frente da ponte de *Austerlitz,*[1] é embellezado de ruas de arvores, em fileiras parallelas, de muitos arbustos e plantas de rara belleza, e de flores de variegadas cores. A sua collecção de animaes vivos, desde os domesticos até os mais ferozes, po-

[1] Commemora a famosa batalha ganha por Napoleão I na cidade de Moravia aos Austriacos e Russos a 2 de dezembro de 1805.

voando os diversos compartimentos em largos pateos, prende e admira pelo numero e pela variedade das classes, familia e raças.

Individuar e descrever esta soberba colleção zoologica destinada ao estudo das sciencias naturaes, é tarefa mui ardua e superior aos meus fracos conhecimentos n'este ramo do saber humano, ainda quando não fosse materia extranha á indole d'este ligeiro escripto. Gostei de vêr elephantes de extraordinaria grandeza e perfeitamente domesticados, os quaes, guiados pelo seu *cornacá,* levavam sobre os dorsos sentadas em apparelhos adequados senhoras e creanças, conduzindo a passos lentos os seus hospedes por entre a multidão de curiosos, que os admiravam; e tambem era bonito vêr um elegante carrinho, com quatro louras e lindas creanças, puxado por um abestruz, que, com o collo levantado e as azas meio abertas, parecia orgulhoso da mimosa carga que levava.

Percorrendo os diversos compartimentos, onde maravilha uma infinidade de aves de todas as partes do mundo, e em que a familia gallinacea sobresáe pela multiplicidade das suas diversas raças e pela variedade das cores rutilantes das suas pennas, fomos dar ao famigerado e vistoso *Palacio dos Macacos*, cuja curiosa morada se compõe de uma comprida e alta gaiola de arames em amphitheatro, contendo troncos d'arvores, baloiços, trapesios, cordas com nós suspensos do tecto e assentos, onde os seus habitantes, de varias grandezas e cores, atrahem com os seus exercicios gy-

mnasticos, saltos e momices, grande concurrencia de espectadores.

No compartimento dos reptis tambem não é pouco curioso vêr cobras de diversas grandezas, mettidas umas nas suas tócas, apparecendo outras em curvas graciosas, ou enroscando-se em cobertores de lã, que lhes servem de cama.

Finalmente visitámos o enorme edificio, dividido em vastas galerias consagradas respectivamente aos muzeus de botanica, zoologia, geologia e mineralogia, e enriquecido com uma bella bibliotheca de milhares de volumes, em cujas estantes se vêem os bustos de homens que se distinguiram em sciencias naturaes, taes como *Cuvier, Geoffroy-Saint-Hilaire, Berthollet, Chaptal* e outros.

CARTA XVII

A visita á igreja de *Notre Dame* foi no dia 5 de setembro.

O rio Sena, descendo para a vistosa ponte de *Tournelle*, abre dois extensos braços, abrangendo no seu seio um grande tracto de terreno. É a ilha da *Cité* ou de *S. Luiz*, na qual se ostentam os mais bellos edificios, que fazem o orgulho da cidade de *Pariz*: — o *Palacio da Justiça*, a *Sainte Chapelle*, o *Hotel-Dieu* (Hospital) e o esplendido Templo sob a invocação de *Notre-Dame* (Nossa Senhora) são primores de architectura.

Notre-Dame é um magnifico poema em pedra, que a um tempo captiva e maravilha por sua elegancia e belleza de architectura. É porventura a mais bella Igreja de *Pariz*. Tentar descrevel-a seria profanar os mimos da sua primorosa structura. A gente quasi que

se descuida de seus cuidados, para ficar um dia inteiro absorta e enamorada das maravilhas artisticas, que este templo encerra!

No centro do cruseiro via-se ainda o sumptuoso Catafalco, que servira para prestar as honras funerarias á memoria de Mr. *Thiers* no anniversario do seu passamento. As paredes, revestidas de uma armação de veludo preto ornado ricamente de galões prateados, davam ao templo um aspecto lugubremente vistoso. A concurrencia da multidão nobremente reconhecida, que ha tres dias successivos invadia o templo, ainda era enorme!

Era-nos porém forçoso deixar a contemplação d'esta obra prima da arte para seguirmos para a rua de *Sommerard*, *boulevard* de S. Miguel, onde estão o antigo *Hotel de Cluny* e as ruinas romanas do palacio denominado *Thermas de Juliano*.

O hotel é vasto e ajardinado, a sua figura é um pentagono, e o seu estylo o da renascença e da arte ogival. Serve de Muzeu de preciosidades da idade media e da renascença, onde se admiram muitos productos de subido valor historico e artistico, em ouro, prata, bronze, marfim etc. e magnificas esculpturas em marmore, madeira e bronze, moveis antigos, ricas tapeçarias, pinturas admiraveis, faianças etc. É notavel e importante a sua collecção geologica, e tambem as ricas carroagens de gala dos seculos XVII e XVIII em muito bom estado de conservação, collocadas n'uma galeria para ellas expressamente construida.

A capella do palacio, com ser pequena, é um primor de esculptura do mais vistoso ornamento.

Nas ruinas das *Thermas de Juliano*, situadas n'um grande pateo, admiram-se: o *Tepidarium* romano, em que se tomavam banhos quentes; o *Frigidarium* ou salas para banhos frios; columnas completas e outras sem capiteis, firmadas no solo; porticos, e estatuas de diversas grandezas; e finalmente subterraneos, que serviram de aqueductos das aguas do Sena empregadas nos referidos banhos.

O *Hotel de Cluny*, edificado por *Pedro Chaslus*, abbade de *Cluny*, soffreu varia fortuna quanto aos seus possuidores. Havendo sido por muito tempo residencia de Maria de Inglaterra, viuva de Luiz XII, passou a pertencer ao estado que o adquiriu em hasta publica. Vendido posteriormente, foi comprado por *Mr. Dusommerard* que o enriqueceu com a preciosissima collecção de objectos raros, os quaes constituem o seu rico Muzeu, admiração de todos que o visitam. Por sua morte, o predio, o Muzeu e as ruinas das *Termas de Juliano* passaram a ser propriedade municipal.

Cabe aqui mencionar um facto honroso e digno de perpetua memoria. No concurso dos que pleiteavam a posse do *Hotel de Cluny* e dos seus accessorios, a viuva *Dusommerard* preferiu vendel-o ao Municipio de *Pariz* por uma somma muito inferior áquella, que lhe havia sido offerecida por um particular! É que na alma gentil e delicada da nobre senhora poude mais a gloria do

seu paiz, do que alguns punhados de ouro a mais que caíssem nas arcas do seu patrimonio.

O actual conservador d'este importante Muzeu é *Mr. E. de Sommerard.*

Do *boulevard* de S. Miguel encaminhámo-nos para a rua *Soufflot* [1], onde se ergue elegantemente a Igreja de Santa Genoveva, destinada a perpetuar a memoria dos grandes homens da França, e conhecida hoje pela denominação de — *Pantheon* — cujo elegante exterior é de singela descripção.

Uma larga escadaria de marmore conduz ao peristyllo formado de muitas columnas de ordem corinthia estreadas, as quaes supportam um frontão triangular, ornado de baixos-relevos de inexcedivel execução. No meio d'este primor d'arte ergue-se graciosa a figura da *Patria*, symbolisada n'uma mulher com os braços abertos, destribuindo corôas para os dois lados aos grupos dos grandes homens da França, entre os quaes se ostentam os vultos de *Napoleão I, Malesherbes* [2], *Mirabeau* [3], *Monge* [4],

[1] Nome do distincto architecto francez, que traçou o plano que serviu para a edificação do Pantheon. Nasceu em 1713 e falleceu em 1781.

[2] Magistrado integro, jurisconsulto eminente. Foi um dos defensores do malogrado rei Luiz XVI. Nasceu em 1721 e morreu no cadafalso em 1794.

[3] Celebre e fecundo orador da revolução. Nasceu em 1749 e morreu em 1791.

[4] Mathematico notavel, um dos fundadores da Escola Polytechnica de *Pariz*. Nasceu em 1746 e morreu em 1818.

Fenelon[1], *Carnot*[2], *Rousseau*[3], e muitos outros filhos dilectos das sciencias, das artes e das bellas lettras.

Em baixo do frontão acha-se esculpida em lettras douradas a seguinte inscripção:

AUX GRANDS HOMMES LA PATRIE RECONNAISSANTE

(Aos grandes homens a patria reconhecida)

.....

Confesso que, ao ler esta patriotica inscripção, me vieram á mente as palavras do nosso saudoso Garrett:

«Onde jaz, Portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?»

.....

«Nem o humilde logar onde repoisam
As cinzas de Camões, conhece o Luso.»

Do lado interior do peristyllo levanta-se o corpo do edificio ornado de simples grinaldas, que lhe impri-

[1] Arcebispo de *Cambrai*, um dos melhores escriptores francezes foi preceptor do duque de Borgonha, filho de Luiz XIV; escreveu o bem conhecido poema em prosa — o *Telemaco*. Nasceu em 1651 e morreu em 1715.

[2] Membro do *Comité* de salvação publica concorreu muito para as victorias da republica, e entretanto foi duas vezes ministro nos tempos mais criticos do primeiro imperio. Nasceu em 1753 e morreu em 1823.

[3] Nasceu em Genebra em 1712. Distincto prosador, homem poeta e humanitario, profundo philosopho e auctor do *Contracto Social* e de muitas obras notaveis. Morreu em 1778.

mem a severa grandeza, consoante á magestade do seu destino. Um zimborio alto e elegante, enfeitado á roda de columnas proporcionaes de ordem corinthia, cobre e completa a obra prima do architecto *Soufflot*.

O interior do edificio, que é a um tempo magestoso e singelo, corresponde á severidade que ostenta no exterior. O zimborio ou a cupula, visto interiormente, maravilha pela belleza dos frescos, sobresaindo deslumbrante o que symbolisa a apotheose de Santa Genoveva.

Mediante uma pequena retribuição de cincoenta centimos, o guarda conduziu-nos á *Crypta* do Templo.

Para se ir a este subterraneo, onde repousam em monumentos singelos os restos mortaes de *Bougainville*[1], *Soufflot*, *Lagrange*[2], *Voltaire* e outros, atravessam-se muitas galerias, sendo algumas de uma luz misteriosa, e outras tão escuras, que é mister uma lanterna, de que o guarda previamente costuma ir munido.

N'uma das galerias ha um maravilhoso effeito do echo, que repete qualquer oração, por extensa que seja, tão clara e distinctamente e em tão grande volume de som, que causa espanto. Ouvindo nós uma salva de vinte e um tiros, de certo pensariamos serem de artilharia, se não vissemos que os sons partiam de um pequeno tamborete, tocado com uma pequena baqueta!

[1] Luis Antoine de Bougainville, celebre navegador francez. Nasceu em 1729 e morreu em 1811.

[2] Notavel geometra e mathematico francez. Nasceu em 1736 e morreu em 1813.

Do *Pantheon* fomos para o *Jardim do Palacio do Luxembourg*, immenso, de fórma irregular, cercado de grades altas douradas na extremidade superior, e de um suave encanto pelo grato perfume e matiz das flores que o aformoseam, e pelas fileiras de frondentes arbustos formando ruas, que se cruzam em differentes direcções. As suas relvas de um verde admiravel, sobresaindo a que, á maneira de um largo e extenso tapete, se desdobra em frente do grandioso Palacio; um amplissimo lago de forma circular; fontes; muitos theatrinhos de *marionnettes* (bonecos)—encanto e delicias das creanças—; finalmente, dezenas de estatuas em marmore do tamanho natural, representando as mulheres mais illustres da França; eis o que é, a traços rapidos, o *Jardim do Luxembourg, rendez vous* das *grisettes*, e passeio favorito dos estudantes.

É para notar-se a concurrencia extraordinaria de gente, que diariamente vae ali espairecer, e os bandos de creanças que correm, brincam com seus arcos, e chilream por entre as avenidas, em quanto as mães ou mestras se occupam de trabalhos de costura e de lavores proprios do sexo.

Ha n'este jardim um notavel fenomeno, que ali attrae muitos curiosos: são nuvens de pardaes, que, em se lhes assobiando de um modo particular, apparecem n'um vôo, ora pousando aqui e acolá, ora adejando de novo, até que se aproximam dos circumstantes, a ponto de virem comer á mão migalhas de pão ou bolos, que se lhes offerecem.

Pois que! exclamará alguem, pois o pardal, essa ave

arisca, condemnada á morte por damninha em posturas de camaras ruraes portuguezas, onde se arbitram umas tantas cabeças como imposto lançado aos lavradores; — pois o pardal, repito, póde tornar-se manso e sociavel? Pode. Aqui ninguem lhe faz mal, ninguem o espanta; ao contrario acariciam-n'o como a todos os animaes. Até as creanças lhe dão bolos, que a avesinha parece agradecer, rumorejando de contente com as suas pequeninas azas em derredor dos seus protectores.

Pobre ave! Tu gozas da immerecida fama de destruidora das louras messes, e na realidade não és senão a sua providencia! A detida observação, dos que entendem nas cousas de lavoura, mostra evidentemente, que o pequeno damno que lhe attribuem, comendo alguns grãos, é largamente compensado com o beneficio de purificar dos parasitas as searas.

O interior do *Palacio do Luxembourg,* servindo actualmente de Casa da Camara, em consequencia de haver sido queimado o *Hotel de Ville* pelos communalistas em 1871, é vedado á curiosidade publica; comtudo o seu *rez-de-chaussée,* repleto de estatuas admiraveis, e as galerias do primeiro andar, onde maravilham paineis a oleo de bons auctores, estão patentes ao estudo e goso dos visitantes. Ali passámos algumas horas agradavelmente.

Visitámos a magnifica Igreja de *S. Sulpicio.* As suas duas torres perfeitamente eguaes, de tres corpos sobrepostos formando tres andares, são maravilhosas

pela sua altitude e belleza de construcção, ostentando as tres ordens architectonicas — *dorica, corinthia* e *jonica*.

Uma elegante fonte, em frente da fachada d'este notavel Templo, orna e aformosea uma larga e bella praça.

Lá nos surge admiravel e gracioso o *Hotel dos Invalidos* com a sua rutilante e dourada cupula.

Este edificio de tão bella structura, fundado por Luiz XIV em 1671, e enriquecido pelo seu restaurador Napoleão I, é o asylo destinado a assegurar a velhice tranquilla aos militares mutilados, e aos enfermos desamparados, que encaneceram na trabalhosa vida da profissão das armas.

Vimos ali veteranos mutilados, e algumas já raras reliquias das gloriosas campanhas do primeiro imperio. Inclinámo-nos respeitosos perante estes vultos venerandos.

Estes benemeritos pensionistas do estado, em numero de quatrocentos pouco mais ou menos, segundo me informaram, encontram n'esta philantropica instituição alimento sadio e abundante, decente vestuario e admiravel aceio; emfim o bastante para tornar a vida confortavel.

Na extremidade meridional da *Igreja de S. Luiz* realça a dourada *Cupula* ou o *Zimborio dos Invalidos*, construido por *J. Hardouin Mausard*[1] no começo do

[1] Este architecto francez construiu tambem o *Palacio* e a *Capella de Versalhes*, a *Praça Vendôme* etc. Nasceu em 1645 e morreu em 1708.

XVIII seculo, e por sem duvida um dos mais bellos monumentos religiosos da epocha da renascença. O seu interior corresponde ao exterior. Explendido na belleza das linhas e na harmonia das proporções, maravilham-nos já a sumptuosidade das suas *Capellas*, já o rico mosaico do pavimento, já os soberbos monumentos de *Turenne*[1] e *Vauban*[2], já finalmente a riqueza de ornamento de differentes tumulos. Ostentam-se ainda, aqui os baixos-relevos representando muitos monarchas da França, acolá as figuras allegoricas, soberbas telas de pintura e muitas outras maravilhas, que não podem condensar-se n'uma rapida e fugitiva descripção.

No centro do edificio e na perpendicular do Zimborio, por onde entra uma mistica claridade, ha uma grande abertura circular, defendida por um parapeito em roda, d'onde póde observar-se um magnifico Sarcophago de granito vermelho, assente na crypta de mosaico de seis metros de profundidade e onze de raio, cercado de doze esbeltas estatuas de marmore branco, as quaes symbolisam as mais notaveis campanhas do primeiro imperio. É ali que descansam desde 1841 os restos mortaes do genio das batalhas, do incansavel Napoleão I, cuja desmedida ambição, que-

[1] Illustre marechal de França. Nasceu em 1611 e morreu em 1674.

[2] Distincto engenheiro militar, marechal de França, conhecido pelo systema das suas fortificações. Nasceu em 1633 e morreu em 1707.

rendo abarcar o mundo inteiro, foi despedaçar-se nos rochedos da pequena ilha de Santa Helena.

Quasi no fundo do edificio se nos antolha uma veneravel imagem de *Nosso Senhor Jesu-Christo* crucificado, de tamanho natural, assente sobre um magnifico e rico altar, adornado de quatro columnas torcidas ou salomonicas de marmore preto e branco; e, na parte posterior do mesmo altar, defronta-se com uma porta de bronze, flanqueada de duas estatuas, representando uma *Duroc,* e outra *Bertrand*, fieis companheiros d'armas do imperador. No cimo da porta, por onde uma escadaria de marmore branco conduz ao tumulo, está em lettras douradas a seguinte legenda:—

Je desire que mes cendres reposent sur les bords de la Seine, au milieu de ce peuple français que j'ai tant aimé.

(Desejo que as minhas cinzas descancem nas margens do Sena, no meio d'este povo francez que eu tanto amei).

Tambem é digno de vêr-se o poço artesiano de *Grenelle.* N'um largo circular, proximo á *Praça de Breteuil,* eleva-se uma torre monumental de ferro fundido, a qual, servindo para sustentar os tubos de descarga e da distribuição das aguas que vem do poço, mede quarenta e dois metros de altura, sendo o diametro da sua base de tres metros e oitenta e oito centimetros, e o da parte mais elevada de dois metros e noventa centimetros.

Como a torre na sua estructura é aberta, vê-se por

isso uma escada interna em espiral, que vae ter a uma varanda, d'onde pode gosar-se um lindo panorama.

Estamos na formosa e vastissima *Praça da Concordia*, outr'ora lugubre e triste pelas tragicas recordações historicas do tempo do *terror*. Testemunha da execução do infeliz Luiz XVI, que subiu ao cadafalso em 21 de janeiro de 1793, e da morte do Duque de Orleans *Filippe-Egalité*, é hoje a mais bella Praça de *Pariz*, e porventura a primeira do mundo, attenta a sua descommunal grandeza.

Denominada primitivamente *Praça de Luiz XV*, por uma deliberação da Assemblea Legislativa em 1792 ficou sendo — *Praça da Revolução*. — Mais tarde a Restauração chrismou-a para — *Praça de Luiz XVI*, a cuja memoria pretendeu-se ali erigir um monumento expiatorio.

No centro d'esta magnifica praça ergue-se o famoso e elegante *Obelisco Louqsor*, assim chamado por ter sido descoberto em *Louqsor*, pequena aldêa do Egypto, onde antiguamente se ostentára a opulenta — *Thebas* — a das cem portas.

O celebre Obelisco, dadiva feita á França por *Mehemet-Ali*, é um monolitho côr de rosa, de vinte e dois metros e oitenta e tres centimetros d'altura, ornado nas suas quatro faces de hieroglyphos egyptanos. Na base vêem-se esculpidos, a ouro, os instrumentos de que se serviu o engenheiro *Lebas* para ali o collocar, aos 25 de outubro de 1836, na presença de Luiz Filippe e de toda a sua corte.

D'esta graciosa praça avistam-se em derredor — a *Avenida dos Campos Elysios* com os grupos em marmore branco, conhecidos por *Cavallos de Marly*, obra prima de *Coustou* — o *Palacio Bourbon*, antigo corpo Legislativo — o *Terraço* e o *Jardim* das *Tulherias* — a *Magdalena*, e finalmente o *Ministerio* da *Marinha*.

Duas grandes e elegantissimas fontes bronzeadas, ornadas de vistosos grupos e baixos-relevos admiraveis, jorrando sobre largas bacias em repuchos de fórma de um zimborio, oito estatuas de marmore branco representando as principaes cidades da França, columnas rostradas e emfim muitos candelabros, eis o que constitue a explendida decoração d'esta praça, surpreza dos estrangeiros, e orgulho dos nacionaes.

Discorrendo d'esta para a *Praça Vendôme*, que fica pouco distante, topa-se com a columna do mesmo nome, toda coberta de chapas de bronze, ornadas em espiral de baixos-relevos representando as campanhas de Napoleão I, cuja estatua, tambem de bronze, corôa o cimo da columna.

Como estou acostumado a vêr em gravuras, lithographias etc, o retrato do imperador com o seu legendario capote cinzento, botas de montar, e chapeu armado atravessado, surprehendeu-me vêl-o aqui em trajo de imperador romano, cingindo-lhe a cabeça uma corôa de louros.

A columna, construida das mil e duzentas peças de artilharia tomadas ao exercito russo, prussiano e austriaco, mede de altura quarenta e tres metros desde a

sua base. Tem uma varanda, para a qual póde ir o visitante por uma escada em espiral, encostada ás paredes internas. O preço da entrada é de um franco.

A praça, de fórma octogona, e ladeada de predios altos e uniformes, não é arborisada e tem duas sahidas fronteiras — uma para a *Rua de Rivoli* em frente das grades do Jardim das *Tulherias*,— e outra para a *Rua da Paz*, que é uma das mais bellas e admiraveis de *Pariz* pela sua largura e extensão de duzentos e oitenta metros, guarnecida de um e outro lado de magnificos armazens, e lojas vistosamente adornadas de ricos e variados artefactos.

Chegando á *Avenida da Opera*, tomámos pelos *boulevards*, cujo extraordinario movimento e ruidoza animação de certo seria incommoda para quem prefere a vida monotona e compassada das terras pequenas, onde a concurrencia é tambem pequena, onde todos se cortejam, tudo se commenta e em tudo se faz reparo! Eu por mim gosto das grandes cidades, encanta-me a multidão, porque é indifferente ao nosso modo de viver e deixa cada qual no pleno goso de sua liberdade. *Pariz* preenche n'esta parte o meu ideal.

CARTA XVIII

Consagrámos o dia 6 de setembro para a primeira visita ao principal Muzeu de *Pariz*, estabelecido no *Palacio do Louvre*.

Este immenso edificio, de extraordinaria belleza, traz a sua antiguidade dos primeiros tempos da monarchia franceza, e foi habitação dos reis de França e emblema do seu poderio feudal.

O Muzeu occupa não só o *rez-de-chaussée*, mas a maior parte das salas do primeiro e segundo andar; porém na parte do palacio, cuja fachada olha para a *Rua de Rivoli*, é actualmente o Ministerio da Fazenda.

Ha tantas bellezas de architectura a admirar no *Palacio do Louvre*, já nos seus riquissimos *Pavilhões*

com diversas denominações, já na severa elegancia da *Columnata* de uma de suas fachadas, e já finalmente nas *Estatuas* da frente principal do edificio — as quaes representam em tamanho natural os marechaes de França — que, descrevel-as a curtos traços, fôra impossivel ainda aos mais habeis talentos descriptivos.

A grande *Praça do Corrousel,* por onde fazem carreira os vehiculos que se dirigem á margem esquerda do rio, não é senão um immenso pateo formado pelas fachadas internas dos Palacios do *Louvre* e das *Tulherias*. A praça tem a fórma de um quadrilongo ajardinado em parte, e é maior que a do Commercio (Terreiro do Paço) em Lisboa. Tem no centro — o *Arco do Triumpho do Carrousel* — monumento mandado erigir por Luiz XIV, para commemorar as corridas de carros ali effectuadas com immenso esplendor e luzimento.

Este elegante padrão, de quatro faces, é perfurado por tres arcos nas duas frentes maiores e oppostas, e por um nas menores, communicando-se entre si. Quatro columnas de ordem corinthia, de marmore de cores e capiteis de bronze, sustentam um entablamento sobre o qual se elevam estatuas de marmore branco, que representam soldados do imperio em grande uniforme. Completam e corôam esta grande massa de pedra quatro cavallos de bronze, puchando um carro guiado pela figura allegorica da *Fama*. As quatro faces do monumento são adornadas de baixos-relevos, simbolisando as differentes campanhas do imperio.

Entrámos no primeiro andar do Palacio pela escadaria do *Pavilhão Sully* [1].

Logo na primeira das muitas salas, consagradas á pintura a oleo, que surprehendentes e admiraveis quadros! Que centelha do fogo sagrado illuminou as intelligencias, e inflammou as imaginações dos artistas, que nos legaram tão grandes primores — fascinação dos olhos e delicias da alma!

O grande *Rubens* com os seus soberbos quadros, representando a historia de *Maria de Medices,* de *Henrique IV,* e do seu filho *Carlos XIII;* — o immortal *Raphael,* cujas composições nos enlevam e encantam pela doçura e graça dos contornos e expressão das suas tintas; — *Leonardo de Vinci,* profundo pensador, mathematico distincto, chimico, e a um tempo poeta e pintor, a cujo engenho a pintura deve a perfeição e riqueza do colorido, que produziu fanatismo; — o divino *Miguel Angelo, Van-Dyck, Ticiano,* inimitavel no colorido brilhante e rico, que no mundo artistico lhe deu grande nomeada, e tantos e tantos outros talentos privilegiados, são as realezas do genio que povoam muitas das salas do *Palacio do Louvre.*

Tudo que ha de mais bello e correcto em pintura,

[1] *Duque de Sully,* e barão de *Rosny,* foi ministro e amigo de Henrique IV, cognominado o bom rei, cuja estatua de bronze e a cavallo se acha ao pé da ponte nova. O duque nasceu em 1559 e morreu em 1641.

tanto no passado como no presente, quer producção estranha, quer nacional, é admirado n'estas sumptuosas e extensas galerias, que só pelos seus adornos são maravilhas de perfeição. Os tectos, as paredes, os moveis de ricos embutidos e os sobrados, tudo é consoante ás explendidas telas, que guarnecem aquellas salas.

Percorrendo successivamente grande numero de galerias, todas muito altas, ricamente douradas e guarnecidas de deslumbrantes e graciosos ornamentos, estacámos n'aquella, em que se admiram soberbos frescos e as portentosas pinturas de *Eugene Delacroix*, na galeria *de Apolo*. As de desenhos em grandes cartões e as de gravuras, dos bronzes e objectos de barro cozido, dos muzeus egypcios e chinezes, e dos de antiguidades romanas, gregas, etruscas etc., não são menos admiraveis.

Por ultimo visitámos no *rez-de-chaussée* as esculpturas antigas, da edade media e da renascença.

Mencionar todas as maravilhas e riquezas artisticas do *Muzeu do Louvre* n'uma rapida visita, a correr, e em que ainda assim consumimos umas cinco horas, não é dado ás minhas minguadas forças, nem o comportariam as exiguas proporções d'estas cartas.

O *Louvre* não é sómente um bazar de cousas preciosas; serve tambem de ensinamento proveitoso ao povo em geral, e de escola aos que se dedicam á pintura; e é por isso que, além de visitantes, se vêem nas suas salas artistas e amadores dos dois sexos a estudarem os quadros, com que os grandes mestres

enriqueceram a divina arte da pintura, e que são ainda hoje objecto de admiração e de pasmo.

De um e outro lado das salas, grandes e pequenos cavalletes sustentam télas ou madeiras, em que pintam os artistas, e curioso é ver grupos estacados aqui e ali, admirando a elegancia e a pericia com que as senhoras, segurando a palheta com os seus finos e delicados dedos, reproduzem na tela com toda a fidelidade os quadros, que lhes servem de modelo.

Eram já seis horas da tarde, quando os guardas do Museu começaram a convidar os visitantes a abandonarem o templo de tantos primores artisticos. Sae-se d'ali com saudade; e o espirito, como que subjugado por uma visão celeste, continúa a sentir por muitas horas a deliciosa sensação das impressões tão docemente recebidas.

Um jantar de convite, em casa do meu velho amigo o Dr. José Tavano, me forçou a deixar por horas a companhia dos meus companheiros.

Tomando pela *Praça do Carrousel* e proximo ao monumento, estive contemplanho o grande *Balão* preso, que, saindo das *Tulherias,* se elevava a uma grande altura, repleto de passageiros. A ascensão no Balão é a vinte e cinco francos por cabeça, e cada passageiro recebe, no fim da viagem aerea, uma medalha amarella como prova de coragem.

CARTA XIX

Antes do sol com seus rutilantes raios dourar as mais altas grimpas dos edificios de *Pariz*, consummavam-se duas execuções na *Praça de La Roquette*, á face de uma nação generosa e civilisada, regida pela fórma republicana!

Lebiez e *Barré* foram os dois condemnados. O crime de homicidio voluntario arrastou-os ao supplicio da guilhotina no dia 6 de setembro de 1878.

Áquelle sanguinolento espectaculo, em que *folgou a justiça e gemeu a natureza*, concorreu, segundo referem os jornaes, grande numero de espectadores, na maior parte fezes da sociedade, homens de má nota, mulheres levianas e de prostibulo. Todo este amalgama, atulhando a praça, alagando-a com seu refluxo como se

fosse uma grande cheia de inverno, vozeava como selvagens, offerecendo um espectaculo tão vergonhoso, que só por meio de uma carga de cavallaria teve de ser reprimido! É que os espectadores d'aquella laia tinham a triste curiosidade, e a fatal ancia de vêr de perto os dois protogonistas da tragedia que se representava!

Os jornaes, estigmatisando com razão o facto indigno de uma nação civilisada, noticiaram que o sr. ministro da justiça e guarda-sellos Mr. *Dufaure* cuida em nomear uma commissão, para estudar o modo mais consoante á civilisação de se fazerem essas execuções, aventurando alguns a idéa de que ellas se effectuassem dentro das cadeias, assistindo sómente as auctoridades e os empregados de justiça. A ser adoptado este alvitre — que sem duvida evita as scenas de barbaria que acabamos de descrever — que será feito então do *exemplo* que logra fóros de supremo argumento para os que defendem a pena de morte?

Ha muito que uma nação pequena, mas conscia dos sentimentos humanitarios — Portugal — acatando como religião do sentimento publico a inviolabilidade da vida humana, traduziu o que já era lei consuetudinaria — a abolição da pena de morte — em diploma legislativo, sanccionado pela Lei de 1 de julho de 1867, como regra de legislação penal [1].

[1] Era então ministro dos negocios da Justiça, representando o partido historico na fusão com o regenerador, o Ex.mo Sr. Dr. Augusto Cezar Barjona do Freitas, actualmente Par do Reino e Conselheiro do Tribunal de Contas.

Filhos de um paiz, que ao mundo deu tão nobre, quão humanitario exemplo, não podiamos decorosamente ser espectadores de uma scena de assassinato, embora fosse legal. Convidados os meus companheiros e eu para irmos á cadeia assistir ao *toilette* das victimas, a qual consistia no corte do cabello, rapar da nuca e no vestuario adequado áquelle acto, recusámos horrorisados a *honra* do convite.

A maior satisfação e o contentamento intimo, que me acompanha n'esta vida, é o de ter cooperado, na qualidade de deputado pela terra da minha naturalidade, na feitura da lei que aboliu a pena de morte em Portugal. Glorio-me d'isso, e tenho até ufania de o confessar, embora eu respeite a opinião dos que, de boa fé, acreditam na efficacia d'esta pena como meio repressivo e uma prevenção salutar. Eu por mim, desde os bancos das escolas, tive-a por desnecessaria, e por conseguinte illegitima. Só é legitimo o que fôr absolutamente necessario.

A morte applicada como pena participa de muitos defeitos, e qualquer d'elles, só por si, bastaria para que ella nunca pudesse figurar em codigo algum criminal de paiz livre e civilisado.

Se a sociedade tem o incontestavel direito de punir e de applicar as penas, não podem ellas ser arbitrarias e a talante do legislador. Suppôr o contrario, seria admittir como regra o despotismo e a infracção das leis moraes, que são eternas e absolutas.

Um dos deveres, porventura o mais imperioso, é o

da conservação da propria existencia, por ser não só um facto independente da nossa vontade, senão tambem condição do nosso desenvolvimento e perfectibilidade. D'aqui a consequencia necessaria da prohibição moral do homicidio, do suicidio, do duello e das torturas.

Não matarás: — E' preceito da lei divina, tão absoluto como o *Legislador*, d'onde dimanou. A sociedade matando, embora com todo o apparato legal, nem por isso deixa de infringir, aos olhos da Philosophia, uma lei moral, arrogando-se o direito, só baseado na força publica, de exercer um acto de despotismo, sem se lembrar da flagrante contradicção de castigar um crime, commettendo crime igual. É que a vingança é sempre cega.

Juridicamente fallando, a pena de morte não resiste á analyse, se a encararmos sem preconceitos ou subtilezas, sem sophismas, e despida da idea de vingança. Vejamos:

A pena de morte não *exemplifica;* porque soffrendo a humanidade, ha seculos, todo o genero de morte e horriveis torturas em nome da lei, ha muito tambem que ella teria chegado á sua maxima perfeição pelo acabamento dos delictos sujeitos á pena capital. A experiencia e a reflexão porém se incumbem de mostrar, que o rigor das penas não intimida, e que nos paizes onde mais execuções ha, é justamente onde apparecem os crimes mais monstruosos. O povo, como que habituado ás scenas de sangue e á crueza de frequen-

tes execuções, acaba por perder a sensibilidade, votando completo despreso á morte. No Japão os supplicios são horriveis e os japonezes são ferozes.

O homem, completamente desmoralisado e endurecido no crime, não se intimida com o lugubre apparato do supplicio. O vulgo, que assistiu ao derramamento do sangue n'estas duas execuções, promovendo vergonhosos escandalos e scenas ascorosas, retirou-se, se é possivel, mais pervertido ainda, porque a sociedade acabava de lhe dar o exemplo de que não tinha horror ao sangue, nem em grande conta a vida humana.

A pena capital não é *reparavel*. É este um dos seus defeitos principaes. A justiça humana, sendo fallivel, como é, póde fundar-se sobre apparencias muitas vezes enganadoras, e nos falsos depoimentos movidos por odios e por muitas outras malevolencias; e não é raro verem-se victimas innocentes, levadas ao cadafalso com todas as provas juridicas, sem lhes faltar o apparato rhetorico do accusador em nome da sociedade offendida. Decorre tempo; prova-se de um modo irrefragavel, que o crime nunca existiu, porque appareceu o supposto assassinado ou porque se apresentou o verdadeiro deliquente, replecto de toda a sua culpabilidade. D'isto sobejam exemplos nos annaes judiciarios. Como pois reparar o crime praticado em nome da lei?

Todas as penas são mais ou menos reparaveis; mas como restituir a vida ao cidadão innocente?... A resurreição do Lazaro biblico foi um milagre, que uma só vez se operou.

Tem muitos outros defeitos a pena capital, os quaes omitto para não me alongar em considerações, que dariam para muitas paginas, porque a these é vasta e tem sido muito discutida.

Um moço de robusta e culta intelligencia, *André Chenier,* celebre poeta francez, pesaroso por ter de morrer na força da edade, quando d'elle muito havia a esperar, já no alto do patibulo levantado em 1794, exclamava, batendo na testa: *Sinto ainda aqui alguma cousa* [1].

Se não tivessem cortado os vôos ao seu genio, que não teria elle produzido!? Que leis novas talvez descoberto!? Que somma de bens não adviria á humanidade, se áquella privilegiada intelligencia ou a outras muitas trucidadas, se tivesse permittido acção e movimento!?

Se em vez de matar, a sociedade empregasse os condemnados em trabalhos uteis, que resultados proficuos não teria alcançado? A maior parte dos soberbos monumentos do Egypto foram labores dos condemnados á pena de morte; e a estes proporcionava-se ensejo para o arrependimento e futura regeneração pelo trabalho.

A pena de morte não é senão o reflexo da vindicta particular. Mas a Sociedade não se vinga, pune; a vingança é uma paixão, e a lei deve ser impassivel.

Oxalá vejamos expungida dos codigos penaes a inutil pena de morte, e que a generosa França, tão doce nos costumes, e enthusiasta das grandes idéas, dê ao

[1] Não me occorrem as precisas palavras do poeta; cito de memoria.

mundo o salutar exemplo, no interesse da moral e da humanidade, abolindo a pena capital.....

Correndo nas azas da minha phantasia a proposito das duas execuções consummadas n'esta madrugada, não me lembrára de que era já tempo de fallar do *Bosque de Bolonha*, onde passámos aprazivelmente o dia.

Rodando para a *Praça da Estrella* o trem, que nos conduzia, enfiou d'ali pela *Avenida do Bosque de Bolonha*, outr'ora denominada da *Imperatriz*.

Esta *Avenida*, que prende a attenção e causa surpreza pela sua extensão de mil e trezentos metros sobre cem de largura, é pittoresca e magestosa, pelos frondosos arvoredos que a marginam, e pela uniformidade dos predios que a guarnecem.

Depois de longo percurso, eis-nos no tão fallado *Bosque de Bolonha*, vastissima área, onde se cruzam largas avenidas, povoada de umbroso e gigantesco arvoredo, bella de luxuriante vegetação de um verde scintillante, e aprasivel pela variedade de suas paizagens. Sente-se dilatar-se o coração e abrir-se a alma perante tantas galas da natureza.

Os admiraveis e fôfos relvados resplandecentes pelo matiz de innumeras flores; os grandes lagos e os *botes omnibus;* as verdejantes ilhas com seus risonhos *chalets;* a grande *Cascata* com o seu lençol d'agua cristalina, que se precipita em rendilhada espuma; as sombrias grutas; os elegantes *restaurants*, emfim todo este formoso conjuncto jamais nos enfada, antes prende e enfeitiça sempre.

É depois das cinco horas da tarde que se podem n'este aristocratico passeio admirar os milhares de trens de todos os feitios, que se cruzam em todas as direcções;—a alta elegancia de lindas e formosas mulheres recostadas nas flacidas almofadas das suas ricas equipagens; as airosas amazonas montando soberbos corceis, ladeadas ou seguidas de cavalleiros, a quem dispensam engraçados sorrisos; emfim a turba multa de peões, que giram pelos passeios lateraes da grande *Avenida*. Admiravel visão de indiscriptivel effeito! Contornando o *Bosque* em uma das suas direcções, lá nos surge a vasta planicie de *Longchamp*, e n'ella o *Hyppodrome*, onde se dão pomposas corridas de cavallos. O seu pavilhão com vastas e elegantes tribunas, as suas tres pistas, sendo a maior de dois mil e novecentos metros; os logares para os espectadores de pé, e o sitio reservado para os trens, cousas são estas que prendem não pouco a attenção.

Tomando por uma avenida de suave declive, e junto de um *restaurant-chalet*, elegante peça rendilhada, que uma espessa mata de pinheiros torna extremamente pittoresca, discorremos para a grande *Cascata*, á beira da qual nos apeámos.

É dentro das suas galerias que se gosa o magnifico effeito da catadupa, que, despenhando-se da altura de quatro metros, cae sobre um montão de rochedos em espuma cristalina. Subimos á parte mais elevada das grutas, d'onde se gosa um lindo panorama, de cujo extenso horizonte se projecta o *Monte Valeriano;* avis-

tam-se igualmente o *Saint-Cloud, Bellevue, Meudon* e *Suresnes,* aprasiveis e pittorescos suburbios da cidade.

Subindo de novo para o vehiculo, os cavallos trotavam para o *Jardim Zoologico de Acclimação,* o qual fica ainda na área do *Bosque de Bolonha,* e para cuja entrada se paga um franco por cabeça, além de tres francos pelo trem.

Este jardim, cuja instituição tem por fim acclimar e multiplicar os animaes e vegetaes interessantes pela sua utilidade ou pela sua belleza, possue uma riquissima collecção de animaes de varias familias, e de raras e mimosas plantas, estimulo de estudo para os entendidos e aprazivel diversão para os curiosos.

O seu *Aquarium* é inferior ao do *Havre,* não só no tocante á grandeza, como na variedade dos peixes.

Ao saír do *Jardim,* já cerca das cinco horas da tarde, entrámos nos *Campos Elysios,* cujo transito áquella hora se tornava difficil, pela grande quantidade de trens, que se cruzavam na sua principal *avenida.*

Os *Campos Elysios* e o *Bosque de Bolonha* são indubitavelmente os dois passeios mais frequentados pela flor da sociedade franceza, e em que se podem ver as mais elegantes *toilettes,* o luxo e a magnificencia das carruagens.

Passámos a noite no *Jardim Mabille,* situado na *Avenida Montaigne,* aos *Campos Elysios,* onde se dão os mais luzidos bailes de verão. Ha ali um pequeno bosque, e muitas flores, uma cascata, café, jogos de to-

das as qualidades e denominações, escola de tiros de carabina e pistola, e uma profusão de cadeiras e sofás de madeira, disseminados por differentes avenidas.

Ha um largo de fórma semicircular, defendido por paredes revestidas de espelhos, quasi escondidos por entre um tecido de trepadeiras, produzindo bello effeito; e onde sobresae um elegante portico, que dá para um salão coberto, guarnecido de vidros córados e de vistosas suspensões de lindos açafates de flores, realçado tudo pelas luzes, que inundam o jardim de uma claridade deslumbrante.

No meio d'aquelle largo ha um corêto, e á roda d'elle um espaçoso tablado, que é a sala do baile, onde ao ar livre se dança a vertiginosa valsa e o inebriante *cancan*.

É para admirar a compacta multidão (que chega a incommodar) reunida em volta, e ávida de ver a elegancia e as posições provocadoras dos pares dansantes.

As familias honestas (salvo algum excentrico appetite) não vão a esses bailes, e muitas ha que ignoram até a existencia d'elles. E a razão não é porque ali se representem scenas de immoralidade, ou cousa que possa melindrar o pudor; mas porque a mulher em França é bem educada, e, pelo desenvolvimento da sua intelligencia, comprehende a influencia de meios deleterios. Muitas outras distracções ha, onde não periga a reputação, nem póde descer o nivel moral.

As raparigas, que frequentam *Mabille, Folies-Bergè-*

re, Valentino, etc., são mero objecto de alegre divertimento e de agradavel distracção, e fazem as delicias da voluvel mocidade, de velhos celibatarios e de estrangeiros, sempre sofregos de ver tudo, como objecto de estudo ou de passatempo.

CARTA XX

Ao incessante lidar de uma para outra parte, e quasi sempre percorrendo grandes distancias, para vermos algumas das muitas maravilhas de *Pariz*, succedeu naturalmente a fadiga do corpo, que estava como que pedindo descanço em agradavel ocio.

A *Exposição*, com os seus amenos jardins, e com as suas variadissimas diversões, era o local mais adequado ao nosso intento.

No dia immediato pela manhã, emquanto os srs. Ozorio e Franco se dirigiram para o *Campo de Marte*, eu e o sr. Brunachy, que ia visitar um seu amigo, nos encaminhámos á rua *Racine*[1], para d'ali nos irmos encontrar com aquelles dois amigos na *Exposição*.

[1] Célebre poeta francez. Nasceu na *Ferton Milon* no anno de 1639, e morreu em 1699. É um dos classicos francezes, que engrandeceram a sua lingua, elevando-a ao mais alto grau de perfeição com as suas tragedias — *Andromaca*, *Britanicus* etc.

Como porém o amigo, em procura de quem ía o meu companheiro, não habitasse n'aquella rua, mas sim na *Rossini*[1], este engano deu-me ensejo de proporcionar ao sr. Brunachy alguns agradaveis minutos no *Café de La Cigarette,* que eu já conhecia n'uma das minhas digressões, e que pela sua originalidade merece aqui menção especial.

Modesto e pequeno, de irreprehensivel aceio, é este café frequentado quasi exclusivamente pelos estudantes. A sua originalidade consiste, em que os serventes são doze raparigas frescas como rozas de maio, bonitas e seductoras pela poesia das fórmas, que fallam aos sentidos, trajando costumes caprichosos e de varias côres: Uma saia curta até a curvatura da perna calçada de meia branca ou enlistada, um corpete de cores, o avental branco, e na cabeça um turbante ou lenço de cores posto com arte, ou um bonet grego com a borla preta franjada, eis o pittoresco trajo d'essas elegantes serventes, que fazem lembrar um botequim de theatro portuguez em noites de mascarada carnavalesca.

O aspecto do café á noite, que é quando todas se acham reunidas, é lindo pelo effeito d'aquelles variados costumes. De dia os freguezes escaceam, e não se

[1] Distincto maestro italiano, e auctor de muitas e primorosas operas, taes como — *Barbeiro de Sevilha, Othelo, Semiramis, Guilherme Tell* etc. Nasceu em 1792 e morreu em 1868.

vêem por isso ali senão duas d'ellas que ficam de serviço.

Como é costume convidarem-n'as a utilisarem-se d'alguma cousa, compensam cabalmente o pouco, que por ventura com ellas se despenda, com a sua extrema amabilidade e com o deleite da sua espirituosa e variada conversação.

As duas, que se achavam de dia quando entrámos, encetáram conversação comnosco ácerca de *Pariz*, da Exposição, da enorme quantidade de forasteiros que vagueam pelas ruas, e finalmente da impressão que de certo nos causára a extravagancia de seus trajes.

— Esta rapariga é engraçada, bonita e extremamente graciosa,— disse eu em portuguez ao meu companheiro, referindo-me a uma d'ellas.

— Agradeço a sua delicada amabilidade, respondeu-me ella em portuguez, e tanto mais porque o senhor julgava, que eu não entendia a lingua, em que fallou ao seu amigo.

— Não tem que me agradecer; bem vê que não me propuz a ser um mero galanteador, fui sincero no que disse.

D'este pequeno incidente, que me surprehendeu, tirei como lição, não contar nunca com a ignorancia de ninguem ácerca de qualquer idioma, para a seu respeito dizer, seja o que fôr, que o moleste, por de leve que seja.

A rapariga, satisfeita pela surpreza que nos causára, disse-nos ser hespanhola, natural de *Cadiz*, e que

estivera em Lisboa uns tres annos, onde recebera bom agasalho, e era grata aos portuguezes.

A conversação alegre e sempre animada das duas feiticeiras fazia-nos esquecer do trem, que havia uma boa hora nos aguardava á porta do café, porque tambem se nos esqueceram os olhos e ouvidos de attentos que os tinhamos n'ellas. Saímos quasi precipitadamente, fugindo ao enleio das serêas, cuja proximidade inflammava como o primeiro beijo de uma namorada.

Vem de molde fallar aqui dos cafés, pois que merecem se lhes consagrem algumas linhas por serem um dos distinctivos de *Pariz*.

É no café que o philosopho, pachorrentamente recostado na sua poltrona, póde fazer um estudo psychologico dos individuos de ambos os sexos, que os frequentam. Uns vão ali por habito, outros para consumir e consumir-se com bebidas de *guerra;* estes, para se entregarem á leitura de jornaes e discutirem ácerca da politica, dos theatros, etc.; aquell'outros, para obterem os favores d'alguma entrevista amorosa; e a maior parte, emfim, para recrear-se jogando o dominó, ou analysando a enorme multidão que perpassa pelos passeios.

Ás cinco horas da tarde, hora de tomar o absintho, — bebida a que os francezes são muito affeiçoados — é que os cafés regorgitam de frequentadores; e cerca das dez horas da noite a multidão toma taes proporções, que trasborda pelos passeios, de um e outro lado dos *boulevards*, onde estão fileiras de mesas, cadeiras e sophás, occupados promiscuamente por senhoras e homens.

Os cafés são mais ou menos luxuosos conforme os bairros. Os que se acham, aos centos, pelos *boulevards*, são riquissimos, sumptuosos até pelas suas deslumbrantes decorações. O *Café Riche*, por exemplo, situado no *boulevard dos Italianos*, rua *Lepeletier*, é um dos mais ricos e espaçosos, e onde ordinariamente se reunem os homens mais notaveis na politica, na litteratura e nas artes; o *Café de Pariz*, explendido pelo seu luxo e pela vastidão das suas salas, é um dos melhores, que visitei; attraindo pelo gosto de seus adornos[1].

[1] De volta de *Vichy*, no anno de 1879, visitei *Madrid*, onde me demorei tres dias. Vi ali ricos e espaçosos cafés, que não são inferiores aos de *Pariz*. Se as minhas horas de ocio o consentirem, occupar-me-hei, em volume separado, de *Madrid* e das suas cousas mais notaveis; por exemplo — do *Muzeu de pinturas*, rico de soberbas telas da escola hespanhola; da *Armeria Real*, magnifico e admiravel deposito de armas e armaduras antigas dos homens celebres; da *Fuente Castellana*, passeio concorridissimo e attrahente pela sua extensão e belleza, etc., etc. Fui á *L'Hortaleza, 37*, onde rezidem o Ex.mo sr. D. Benigno Joaquin Martinez (o amigo dos portuguezes como é conhecido em Portugal) e seu joven filho D. Fructos Martinez y Lumbreras. São dois cavalheiros altamente sympathicos e de summa amabilidade. Gostosamente aqui consagro estas linhas, para significar a agradavel impressão que me deixaram tão distinctos cavalheiros. Tambem me não esqueço do benevolo acolhimento que recebi do nosso compatriota e addido á nossa Legação o sr. Cohen, cavalheiro muito estimavel e de fino trato.

Hei de occupar-me tambem de *Bruxellas* e *Anvers (Antuerpia)* cidades da Belgica que visitei no mesmo anno. São risonhas, ferteis e encantadoras!

Seguindo para a Exposição, passámos pela *Casa da Moeda,* soberbo edificio, cuja elegante fachada é admiravel pela belleza de sua architectura.

Estamos no *Campo de Marte*, onde já se achavam os nossos companheiros, gosando as delicias dos alegres e florescentes jardins da Exposição. Referindo-lhes o que vimos no *Café de La Cigarette*, é bem de ver, que ficaram mordidos da curiosidade de visitarem aquelle estabelecimento.

Penetrámos no edificio da Exposição, onde consumi duas horas na secção das bellas artes a ver as duas escolas de pintura — *franceza e italiana* — cujo estudo mui de industria reservei para esta visita especial. E porque não sei bem qual d'ellas é mais digna, nem mais galharda e esplendidamente representada, tanto no valor artistico das suas exhibições a oleo, em estatuas, gravuras, ornatos e architecturas, como na quantidade e variedade dos assumptos, nada poderei dizer em especial. Ambas excedem tudo que póde conceber-se de mais bello e maravilhoso na divina arte da pintura e na estatuaria.

Estas manifestações artisticas, que occupam muitas e extensas salas, só de corrida puderam ser visitadas durante as poucas horas que ali estivemos; e saíndo já tarde, tomei um trem, que me transportou á *Gare de Orleans*, para corresponder ao convite com que a nossa Legação me distinguiu, para assistir ao *botafora* de Sua Magestade El-Rei o sr. D. Fernando e de Sua Alteza o sr. D. Augusto, que, na companhia da sr.ª

condessa *d'Edla*, partiam para Portugal pelas oito horas da noite.

Não descrevo o edificio da *Gare de Orleans;* apenas n'um relancear de olhos observei que é enorme. Entrando no vestibulo, dirigi-me a um empregado, afim de me orientar e dizer se já se achavam no edificio os augustos viajantes; a sua resposta foi negativa, e certificando-se de eu ser um dos convidados, conduziu-me a uma sala, onde já estavam os srs. Aguiar, professor e distincto chimico portuguez, e José Horta, professor da Escola Polytechnica de Lisboa e ex-governador de Angola.

Avisados, pouco depois da chegada dos illustres personagens, que vinham acompanhados do Marechal *Mac-Mahon,* presidente da Republica [1] e da respectiva comitiva, saímos-lhes ao encontro, e apresentámos as nossas homenagens.

[1] Tem o marechal de *Mac-Mahon* uma carreira militar mais distincta que gloriosa. Os seus feitos d'armas revelam mais qualidades de bravura que de genio militar.

Foi em Argel que começou a ganhar renome, distinguindo-se muitas vezes nos combates com as tribus arabes, no posto de capitão e de major.

Ao tempo da guerra da Crimêa era coronel, e ao intrepido denodo com que o seu regimento occupou a celebre fortaleza de *Malakoff,* deveu o posto de general de brigada.

Na campanha contra a Austria em 1859, prestou um assignalado serviço ao exercito francez na batalha de *Magenta,* acudindo com uma divisão ao tempo em que a batalha se inclinava a fa-

O Marechal é homem ainda vigoroso, de estatura regular, tez rubicunda e bigode branco aparado ao longo do labio superior. Trajava fato preto á paizana, com a rozeta encarnada na lapella da sobrecasaca. Foi a primeira vez que o vi, e pareceu-me elegante e prazenteiro.

Ás oito horas e cinco minutos deram o toque indicativo da partida, e a colonia portugueza, que era numerosa, acompanhou os augustos viajantes até a carroagem, onde receberam a ultima saudação.

Lembra-me ter visto na *Gare* os srs. Conde de S. Miguel, Secretario da Legação; A. de Faria, Consul portuguez; os Marquezes de Penafiel; duas senhoras que eu não conhecia; Visconde de Villa-Maior, Reitor

vor dos Austriacos. A esse feliz movimento deveram os francezes a victoria, sendo o valente general recompensado com o posto de marechal e com o titulo de *Duque de Magenta*.

Foi menos feliz na campanha franco-prussiana de 1870. Logo nos primeiros dias de campanha, o seu corpo de exercito, batido em *Woerth* (cedida á Allemanha) por numerosas forças prussianas, foi obrigado a uma retirada que elle soube dirigir habilmente. Obedecendo porém depois a ordens superiores do imperador Napoleão III, em vez de retirar sobre *Chalons* para cobrir Pariz do inimigo, operou um movimento de flanco no intuito de se reunir ao exercito do Marechal *Bazaine*. Não podendo alcançar o seu objectivo, foi envolvido pelas forças superiores do exercito do Principe Imperial de Allemanha, sendo o exercito francez obrigado a capitular, quando o Marechal já se achava ferido, e cedera o commando ao Imperador.

da Universidade de Coimbra e Par do Reino; Henrique de Macedo, Lente da Escola Polytechnica; os Doutores Barboza e Venancio Deslandes; o sr. Relvas, opulento lavrador portuguez; e muitos outros cavalheiros.

Saindo da *Estação de Orleans,* segui em direcção á *Praça da Bastilha.* A noite, serena e de um esplendido luar, estava como que convidando a contemplar detidamente a vastidão d'esta praça, e a admirar um dos mais elegantes monumentos — a *Columna de Julho* — com que é embellezada.

Debalde tenta o observador descortinar ali os vestigios do antigo e celebre *Palacio,* a um tempo praça forte e prisão do estado, que, denominada simplesmente — *La Bastille* — foi um complexo de horrores,

Na guerra civil de 1871 commandava como general em chefe as tropas, que em maio entraram em Pariz vencendo o movimento communal.

A sua carreira politica começa então, e é muito menos distincta do que a militar. Eleito Presidente da Republica em 1873 pela demissão de *Mr. Thiers,* não provou dotes de estadista, e, depois de entrar n'uma lucta impolitica com a camara dos Deputados, mostrou comtudo respeito pela vontade nacional depois das eleições de 1877.

Quando o seu partido se achou tambem em minoria no Senado, entendeu dever dar a sua demissão para não abdicar dos seus principios. Este facto honra muito o seu caracter. Era ainda presidente quando me retirei de França.

onde gemeram por largos annos milhares de victimas da prepotencia do poder absoluto.

Construida no XIV seculo, sob o reinado de Carlos V, essa sombria morada dos condemnados foi tomada em renhido combate e destruida pelo povo no memoravel dia 14 de julho de 1789. Em logar d'aquelle lugubre carcere, onde a claridade a custo penetrava, eleva-se a soberba columna de bronze de quarenta e sete metros de altura, erigida sob o reinado de Luiz Filippe, no dia 28 de julho de 1840: rica de relevos, de datas commemorativas, e de nomes illustres escriptos em caracteres dourados, sustenta no seu cimo uma estatua em pé dourada, representando a *Liberdade* com os ferros da escravidão, despedaçados na mão esquerda, e na direita com o facho da liberdade.

Quantas recordações historicas, e quantos episodios me não vieram á mente, lembrando-me dos terriveis dias do assalto á formidavel fortaleza, e das victimas que ficaram sepultadas, para fecundarem com o seu sangue a sacrosanta arvore da liberdade! As eras de 1830 e 1848 tambem se acham esculpidas na celebre *Praça da Bastilha*. Foi ali que, em 1848, quando se proclamou a republica, o bom Pastor Monsenhor *Affre*, no alto das barricadas, deu a vida pelas suas ovelhas com uma coragem digna dos martyres dos primitivos tempos do Christianismo!

A natureza tem suas exigencias peremptorias. As do meu estomago despertaram-me das minhas philosophi-

cas reflexões retroespectivas; ordenei pois ao cocheiro que trotasse para os *boulevards*, onde em um dos muitos *restaurants*, que providencialmente ali se encontram, jantei optimamente ás nove horas da noite.

CARTA XXI

Convidado pelo meu amigo o Dr. Tavano, para um almoço em sua casa á uma hora da tarde do dia 9 de setembro, já ali encontrei o Ex.mo sr. Dr. Ascanio, brazileiro, cavalheiro de finissimo trato, e dentista de Sua Magestade o Imperador do Brazil, e mais duas meninas, tambem brazileiras, com seus paes, as quaes, posto não deverem muito á formosura, bastavam para tornal-as extremamente sympathicas, os seus lindos olhos pretos, fartos cabellos da mesma côr e o viço da mocidade.

Eu por mim declaro, que não conheço mulher nova que seja feia, quando ella é boa moralmente, e á juventude allia vigorosa saude, manifestada por cur-

vas graciosas. As linhas rectas, por serem duras, nem sempre se casam com a verdadeira formosura.

Depois do magnifico almoço com que nos brindaram os donos da casa, as senhoras ausentaram-se momentaneamente para completarem as suas *toilettes,* saíndo depois a passeio no elegante *landeau,* a que já em tempo alludi.

Eu e o Dr. Tavano saímos a pé para o Jardim de *Luxembourg,* que fica proximo, e onde, no meio da grande concurrencia dos passeantes, se viam dezenas de engraçadas creanças, enchendo os pulmões do bom ar, e avigorando os membros em exercicios gymnasticos.

— Repara, disse-me o Dr. Tavano, n'estas creanças, vê como são fortes e sadias, e como nos seus movimentos ha liberdade, e são amplos e largos os seus fatos. Todos os dias os jardins de *Pariz* enchem-se de creanças, e, cousa notavel! não colhem uma só flor, não damnificam nem riscam uma só d'estas muitas estatuas que aqui vês. Aprendem a amar e admirar as flores; as mestras explicam ás mais velhas a historia d'estas estatuas, dizem-lhes os nomes e contam as virtudes das personagens que representam. São mulheres illustres da França.

— D'este modo, estas creanças, quando attingem a idade de irem para a escola, já levam muitos conhecimentos praticos da historia do seu paiz.

— Não é só isso. Os museus tambem servem para lhes despertar o gosto pelas artes; nos jardins das *Plantas* e da *Acclimação* adquirem conhecimentos, ain-

da que perfunctorios, dos tres reinos da natureza; e finalmente os monumentos lembram-lhes os homens e os factos notaveis da sua terra.

— Quando se vive entre tantos elementos de illustração, somos insensivelmente illustrados, porque o homem é sempre o producto do meio em que vive.

— Justamente. Porque motivo Portugal, continuou elle, que importa modas francezas com todas as suas ridiculas exagerações, não introduzirá, ainda que não seja senão por moda, o habito salutar, altamente hygienico, de levar as creanças todos os dias a passeio? Quando ultimamente estive em Lisboa, vi algumas no passeio publico, só aos domingos; iam bem enfeitadas, algumas vestidas com luxo, mas tão apertadinhas e com os tacões das botinhas tão altos, que me fizeram lembrar os *Landezes*. — Mudando de assumpto —: continúas a cultivar o desenho, como o fazias no tempo do collegio?

— Passam-se annos que não pego n'um lapis para fazer o mais simples contorno. Hoje não sou mais do que um simples amador das bellas artes.

— Bem. Olha, aqui perto, a dois passos, mora um pintor meu amigo, cujo *Atelier* podemos visitar, se estás de pachorra.

— Annúo á tua proposta com a melhor vontade.

Saíndo do *Jardim de Luxembourg,* percorremos uma boa parte da *Avenida do Observatorio,* admirando as suas columnas decorativas, e os jogos de agua d'um effeito admiravel, e depois encaminhámo-nos para a

Rua d'Enfer, boulevard de S. Miguel, onde no n.º 14 se acha a officina de trabalho do artista.

Ha muita gente que conhece as Secretarias de Estado e as ante-camaras dos Ministros, visita os salões dos aulicos, e frequenta os *boudoirs* de damas elegantes, mas que nunca viu, nem sabe o que é a officina de trabalho de um pintor. Entremos.

Uma sala quasi quadrada ao rez do chão, com grande pé direito;—uma janella rasgada por cima da porta da entrada, com vidraças girando sobre um eixo de modo a poder-se graduar a luz;—no fundo duas portas e no intervallo uma pequena bibliotheca com livros, que dizem respeito á historia da arte e aos modelos de desenhos das muitas maravilhas que encerra o *Louvre;*—á direita um sofá, algumas cadeiras de espaldar, e em frente uma meza redonda, coberta de um tapete adamascado, sobre a qual está uma jarra com flores naturaes;—á esquerda um armario de pao preto, em cujo cimo se vêem bustos de alguns pintores antigos e notaveis, pequenas estatuas de gesso, e cabeças de animaes da mesma substancia;—as paredes guarnecidas de muitos estudos a oleo, uns concluidos e a maior parte em esboço;—aqui estatuas, alguns bronzes e varios quadros, de grandes proporções, encostados n'um recanto;—ali differentes partes ou membros do corpo humano, modelados em gesso, e ao lado um manequim com todas as articulações;—pedaços de seda, veludo e setim para o estudo dos tons, que aquelles artefactos apresentam;—finalmente no meio

da casa um cavallete, sustentando uma téla apenas bosquejada, e ao lado a caixa com os tubos das tintas, mólhos de pinceis de differentes grossuras, e a palheta em que as cores se preparam: eis o *Atelier* de *Mr. Anatole Ternisien,* pintor laureado, de trinta e dois annos de idade, estatura regular, olhos azues, nariz fino, cabello louro e annelado, e barba da mesma côr, espessa e comprida. A sua physionomia é expressiva e intelligente, affavel o seu trato e dotado de grande modestia, que é o verdadeiro apanagio da intelligencia.

Feita a minha apresentação e trocados os cumprimentos do estylo, o sr. *Ternisien* mostrou-nos os seus mais valiosos trabalhos, e explicou os assumptos de alguns d'elles, onde se nota o vigor do pincel e bom colorido. A sua escola é franceza.

Entre os differentes quadros que vi, attentei n'uma formosa cabeça da *Virgem* com o menino ao collo, tão perfeita e tão bem acabada, que me prendeu demorada attenção ao contemplal-a.

Emquanto passavamos em revista os trabalhos de pintura, admirando a perfeição e a elegancia com que foram executados, entrou na sala, por uma das portas do fundo, uma elegante senhora vestida de preto, acompanhada de duas interessantissimas e louras creanças, sendo o rapaz de sete annos e a menina de cinco.

—Minha mulher e meus filhos, disse o sr. *Ternisien,* apresentando-me.

Inclinei-me respeitosamente, e depois de algumas phrases do estylo, estendeu-nos a mão amigavelmente.

É uma senhora de estatura regular, de vinte e tres annos de idade, cabellos castanho-escuros, abundantes e ondeados, olhos da mesma côr, talhe flexivel, e labios de carmim, que de quando em quando se entreabriam com um sorriso encantador. Reconheci então que ella servira de modelo para a cabeça da *Virgem,* que ha pouco estive admirando.

Depois de duas horas em tão agradavel conversação, ao despedir-me dos sympathicos quão interessantes esposos, o artista manifestou-me o desejo de tirar a oleo o meu retrato. Declinei o delicado offerecimento com palavras de gratidão.

Como elle insistisse no seu proposito, perguntei-lhe quanto me importaria um retrato de meio corpo, e elle respondeu, que o retrato seria um presente, que me fazia, como recordação da visita ao seu *Atelier*.

Insistir na recusa, depois do reiterado offerecimento tão delicadamente feito, seria pouca amabilidade da minha parte. Tomei pois a attitude conveniente e o bosquejo a carvão foi rapido, ficando assentado que eu lá voltaria, quando me approuvesse.

Saímos ambos surprehendidos, e eu penhorado da offerta que me acabava de ser feita, e tanto mais porque me assegurou o Dr. Tavano, que o amavel artista não é useiro em taes offerecimentos.

No dia seguinte, pelas dez horas da manhã, visitei o *Credit Lyonnais,* vasto e elegante estabelecimento de credito, situado no *boulevard dos Italianos*. Um dos empregados de graduação superior recebeu-me amavel-

mente na *Repartição dos Estrangeiros,* onde, em colloquio demorado, me poz ao facto da natureza e dos fins d'esta notavel casa, de que tantas vezes tinha ouvido fallar os nossos financeiros.

Não me foi possivel vêr, áquella hora, as *casas fortes* situadas nos subterraneos, pois só das quatro horas da tarde em diante, quando finda o expediente do estabelecimento, podem ser visitadas. O empregado levou porém a sua amabilidade a ponto de offerecer-me um bilhete de admissão, para as poder vêr quando a isso me resolvesse.

Segui d'ali para a *Praça da Estrella,* de onde, tomando para a *Rua Lauriston,* 11, 3.º andar, tive a satisfação de abraçar o nosso compatriota o sr. *Saragga,* proprietario e um dos redactores de *Os Dois Mundos,* jornal illustrado que aqui se publica na lingua portugueza.

Este cavalheiro e a sua esposa a ex.ma sr.a D. *Syme* acolheram-me benevolamente. Vivem aqui satisfeitos, rodeados de conforto, e com boas relações. Recebem algumas noites e em sua casa passam-se os serões agradavelmente entre musica e a conversação sempre variada e animada do sr. *Saragga,* que prende pelos conhecimentos, que lhe ministram as suas variadas aptidões. A ex.ma sr.a *D. Syme,* que é uma admiravel polyglotta, encanta pelo seu fino trato. Faz gosto ouvil-a quando, dirigindo-se a cada um dos seus convidados estrangeiros, se expressa nos respectivos idiomas. Para cada qual um dito *a proposito,* uma amabilidade,

e para todos muito agrado. Conversámos ácerca de Lisboa e das pessoas das nossas relações.

Eram quatro horas da tarde quando atravessei com difficuldade a *Avenida do Bosque de Bolonha,* que já a essa hora estava coalhada de trens em toda a sua longa extensão. Ia visitar o nosso consul o sr. Faria, cavalheiro distincto, a quem devo o favor da sua amizade ha longos annos.

CARTA XXII

Ao meu sympathico artista, o sr. *Ternisien*, consagrei quasi toda a manhã do dia 11 de setembro.

Estava elle, quando entrei no seu *Atelier*, pintando um bonito quadro, cujo assumpto me encantou, apesar da sua simplicidade: — Uma mendiga muito nova, descalça, com os cabellos em desalinho, e encostada á esquina de um palacio, vendendo ramilhetes de flores aos transeuntes, eis a composição do quadro, de que se fica enamorado pela formosissima cabeça da pobresinha, copia fidelissima do rosto angelical da filhinha do artista.

Depois dos cumprimentos e de um cordeal aperto de mão, o sr. *Ternisien* substituiu a tela, em que estava trabalhando, pelo esboço do meu retrato, que elle começou a pintar.

A tarefa por vezes interrompia-se; fumavamos, eu o charuto a que chamam aqui *londresse*, e elle o cachimbo, ao qual queria tanto como a seus pinceis.

Deleitava-me em ouvil-o discorrer ácerca da theoria das artes e do gosto, baseada na Esthetica; do auxilio que a photographia veio prestar á arte, mormente á perspectiva linear; das leis da composição e da formação do grupo no delineamento de um quadro; do colorido; dos tons que variam segundo as escolas e o temperamento do artista, sendo assim a palheta *fria ou quente;* do effeito — *verdade ideal* — a que alguns artistas sacrificam a *verdade simples*, que nem sempre é verosimil; finalmente da perspectiva aerea, e de muitos outros assumptos concernentes á divina arte de desenhar, em que elle é tido como um dos mais distinctos cultores.

Emquanto que assim praticavamos, n'esta instructiva e não menos agradavel conversação, sentimos bater á porta da officina. Era o Dr. Tavano: observando o meu retrato, que achou parecido e muito adiantado só com duas sessões por vezes interrompidas em palestras, perguntou-me se queria ir visitar alguns estabelecimentos scientificos, visto como nos achavamos no bairro *Latino,* bairro das sciencias e das artes. Annuindo á sua proposta, saímos, deixando o sr. *Ternisien* entretido com os seus trabalhos.

Pariz póde considerar-se dividido em duas cidades, se attentarmos nas tendencias mais caracteristicas de cada uma das margens do Sena. A margem direita

representa a cidade das altas elegancias, do commercio, dos banqueiros, dos grandes *boulevards*, cidade emfim buliçosa, ruidosa e *coquette*. É porém a margem esquerda, onde se observam os edificios consagrados ás sciencias, ás lettras e ás bellas artes, a cidade menos buliçosa, cidade dos sabios, dos homens de lettras, dos estudantes e dos artistas. Estas duas margens são ligadas por vinte e sete pontes de cantaria ou de ferro fundido, notaveis pela sua belleza, e todas conhecidas pelos respectivos nomes.

Visitámos a *Escola de Minas*, vasto edificio proximo ao Jardim de *Luxembourg*. As suas collecções paleontologicas, os muzeus mineralogicos e geologicos prendem pela variedade de seus exemplares; a bibliotheca é soberba e enriquecida com trinta mil volumes encadernados. Este estabelecimento está a cargo do Ministerio das Obras Publicas.

D'ali fomos para a *Escola de Medicina*, e visitámos igualmente os estabelecimentos que d'ella são dependentes. O edificio, que é soberbo, recommenda-se pela sua belleza architectonica. O seu frontão é admiravel pelas duas primorosas esculpturas allegoricas, representando a *Theoria* e a *Pratica*, de mãos dadas. Na parte exterior e proximo á entrada do edificio, vê-se uma estatua de bronze, em pé, figurando uma das grandes intelligencias medicas, que floresceram em França — *Bichat* — notavel anatomico, que nasceu em 1771 e morreu em 1802.

Aos vinte e dois annos já obtinha em um concurso

publico, em que se apresentaram muitos medicos distinctos, a cadeira do professorado com applauso de todos os seus collegas. Tal era a homenagem prestada á superioridade do genio.

E quando a sciencia medica contava haurir mais alguns thesouros d'aquella privilegiada intelligencia, a inexoravel morte apagou-lhe de todo o brilho em 1802, como fica dito, quando apenas contava trinta e um annos de edade. As paginas, porém, da historia scientifica ficaram illuminadas pelo clarão de luz, que *Bichat* deixou na sua passagem.

Visitámos a *Sorbonne*, edificio enorme fundado por *Robert de Sorbon*, de severo aspecto, situado na rua do mesmo nome, outr'ora célebre pela auctoridade quasi sem igual, que tiveram as suas decisões em materia theologica.

Este estabelecimento, pertencente ao Estado, é considerado como a séde principal do ensino superior, onde se fazem os exames das faculdades de theologia catholica, de sciencias e de lettras, se celebram todos os actos solemnes da Universidade de França, e se distribuem os premios dos concursos, abertos todos os annos entre os alumnos dos Lyceus, e dos Collegios de *Pariz* e *Versalhes*.

A Universidade de França, fundada pelo decreto imperial de 17 de março de 1808, sendo uma entidade moral, que abrange a totalidade de todos os estudos, é formada de um Conselho Superior de Instrucção Publica, com quarenta membros, presidido pelo

Ministro de Instrucção Publica, o qual toma o nome de *Gram Mestre* da Universidade.

As faculdades superiores em toda a França são cinco: a *Theologia* — o *Direito* — a *Medicina* — a *Pharmacia* e as *Faculdades de Sciencias e Lettras*. A Theologia Catholica, e as Faculdades das Sciencias e Lettras leccionam-se na *Sorbonne;* todas as outras teem edificios proprios, que se denominam — *Academias* — sob a direcção e vigilancia dos respectivos *Reitores*. Cada uma tem, porém, o seu inspector geral com residencia em *Pariz*, sendo o Ministro de Instrucção Publica, que já é *Reitor,* como fica dito, Inspector geral das Academias de *Pariz*, cargo que costuma delegar n'um Vice-Reitor.

Á bondade do meu velho amigo Dr. Tavano, sempre incansavel em me obsequiar, devo o bom acolhimento, que tive em casa do Dr. *Barret*, seu amigo e contemporaneo de escola. Fui consultal-o e pedir-lhe esclarecimentos ácerca de *Vichy* e das suas famigeradas aguas medicinaes.

O sr. *Barret,* homem ainda novo, robusto, de estatura regular, barba crescida, dotado de temperamento alegre e de palavra facil, recebeu-nos no seu gabinete de estudo, que é um modelo, onde, a par de uma bôa bibliotheca, se admiram muitos objectos de gosto artistico, quadros de auctores, plantas de ornamentação e flores, obra de relevos em metaes e finalmente muitas curiosidades, que despertam a attenção e por onde a vista póde espraiar-se deleitosamente.

Informado do meu padecimento (o qual nunca mais

me incommodou depois da minha chegada a *Pariz*) e orientado das circumstancias habituaes da minha vida, o sr. *Barret* aconselhou-me que partisse para *Vichy*, o mais cedo que me fosse possivel, visto achar-se adiantada a estação, indicando-me ao mesmo tempo a *fonte* ou a nascente, de que eu deveria fazer uso. Teve a bondade de dar-me uma carta de recommendação para seu amigo Mr. *Livet*, Inspector das aguas de *Vichy* de nomeação do governo da Republica.

Aquelle cavalheiro levou a sua benevolencia a ponto de não aceitar-me retribuição alguma pela consulta: facto pouco vulgar aqui e que por isso me penhorou sobremaneira.

As salas do *Grande Hotel do Louvre*, em cujas lojas estão os grandes *Armazens* do mesmo nome, na rua de *Rivoli*, estavam já povoadas de commensaes ás seis horas da tarde quando ali entrámos.

Este Hotel, se não tivesse o titulo de *grande*, era de razão que lh'o dessem, attenta a sua grandeza e magnificencia.

Entra-se por um grande pateo de *honra*, quadrado, coberto de vidraças a uma grande altura, tendo em volta janellas adornadas de vidros de cores e no *rez-de-chaussée* um magnifico café; do pavimento, que é de mozaico em pedra, adornado de palmeiras, bananeiras e de flores, elevam-se duas escadas de pedra em fórma curvilinea e dão accesso por duas portas para uma comprida sala tapetada, e guarnecida de rica mobilia, onde, além de muitos jornaes politicos e litterarios, se podem

contemplar quadros a oleo, collocados em cavalletes, em desafio ao appetite dos amadores. Abre-se, em frente a esta, a immensa e elegante sala de jantar, com tres ordens de mesas collocadas parallelamente. Um oceano de luz, em elegantes candelabros, inunda a sala, vistosa pelos tectos dourados e ornamentos luxuosos, multiplicados pelos grandes espelhos que os reflectem; finalmente as *toilettes* de formosas mulheres, na maxima parte inglezas, davam um aspecto magico á deslumbrante sala, onde a numerosa creadagem de casaca, esmerando-se em attenções, fazia o serviço do jantar, que foi opulento.

Passava das oito horas quando saimos do *Grande Hotel do Louvre*, que tem accommodações para mais de quatrocentos hospedes.

No dia 12 de setembro visitámos *Les Buttes-Chaumont*, magnifico parque situado entre *Belleville* e *La Villete*. Occupa uma vastissima área de terreno, para o qual cinco portas dão ingresso, e, proximo a cada uma, avista-se na parte interna um elegante *chalet* de pedra, adornado de vistosos azulejos quadrados com varios e caprichosos desenhos.

Ha ali espaçosas ruas arborisadas que se cruzam, jardins no gosto inglez, um immenso lago com um alteroso rochedo no meio, cortado a pique, formando uma ilha accessivel por meio de duas graciosas pontes pensis; umbrosas e extensas matas, e por ultimo uma alta montanha, de cujo elevado cimo se desfructa um surprehendente panorama. O conjuncto de tudo isto, e

o mui accidentado do terreno tornam, a meu ver, este jardim o mais lindo e o mais pittoresco de quantos aqui tenho visitado.

Á noite fomos ao *Hippodrome* dos Campos Elysios, situado na *Rua d'Alma*[1] n.º 3. É um vasto picadeiro de fórma eliptica, adornado de columnatas, cercado de camarotes no plano inferior, e de bancos forrados de carneira, muito commodos e aceiados. Coberta de uma bella construcção de ferro, illuminada a gaz e luz electrica, tem esta casa de espectaculo capacidade para mais de dez mil pessoas. A espaçosa praça regorgitava de espectadores.

As representações ali consistem em exercicios gymnasticos e de equitação, pantomimas, corridas de carros etc.

Gostei muito de uma pantomima militar, consistindo n'um combate simulado de cavalleiros, vestidos á antiga, de luzentes armaduras e munidos de lanças e broqueis de metal. Mereceu muitos applausos, não só pelo luzimento e rigor com que se apresentaram, senão tambem pelo bom desempenho do exercicio.

É para notar o aceio e o luxo até d'esta casa de espectaculo. Os artistas, que entravam na arena, vinham em vistosas carruagens de caixa dourada, puxadas a quatro.

Viam-se por entre as bancadas lindas raparigas, saudando amavelmente as senhoras, a quem offereciam, mediante uma pequena retribuição, banquinhos para

[1] Rio da *Criméa*, conhecido pela victoria, que os francezes e inglezes alcançaram sobre os russos em 1854.

descansarem os pés. Isto observa-se aqui em todos os theatros.

Os logares do espectaculo variam de preço: — Os camarotes custam cinco francos — os logares de primeira classe tres francos — de segunda dois francos, e finalmente de terceira um franco.

Por nos haver constado que o nosso Ministro, o Ex.mo sr. Mendes Leal, tinha regressado da sua viagem a *Cauterets*, fomos no dia immediato á Legação apresentar-lhe os nossos respeitos. Eram duas horas da tarde quando nos fizemos annunciar a S. Ex.a, que não se fez esperar. Acolheu-nos muito bem, como costuma fazer a todos os seus concidadãos, que o procuram, conversando largamente comnosco ácerca de *Pariz*, de que nos deu varios esclarecimentos, pondo á nossa disposição o seu valimento e a boa vontade de nos ser prestavel.

E por fim, dizendo-lhe eu que em breve tinha de partir para *Vichy*, onde aguardava as suas ordens, o sr. Mendes Leal promptificou-se a recommendar-me a Mr. *Livet*, seu amigo, o mesmo cavalheiro para quem eu já tinha uma carta de apresentação.

O nosso ministro, segundo as informações que me deram, está aqui bem conceituado, principalmente entre os homens de lettras; mereceu a distincção de ser nomeado presidente da Commissão executiva do *Congresso Litterario Internacional*, de que é Presidente o eminente poeta e senador francez Mr. *Victor Hugo*.

Esta Associação, que tem por fim regular os direi-

tos dos auctores, para não serem lesados pelos traductores ou imitadores, é ordinariamente presidida pelo nosso Ministro, em consequencia dos incommodos de Mr. *Hugo*. Possuo um exemplar dos estatutos com que S. Ex.ª me brindou no momento de despedir-me.

Antes que o appetite nos forçasse a procurar algum *restaurant*, fomos espairecer para a Exposição, local que sempre offerece novidade, e onde se recebem novas e variadas sensações.

Á rua d'*Enfer* me dirigi no dia 14 pelas dez horas da manhã. Estava o sr. *Ternisien* esboçando um novo quadro, representando *Jesus* e a *Samaritana* á beira de uma fonte. O assumpto, apesar de ser já conhecido, está bem tratado, e dará um quadro de grande valor pela novidade da attitude das duas académias e pelo vigor do pincel.

Não consentindo eu que interrompesse o seu trabalho, pois que tinha todo o empenho em o ver manejar o pincel, sentei-me ao seu lado e peguei de um grande livro, que estava sobre a mesa, onde fui vendo alternadamente as copias em gravuras de differentes quadros e composições dos grandes mestres, acompanhadas de suas respectivas biographias, anecdotas e pensamentos interessantes. Copiei d'elle o seguinte: *Rosa Bonheur*[1] (vive ainda) unica artista pintora, condecorada com a *Legião de Honra* em attenção á sua illustração e ao seu

[1] Tive a ventura de admirar no rico Museu de Madrid, no anno immediato, voltando de *Vichy*, uma lindissima cabeça de Leão, do tamanho natural, obra primorosa da distincta artista.

extraordinario talento em pintura de animaes. Vive no seu palacio de *By*, perto de *Fontainebleau*, onde foi condecorada pela Imperatriz Eugenia.

Como é sabido, as mulheres até então só eram condecoradas nos campos de batalha, e essas eram as irmãs da caridade, as cantineiras ou vivandeiras. *Rosa Bonheur* porém mereceu tão subida distincção, logo depois do apparecimento do seu primeiro quadro representando *um mercado de cavallos*, que foi um acontecimento em *Pariz*, onde o quadro esteve exposto, sendo o assombro e o pasmo dos que o contemplavam.

Vi mais um esboço de *Lazerges* (homem ainda vigoroso, e de cincoenta e seis annos de idade) notavel pela correcção e graça dos contornos, e onde se lê: *Pour être un grand artiste, il ne suffit pas d'être un habile praticien, il faut être penseur ou poète.* (A um artista para ser grande, não basta que seja um habil pratico, é mister tambem ser pensador ou poeta).

N'um medalhão, com o retrato, em busto, de *Eugene Delacroix*, a cujo pincel se devem as famosas pinturas do tecto da galeria de Apollo, no *Museu do Louvre*, lê-se: *Je ne suis pas pour le fini. Je suis pour l'infini. Auguste Preaut.*

É este o nome do distincto esculptor que fez o medalhão com o retrato, e a quem se attribue o pensamento que fica transcripto.

Abundavam no livro grande copia de desenhos, e especimens de differentes escolas de pintura, cuja menção omitto, porque seria longa e fastidiosa.

Ao despedir-me do meu amigo o sr. *Ternisien*, fez-me elle a fineza de offerecer-me a sua photographia, a cuja delicada offerta correspondi tambem com a minha.

Á noite fui na companhia do Dr. Tavano ás *Folies-Bergère*, situadas na rua *Richer* 32, espectaculo muito frequentado, principalmente pelos estrangeiros.

A casa é espaçosa, dividida em duas secções, sendo a primeira um extenso botequim adornado com gosto, e a segunda um lindo theatro guarnecido de bancos estofados e forrados de velludo vermelho, e onde se está como se quer, fumando e de chapéu na cabeça, ainda durante a representação.

Ouve-se ali boa musica, gosa-se um espectaculo variado, e admiram-se finalmente mulheres gentis, que ornam os camarotes de uma só ordem, ou perpassam pelos corredores que circumdam a platéa. É uma especie da *Mabille* quanto a aventuras de amores.

N'esta casa, de verdadeiro recreio, ha representações todas as noites, trabalhos em trapesios etc. A admissão custa dois francos para qualquer dos logares, á escolha do espectador.

O panno de bôca do theatro torna-se singular pela variedade de annuncios que o guarnecem, e servem de entretenimento aos espectadores durante os intervallos.

E a proposito de annuncios em *Pariz*, direi que elles despertam vivamente a attenção dos estrangeiros, porque invadem todos os logares, e se vêem por toda a parte: nas paredes dos predios de alto a baixo, nos

muros, nos hoteis, nos gabinetes secretos, no interior dos omnibus e *tramways*, nas mesas de alguns botequins, formando uma especie de mosaico coberto de vidros, e no asphalto que pisamos. Ha annuncios ambulantes, appensos aos livros e nos bilhetes dos vapores, finalmente durante a noite ha-os illuminados nas janellas de alguns predios, que guarnecem os *boulevards!*

Esta ultima maneira de reclamo offerece novidade, porque os annuncios são alternados com lindas vistas de paizagens ou de figuras allegoricas, que se succedem como nos quadros dissolventes.

Este espectaculo gratuito attrahe uma multidão de basbaques estacionada nos *boulevards*.

Para que alguma parede ou muro se liberte do dominio dos annuncios, e se salvaguarde de ser empapelado ou pintado, torna-se indispensavel escrever n'elle em caracteres bem legiveis:—*Il est defendu d'afficher*—ou—*Il est defendu d'afficher sous peine d'amende.* (He prohibido affixar sob pena de multa).

Este meio imperativo, é a unica barreira efficaz contra a acção invasora dos annuncios.

Saímos das *Folies-Bergère* já muito tarde, e ainda assim era numerosissimo o concurso dos espectadores.

CARTA XXIII

A grande revista em *Vincennes* era o mote obrigado de todas as conversações; almejavam os curiosos pelo dia 15 de setembro, em que ella deveria effeituar-se, e com geral empenho de facil explicação, porque ha muito que aos parisienses se não proporcionava um espectaculo imponente e extraordinario, qual o da manobra de um corpo de exercito em quasi completo estado de mobilisação.

Amanheceu finalmente esplendido e vivificador esse dia, com uma athmosphera limpida e transparente. Com um tempo tão convidativo, facil era de prever a grande concurrencia de expectadores, que acudiria a *Vincennes*: assim é que, pelas dez horas do dia, todo o genero de transporte se dirigia para o campo de manobras, que dista de *Pariz* seis kilometros.

Os trens particulares, os de cocheiras, carros de praça, omnibus, *os char-à-bancs,* o caminho de ferro de circumvalação, e emfim todos os meios de transporte tinham por fito o *Polygono de Vincennes.*

Optando pelo caminho de ferro de circumvalação, dirigi-me pelas dez horas da manhã, com meus companheiros, á excepção do sr. Brunachy que ficára em *Pariz,* á *Gare* de *Saint-Lazare,* estação de *Clichy,* onde a custo pudémos entrar, porque a concurrencia era já em crescido numero, posto haver comboios de dez em dez minutos. Os compartimentos eram invadidos pela multidão; accumulavam-se quinze e mais passageiros em carruagens, que não comportavam mais do que dez logares, nas escadas que conduzem aos segundos andares das carruagens, e nos *fourgons;* finalmente em todo e qualquer logar, onde coubesse alguem, lá se via um passageiro com a cabeça exposta ao sol. Todos íam contentes, alegres e satisfeitos. Não conheço povo nem mais alegre, nem mais folgasão e expansivo, que o povo francez.

Entre os differentes passageiros do nosso compartimento ia um operario, moço ainda e sympathico, trajando a sua blusa azul, e com quem o sr. Osorio se entreteve palestrando todo o caminho, admirando-se do acerto das suas considerações tocantes ás cousas militares. Discorria mui discretamente ácerca das posições, que deviam occupar as differentes brigadas, em vista d'um pequeno plano que comsigo trazia, e do qual fez presente ao meu companheiro. Não é raro aqui

encontrar-se muita lucidez, fino espirito de observação, e conhecimentos não vulgares no mais infimo homem do povo.

Em menos de uma hora chegámos a *Vincennes*. O *Polygono* ficava ainda distante, e para escaparmos aos ardentes raios do sol, embrenhámo-nos no extenso e frondoso bosque, que é uma das maravilhas de *Vincennes*.

Ao chegarmos á *Torre* do mesmo nome, d'onde devia sair o Marechal de *Mac-Mahon*, acompanhado do seu luzido e numeroso estado maior, quasi nos fôra impossivel passar além, porque a multidão estacionada ali para o ver era tão compacta, que nos tolheu o passo por alguns minutos.

Da *Torre* ao *Polygono* ou campo de manobras era grande ainda a distancia; a multidão invadia por todos os lados; fileiras de milhares de trens, desde as mais ricas equipagens até o mais humilde carro, estavam cheios de curiosos nacionaes ou estrangeiros. Era, porém, forçoso sahir d'aquelle embaraço passando ávante, porque, havendo eu sido distinguido pelo sr. Conde S. Miguel, secretario da nossa legação, com um bilhete de admissão aos logares das tribunas, queria ir occupar o meu logar, onde commodamente assistisse áquella esplendida diversão, novo espectaculo para mim.

Depois de muito acotovellar, pude finalmente abrir brecha na compacta parede de corpos humanos, mas em seguida esbarrei com uma longa cauda de gente, que aguardava a sua vez de entrar para os logares re-

servados. Encorporei-me na *cauda*, que se ia estendendo á proporção que chegavam os convidados. Finalmente entrei para uma das tribunas, occupando um dos logares da frente.

O grande *Bosque de Vincennes*, por sem duvida maior que o de Bolonha (em *Pariz*), é interrompido por uma vastissima clareira de terreno plano e arido: é ali o *Polygono*, onde, em frente das oito tribunas, ornadas ricamente, estava ao longe formado em linha todo o corpo do exercito, na força total de cincoenta e cinco mil homens, entrando as reservas, onze mil cavallos, e duzentas bocas de fogo.

Em quanto a manobra não começava, viam-se atravessar o campo luxuosas equipagens, conduzindo para a tribuna official, magnificamente decorada de veludo e enfeitada de bandeiras, a *Marechala* de *Mac-Mahon* e seus filhos, e as pessoas de sua comitiva; as personagens notaveis, e finalmente os ministros estrangeiros residentes em *Pariz*.

Ás duas horas uma salva de vinte e um tiros annunciou a chegada do Marechal Presidente da Republica ao campo de manobras: foi grande o borborinho e alvoroço em todos. Minutos depois avistava-se acompanhado de um numeroso sequito de homens a cavallo, trotando ao longo da extensa linha de tropa; e quando passou proximo das tribunas, d'onde recebeu calorosas saudações, tive então ensejo de poder avaliar o brilhante e numeroso estado maior, que o acompanhava. Uma escolta de *Spahis* (guarda argelina), cujos

pittorescos trajos destacavam vistosamente sobre o fundo verde do arvoredo, precedia o Marechal. Atraz d'este e a distancia rasoavel seguia-se o Estado-Maior, em grande uniforme, de generaes nacionaes e estrangeiros, Chefes Arabes, e de um general Chinez, que se tornava notavel pelo esquisito do seu uniforme. Cobria a retaguarda d'este brilhante sequito um esquadrão de couraceiros. Todos estes variados trajes, e os soberbos cavallos, formavam um espectaculo de magnifico effeito.

«*Viva a Republica! Viva o Marechal*» — eram as acclamações, que se ouviam de todos os lados, ao passar o Marechal, que lhes correspondia alegre e galhardamente.

Depois da revista, o Marechal e o seu estado maior collocaram-se em frente da tribuna official, e d'ali assistiram ao desfilar das tropas, que se effeituou pela ordem seguinte: — Uma brigada de cavallaria passou rapidamente, e succedeu-lhe a infanteria, a engenharia e os caçadores; e ao desfilar de cada brigada, a banda de musica parava defronte da tribuna, e ali permanecia tocando, em quanto não fosse substituida por outra, e assim successivamente. Depois da infanteria seguiu-se a artilharia a grande trote; e por ultimo a cavallaria em toda a força, precedida da *gendarmeria* e da guarda republicana a cavallo.

Todos os corpos foram saudados com vivas e estrepitosas ovações. E de feito, a tropa tornou-se digna de uma tal demonstração, porque, além do aceio e garbo

militar que ostentava, marchava com tal firmeza e precisão de distancias, que todas as fileiras pareciam formadas de uma só peça!

A grande carga de cavallaria, composta de dez mil cavallos, veio coroar esta brilhantissima diversão militar: massas enormes e movediças, formadas em tres linhas parallelas, levantando uma nuvem de poeira, corriam a toda a brida, com a vanguarda voltada para as tribunas; e era tal a precisão da manobra, que, estacando de repente todas as fileiras á voz de alto, e fazendo a continencia com os sabres, não houve n'esta grande massa de cavallos um só que saisse da fórma! Depois de feita a meia volta, desappareceram aquellas fileiras rapidamente do campo das manobras.

Brilhante carga! Admiravel effeito!

Os applausos freneticos e estrepitosos, com que a multidão a applaudiu, foram justos e merecidos.

Duas horas depois tinha-se concluido toda a manobra, a qual certamente deixou no animo de todos uma impressão extremamente agradavel e duradoura.

A volta dos espectadores tornava-se difficil. Nos escriptorios, em que se vendiam os bilhetes do caminho de ferro para os differentes bairros, formavam-se longas caudas em filas dobradas, e não havia um só trem de retorno. Em tão apertadas, quão desanimadoras circumstancias, resolvemos voltar á cidade a pé; querendo porém orientar-me do caminho, aproximei-me d'uma cancella de páo meia aberta, á qual se achava encostado um rapasito, admirando a multidão que

se acotovellava, e perguntei-lhe qual o caminho de *Pariz*.

— É esse que lhe fica em frente, me respondeu elle.

— Muito obrigado.

— Não têm que agradecer; mas desculpem os senhores a minha curiosidade, tencionam ir a pé até *Pariz*? Olhem que são sete kilometros que teem a percorrer.

— Sabemos isso.

— Porque não preferem o caminho de ferro?

— Sobra-nos vontade, mas é já tão comprida a cauda de gente em todos os escriptorios, que só muito tarde poderiamos obter bilhetes. Estamos devéras cançados, para podermos estar de pé á espera por muito tempo.

Vendo o rapaz que eramos estrangeiros, e condoendo-se do nosso estado, franqueou-nos a entrada pela cancella, dizendo que caminhassemos resolutamente para a *gare*, e occupassemos qualquer das carruagens, que n'um aterro se achavam enfileiradas. Assim o fizemos. Pouco depois eramos portadores de um bilhete supplementar, cuja importancia, igual a dos outros bilhetes, foi paga promptamente ao empregado, bemdizendo nós a fortuna que nos deparou o rapaz, a quem cordialmente agradecemos aquella caritativa acção, que muito nos alegrou.

E a nossa alegria ainda subiu de ponto, quando soubemos, que o comboio era o do caminho de ferro de circumvalação de S. Lazaro, proximo ao nosso bair-

ro. Mal dispertos porém d'esta alegria, eis que um grande sussurro e rumor de passos nos provocam a attenção: uma multidão compacta, qual agua represada, que inunda e transborda em torrentes caudaes, depois de aberta a represa, irrompe pela *gare* e invade as carruagens com um impeto desusado! .....

Pouco depois o silvo da locomotiva indicava a nossa partida para *Pariz*, aonde chegámos ás sete e meia horas da noite.

Cançados da jornada do dia anterior, cuja peripecia acabo de narrar, não delineámos passeio algum para o dia 16. Além de que, tornando-se-me indispensavel partir no dia immediato para *Vichy* porque já mui adiantada se achava a estação official das aguas, consagrei o dia a visitas de despedida ás pessoas de minhas relações.

Ao percorrer algumas ruas, deliciando a vista por sobre variadas exhibições, que a cada passo nos prendem a attenção, dei commigo na *Rua de Richelieu*, atraido por uma grande concurrencia de gente, agglomerada á porta de uma casa. Era um enterro. Aproximei-me.

A um carro mortuario, forrado de veludo preto, orlado de galões brancos, estava atrelada uma parelha de cavallos; pouco depois, de um dos andares de um vasto predio, que me ficava em frente, descia um feretro acompanhado de muitas senhoras vestidas de preto, trazendo cada uma corôas funebres, que foram depositadas sobre o caixão. Pondo-se a caminho o fune-

bre cortejo, ia immediatamente atraz do carro e a pé o padre, levando entre as mãos o Crucifixo; ao lado o director das pompas funebres com a sua farda azul bordada a prata, e o chapeu armado; seguiam-se duas filas de senhoras empunhando pequenas velas; homens vestidos de preto e descobertos; e finalmente no couce do sahimento, vistosamente grave, algumas carruagens. A curiosidade levou-me a perguntar o nome do defuncto: — É *Mademoiselle Brochet,* senhora de altas virtudes e mui respeitada n'este bairro, me responderam.

O respeito pelos mortos é um dos caracteristicos d'este povo tão alegre e folgasão: descobriam-se reverentes ao passar o prestito as pessoas, que transitavam, e as que estavam sentadas nos cafés levantavam-se. Gostei de ver esta homenagem prestada aos mortos, a qual indica a doçura de costumes, e a elevação do pensamento acima dos interesses mesquinhos da terra.

A *Rua de Richelieu* bifurca-se, e no vertice do angulo eleva-se um predio, em cujo topo se admira um elegante chafariz de tres bicas, servindo de pedestal a uma estatua de bronze, erigida á memoria de *Molière* — celebre escriptor francez, considerado como um dos seus classicos. A estatua está sentada, empunhando na dextra uma penna, em posição de quem acabava de escrever; dos lados vêem-se duas estatuas de marmore, em pé, segurando rolos de papel; e finalmente no pedestal lê-se a seguinte inscripção que traduso: — «*Nas-*

ceu em Pariz a 15 de Janeiro de 1622, e morreu em Pariz a 17 de Fevereiro de 1673. Por subscripção nacional á memoria de Molière.» .....

Ao entrar em casa, tratei de preparar a mala para no dia seguinte partir para *Vichy*.

CARTA XXIV

Saída de Pariz

Era forçoso partir para Vichy, porque a estação ía muito adiantada; mas que pretextos não procurava eu para adiar a viagem ou para não a emprehender! Ora dizia commigo, que o adiantado da estação tornava inutil a despesa d'essa jornada até o meiodia da França, ora se me affigurava estar já completamente curado do meu mal. Deploravel cegueira! O mal lá existia no seu estado latente; tudo era pretexto, inspirado pela seductora embriaguez, com que a mimosa flor do Sena costuma adormentar os sentidos dos que se recostam docemente no seu seio.

Ás seis horas e meia da manhã do dia 17, depois de me haver despedido dos meus amaveis hospedeiros, e ter abraçado os meus companheiros e amigos, os quaes

deveriam em breves dias partir para Portugal, fiz-me transportar á *Gare de Lyão* e do *Mediterraneo, boulevard* de *Mazas,* na extremidade da rua de Lyão.

A Estação é formosissima e grande, como é grande tudo quanto existe n'esta terra. O movimento de passageiros era enorme; formou-se a indispensavel *cauda,* não só para a compra dos bilhetes, como para o despacho das bagagens. Paguei pelo bilhete de primeira classe, quarenta e cinco francos e cinco centimos.

As carruagens eram aceiadissimas, luxuosas até, revestidos os seus almofadados estofos de uma cobertura de *crochet.*

Eramos oito os companheiros do mesmo compartimento, que ficou completo. Ás oito horas e quarenta e cinco minutos deslisava o expresso com a rapidez de uma seta, sem parar nas cinco primeiras estações.

Fazer minucioso apontamento do que ía vendo, e das differentes paizagens com que a natureza nos deleitava durante o trajecto, fôra de certo tarefa mui difficil. Transcrevo fielmente as notas da minha carteira, traçadas com velocidade quasi egual á do comboio.

Melun—Primeira estação, em que tocámos. Vê-se ainda o rio Sena com as suas pittorescas margens. O aspecto dos arvoredos é quasi amarellecido, indicando a plenitude do outomno; o paiz é lindo, o terreno igual.

Fontainebleau—Divisam-se perfeitamente os seus magnificos jardins, o seu palacio real, onde se deu a tragica scena em 1657 do assassinato do valido *Monaldeschi,* ordenado pela rainha Christina da *Suecia,* pa-

lacio em que Napoleão I fez a sua abdicação, e o grande bosque que mede 16:900 hectares de terreno. A gare é grande e elegante.

Moret — Pequena e linda estação. O aspecto do paiz é florido.

Nemours — Desapparece de todo o rio Sena. Um braço do rio *Loing* desenha-se em voltas caprichosas, formando lindos e pittorescos quadros. O aspecto do paiz é montanhoso. Altas serras se divisam ao longe.

Montargis — O mesmo rio, igual a paizagem. Tivemos aqui uma demora de dezoito minutos.

Solterres — Pequena estação; o mesmo aspecto do paiz.

Gien — A demora aqui foi de quatro minutos. Saudanos o rio *Loire* nas suas largas e tortuosas voltas, com suas pittorescas margens. Esta região é rica de vinhedo. Avistam-se grandes rebanhos de carneiros e manadas de cavallos, extensas veigas, povoações disseminadas aqui e ali, e alguns casaes ao longe.

Cosne — Uma demora de quinze minutos permittiu que eu saisse da carruagem; e, passeando ao longo da *gare*, pude vêr a grande extensão do comboio, e reparar n'algumas carruagens de primeira e terceira classe, onde se lia: *Dames seules* (senhoras sós). N'estas carruagens é vedada a entrada aos homens.

La Charité — Viamos ainda o *Loire*, levando no dorso duas pontes elegantes.

Pougue-Les-Eaux — Esta região possue estabelecimentos de aguas mineraes frias; o terreno é muito arborisado. A grande distancia avistámos *Fourchambaut*,

povoação coberta de muitas chaminés das importantes forjas, que alimentam o trabalho de cinco mil operarios.

Nevers — Ali tivemos grande demora. A estação é grande e a copa bem servida. O paiz é montanhoso, florido e pittoresco, pelo frequente accidentado do terreno.

Saincaize — N'esta estação saíram da minha carruagem sete passageiros, e entrou um official ainda novo, alto e sympathico, com a graduação de alferes. Eramos dois os passageiros n'aquelle compartimento. Um *tete-à-tete* silencioso, cousa é para a excentricidade dos filhos de *Albion*, mas impossivel ao caracter expansivo e communicativo dos francezes. Rompeu pois o cavaco, e soube que o meu companheiro, exercendo a profissão de advogado em *Pariz*, fôra chamado como reservista para a grande manobra que, com tanto explendor e luzimento, se effeituára em *Vincennes* no dia 15 do corrente. Conversámos ácerca de alguns problemas sociaes e de alguns pontos de direito, descambando a palestra para a politica do paiz. Era republicano convicto, e afiançou-me que a quasi totalidade dos homens notaveis na sciencia, nas lettras e nas artes eram republicanos. Corra por sua conta o juizo.

Saint-Pierre — A paizagem a mesma, e igual a opulencia de vegetação. Despediu-se amavelmente de mim o advogado de profissão e militar de occasião; fiquei só na carruagem.

Moulins — Capital de *Vichy*. Esta parte do paiz é ba-

nhada pelo rio *Allier*, montanhosa, coberta de explendida vegetação e admiravel de belleza.

Verennes — Continúa o mesmo estendal de bellezas com as suas galas naturaes.

Saint-Germain-Les-Fossés — Esta estação é enorme; movimento extraordinario; excellente serviço de buffete. A região é extremamente accidentada. Tivemos ali a demora necessaria para os que seguiamos para *Vichy* podermos entrar n'outro trem. O comboio tomou pela via de *Lyão*.

Emquanto os passageiros esperavam na platafórma, metteu-se de gorra commigo um sujeito, muito attencioso, fallando-me em mau hespanhol.

— Peço perdão, v. já tem algum hotel em *Vichy*?

— Não senhor.

— Se fôr do seu agrado, posso inculcar-lhe um que é magnifico, situado na *Rua de Pariz*, uma das principaes da cidade.

— O preço do seu hotel, entrando o *serviço* e a luz?

— O hotel não é meu; sou ali empregado na qualidade de interprete. Quanto ao preço, este varía segundo os andares; se prefere o *rez-de-chaussée*, póde alojar-se ali por dez francos diarios, entrando tudo.

— Convem-me.

— Em que classe veio v.?

— Na primeira.

— Fiz-lhe esta pergunta, porque desejo tomar logar na sua carruagem...

Messieurs en voitures, s'il vous plait. (Senhores, fa-

çam *favor* de entrar para as carruagens). Eram as palavras que se ouviam em toda a linha, pronunciadas pelos empregados do caminho de ferro.

Tomei o meu logar, e o sr. *Auguste*, que assim se chama o interprete, occupou o seu. Poucos minutos depois o comboio desappareceu por uma das margens do *Allier:* aqui algumas villas e logarejos, pittorescamente situados; ali a *Montanha Verde*, uma das mais bonitas e aprasiveis excursões de *Vichy;* logo matas de arvoredos com a variedade infinita do seu verde; depois lindas e pittorescas construcções envoltas em densissimo arvoredo, e ornadas de plantas trepadeiras; finalmente a pequena, mas bella e luxuosa estação de *Vichy*, onde entrou o comboio com uma hora de atrazo, pelas cinco e meia da tarde, com percurso de 365 kilometros em nove horas.

CARTA XXV

Em Vichy[1]

Chegados á estação, onde o movimento era grande, e nos não revistaram as bagagens, apesar de haver ali um posto fiscal, uma carruagem *omnibus* de oito logares, pertencente ao hotel, que me fôra inculcado, aguardava, como os trens de todos os hoteis de primeira classe, os passageiros recem-chegados. O vehiculo era aceiado, e tinha na parte superior e externa accommodações para as bagagens. Ao lado lia-se em lettras douradas: *Grand Hotel de l'Univers. Marret.*

[1] Voltei a Vichy no anno immediato (1879), indo para ali directamente de Bordeus, tocando nas seguintes estações: *Contras; Perigueux* (muda-se de trem); *Limoges; Saint-Sulpice; Montluçon; Ganat* (muda-se de trem); *Saint-Germain-Les-Fossés, Vichy.*

A fachada principal da elegante estação de *Vichy*, deita para uma larga praça, ponto de partida de cinco extensas ruas, largas, bem calçadas, e arborisadas dos lados. O vehiculo, em que eu ia, seguiu pela do meio, denominada *Rua de Pariz;* e em menos de tres minutos estavamos no *Hotel de l'Univers*, cujo aspecto é o de todas as casas, que se não recommendam por uma architectura especial. Composta de tres andares, além dos quartos ao rez do chão, com oito janellas de frente em todos os andares, sendo o primeiro e o segundo de varandas corridas; com a porta ao centro encimada com o nome do hotel em grandes caracteres dourados, e flanqueada (como o são todos os edificios aqui) de dois sophás de madeira pintados de verde; — eis o exterior da minha nova morada.

O interior é composto de um vestibulo lageado de pedras brancas e pretas em xadrez, guarnecido de quatro pequenos sophás de tela vermelha aveludada, vendo-se ao fundo uma escada em espiral atapetada, que conduz aos andares superiores. Do lado esquerdo fica a grande sala de recepção, mobilada com decencia, ornada com grandes espelhos, um piano e cortinas nas quatro janellas, que a allumiam; parallelamente vê-se a sala de jantar com quatro janellas para o jardim, guarnecida de uma meza em fórma de ferradura, onde podem estar á larga cento e dez pessoas, numero de accommodações que comporta o hotel. Do lado direito do vestibulo vê-se o escriptorio, onde ha jornaes e se depositam as correspondencias dos hospedes; uma cai-

xa de correio, e finalmente um corredor, que separa os quartos de um e outro lado, com numeros pares e impares. Eis o que é o hotel do Universo, onde a comida é excellente, abundante e variada, grande o aceio e o preço convidativo.

O sr. *Marret* (assim se chama o dono do estabelecimento), homem ainda novo, de estatura regular, robusto e de physionomia sympathica, é casado com uma senhora ainda moça, um pouco timida no trato, mas amavel para com todos os seus hospedes.

Destinaram-me o quarto numero 36, ao rez do chão, por dez francos diarios; o aceio e os commodos são inexcediveis.

Ao entrar na sala do jantar, já repleta de commensaes, designaram-me logar á meza entre uma interessantissima menina loura de dezoito a vinte annos, e um castelhano, homem novo, de tez morena, completamente ignorante da lingua franceza. Alegrou-se extremamente ao saber que eu era portuguez, e que commigo podia entender-se, pois que havia tres dias que não conversava.

Este isolamento no meio de gente, ou o indifferentismo dos que nos cercam, é um dos grandes inconvenientes de viajar só em terra alheia, inconveniente que toma proporções de aborrecimento, quando se desconhece a lingua do paiz, como ao hespanhol succedia. Ainda assim, a extrema amabilidade dos francezes atenúa em parte aquelles inconvenientes.

A curiosidade bem natural moveu-me a relancear a

vista por todo o ambito da sala. Nem uma physionomia amiga! Nem sequer um semblante conhecido entre os sessenta e quatro commensaes!

A conversação á meza é sempre muito animada, e o pobre do hespanhol, que tinha a palavra recolhida ha tres dias,— enorme sacrificio para um meridional— quasi que me não deixou comer, pois que deu largas á sua loquacidade. Os francezes estavam como que alegres, por verem a transformação do nosso companheiro, que até ali andava sorumbatico.

O tempo estava de encantar; era uma d'essas noites, em que não havia nem o calor abafadiço, nem o frio de encommodar; é o outono na sua bella manifestação. Saí na companhia do castelhano e percorremos algumas das ruas da cidade, que ás sete e meia horas se achavam já illuminadas a gaz. É lindo o effeito magico das luzes por entre as aléas dos arvoredos!

Ás seis horas da manhã do dia 18 já eu estava a pé. Toda a gente aqui é madrugadora, em rasão dos banhos e das aguas.

Vichy, cidade e campo a um tempo, cercado de colinas, e deixando vêr ao longe as altas e pardacentas cordilheiras do *Forez* e do *Auvergne*, ergue-se n'um florente e risonho valle, em fórma de amphytheatro, na margem direita do rio *Allier*, em cujas cristalinas aguas se mira alegre e festival. A sua capital é *Moulins;* pertence ao departamento de *Allier* e é dependente do *Cantão* de *Cusset*, cidade antiga, mas muito importante pelo seu commercio.

Atravessa-o uma ponte elegante de sete arcos assentes sobre grandes pilares de pedra.

Tem de norte ao sul 1:500 metros de extensão e 700 de largo, com 6:000 habitantes; — uma escola communal em bella casa, onde tambem se ensinam a gymnastica e os jogos das armas; — lindos e soberbos edificios de variada architectura; — ruas largas e extensos *boulevards* orlados de arvores, formando abobadas quasi interminaveis; — aqui umbrosos bosques, ali jardins e parques ou extensos prados de um verde admiravel. São lindos e apraziveis seus arrabaldes e de uma vegetação opulenta de viço e frescura.

Sustenta *Vichy* estabelecimentos luxuosos e deslumbrantes, dois theatros, muitos *cafés-concertos*, muitos botequins ou cafés, sendo alguns dignos de reparo pelas suas decorações de plantas trepadeiras; duas assembléas — o *Cercle*, onde ha jogos de parar, e o *Casino*, onde todas as noites ha bons concertos e se dão aos sabbados luzidas reuniões e explendidos bailes — e emfim um grande Hippodromo com uma pista de quatro kilometros para corridas de cavallos, onde as excursões são innumeras, e qual d'ellas mais rica de attractivos.

Ha ali carruagens de todos os systemas, tornando-se notaveis algumas cobertas de toldos franjados em fórma de chapéus de sol; — omnibus, cavallos de sella e jumentos de aluguer proprios para excursões.

Rica e abundante de mananciaes de agua doce, que é finissima, jorrando de marcos fontenarios nos limites

dos quarteirões, vêem-se igualmente brotar do seu seio fontes thermaes de varias composições chimicas, de que os doentes se soccorrem.

Vichy, a cidade aristocratica pela selecção da sua sociedade, reune em si tudo quanto póde tornar confortavel e aprazivel a vida; e é por isso que estimúla os viajantes (puros *touristes)* de todas as partes do mundo a virem admirar a variedade de suas paizagens, e repousar das fadigas das grandes cidades, e os doentes a procurar nas suas miraculosas thermas, na pureza do seu ar, e na sua região sadia, se não a cura radical de suas enfermidades, ao menos algum allivio para ellas.

Trinta mil forasteiros entram em *Vichy* durante a estação das aguas, que começa officialmente no dia primeiro de junho, e finda no ultimo de setembro.

A cidade cosmopolita, para poder dar agasalho a tanta gente de differentes procedencias e religiões, possue, além das habitações particulares, 103 Hoteis de primeira classe, 8 Pavilhões com seus parques, 27 *Villas*[1], 186 casas mobiladas para aluguer, 4 Igrejas catholicas, uma protestante e uma synagoga judaica. Estão-se abrindo novos bairros, porque a população fluctuante cresce de anno para anno a olhos vista.

Vichy não é cidade manufactureira, tem comtudo uma industria, de extraordinaria riqueza, qual a da exporta-

[1] Lindas casas de campo, que variam de construcção, cercadas de parques fechados, e se alugam ás familias.

ção das aguas mineraes e dos saes d'essas aguas, quer em ser ou transformados em pastilhas brancas e de chocolate; e finalmente dos saborosos *Sucres d'orges*, especie de rebuçados feitos dos saes, transparentes, de cores vermelha, verde ou amarella, e que se vendem em caixas de lata, que variam de preço segundo a sua lotação.

Tal é em geral a linda e pittoresca cidade de *Vichy*, cujos encantos difficilmente se podem descrever n'um rapido bosquejo.

Á hora conveniente curei de saber a morada do sr. *Livet*, cavalheiro para quem trazia duas cartas de recommendação.

Era na *Rua Lucas*, em continuação da de *Pariz*, para onde me encaminhei. Á entrada da rua vê-se, da direita, o grande *Hospital* militar cercado de jardins, com a fachada principal precedida de um espaçoso pateo guarnecido de bancos, e cercado de grades altas; da esquerda, a *Fonte Lucas*, coberta de um elegante *kiosque* adornado de arbustos em volta. A agua d'esta fonte, cuja temperatura é de 29 gráos centigrados, bebe-se simplesmente, ou misturada com leite ou orchata, ali mesmo ministrados; serve para combater a molestia de pelle não inflammatoria, e restaurar o sangue empobrecido [1].

[1] Em Portugal, segundo as informações que me deram pessoas technicas, ha nascentes de aguas mineraes de subido valor, que podem rivalisar com as de *Vichy*; de *Bourboule* em *Auvergne*; *Wiesbaden* em *Nassau*; *Carlsbad* na *Bohemia*, etc.

As nossas aguas dos Cucos, de Villarelho, de Chaves, de Vi-

Do mesmo lado, e a pouca distancia, avista-se a *Fonte Prunelle*, situada ao rez do chão de um Pavilhão, que forma a fachada principal de um predio. Esta fonte é propriedade de Mr. *Larbaud*, e explorada por conta propria, sob a vigilancia do governo. A agua é fria e gazosa, e indicada para as molestias de calculos urinarios, etc.

Poucos passos depois batia eu á porta de uma casa de dois andares e um *rez-de-chaussée*, fronteira ao *Grande Estabelecimento* de banhos de primeira classe; era ali a habitação de Mr. *Charles Luis Livet*. Entrei para uma sala terrea, dividida em dois quartos — saleta e escriptorio: n'aquella, cujos vidros das janellas são de cores com figuras allegoricas, vêem-se dois grandes quadros a oleo de *Velasques*, estatuas de gesso, pequenos bronzes e varios outros objectos artisticos, que prendem a attenção; n'este, estantes em volta, guarnecidas de livros encadernados, um sofá e cadeiras, uma grande carteira de trabalho, e finalmente algumas outras curiosidades artisticas, collocadas sobre a mesa do fogão.

O sr. *Charles L. Livet*, de alta estatura, sobre ma-

dago, e especialmente as das Pedras Salgadas mais ricas em acido carbonico, arsenico e lithina, podem ser empregadas no tratamento das mesmas enfermidades, como as acima mencionadas, produzindo não menos beneficos resultados. Quando os nossos homens de sciencia se resolverem a olhar, como devem, para estas nossas riquezas naturaes, prestarão um relevante serviço ao seu paiz e á humanidade.

gro, mas accusando ao mesmo tempo robusta saude, tem olhos grandes á flor do rosto, bigode e pera, cabello grisalho, e physionomia intelligente. Veste-se com severa elegancia, deixando ver uma fitinha encarnada na lapella do seu frak preto. Casado com uma senhora de esmerada educação e de fino trato, d'ella teve a fortuna de haver um filho, cheio de talento, pois que já cursa o quarto anno medico, com grande distincção, na Academia de *Pariz*.

O sr. *Livet*, bacharel em letras, inspector de instrucção publica, e commissario do governo junto dos estabelecimentos das aguas de *Vichy*, é conhecido como profundo philologo, jornalista distincto e habil polemista. É commendador da ordem de S. Thiago (portugueza) e de outras, e membro correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa. Publicou varias obras de conhecido merito, e entre ellas ha um commentario notavel ao *Dictionnaire des Precieuses* (Diccionario das Sabichonas), onde se pode ver a maneira pretenciosa de fallar das litteratas, que floresceram n'uma certa epocha.

Finalmente o sr. *Livet*, dotado de um caracter affavel e fino trato, é um perfeito *gentleman*, que prende pela sua conversação variada, instructiva e cheia de espirito de observação.

Eis o cavalheiro a quem vim recommendado, e com quem travei a seguinte conversação:

—Pela leitura das duas cartas, que acaba de me entregar, disse-me elle, vejo que não é um puro *tou-*

riste, que vem divertir-se a *Vichy*, e admirar as suas ricas e magnificas paizagens, mas sim um doente.

— Assim é, infelizmente.

— Qual é o seu soffrimento?

— É de figado.

— Posso desde já felicital-o por ter vindo a *Vichy*; creia que tem aqui boas aguas para o seu mal, segundo o seu grau de adiantamento, excellente ar, muitas distracções, e distinctos facultativos a quem consultar. De certo já tem algum indicado?

— Não, senhor, seria favor, se me indicasse um.

— Peço-lhe mil perdões, não o posso fazer, porque n'isso tenho melindre. Cuidei que já trazia algum indigitado de *Pariz*.

— Não, senhor. Não conheço por ora nenhum, nem sequer de nome.

E pegando elle n'um livro, onde vem a lista dos medicos em *Vichy*, começou a ler — Mr. *Durand Fardel*, na *Rua do Parque*; é bem perto d'aqui; Mr...

— Pois seja o Mr. *Durand Fardel*, atalhei eu.

— Muito bem; devo porém ponderar-lhe, que é cedo para irmos a casa d'elle; conversemos um pouco. Fuma?

— Sim senhor.

— Vou offerecer-lhe um dos meus charutos.

Emquanto fumavamos, contou-me elle que estivera em Lisboa em 1868, commissionado pelo seu governo para ali investigar e copiar na nossa *Torre do Tombo* documentos relativos á historia franceza, e que por esse tempo travára relações com varios cavalheiros de

Lisboa, d'entre os quaes me pediu novas dos srs. marquez d'Avila e Bolama (hoje duque), dr. Magalhães Coutinho, dr. Thomaz de Carvalho, Tullio, Bastos, empregado na *Torre do Tombo*, general Palmeirim etc. etc.

— Gostei muito da cidade de Lisboa, proseguiu elle, tenho ainda gratas recordações de seus habitantes.

— Folgo muito de ouvir da boca de um estrangeiro tão illustrado o franco e lisongeiro juizo á cerca dos meus concidadãos.

— Lisboa, pela sua posição geographica, e com o seu magnifico porto, podia ser uma das mais bellas cidades da Europa; mas (e peço perdão para lh'o dizer aqui á puridade) penso que ali se cura ou se curava pouco da higyene, e não ha ainda muito gosto pela arte. O que se não faria de bello e salutar da outra banda do rio, tão arida e secca?!

— Assim é, mas o progresso não póde ser rapido, lhe tornei eu, principalmente n'um paiz, onde não é largamente dotado o municipio, e quasi não existe a iniciativa particular, tendo de luctar-se muitas vezes com a má vontade de uns, com a opposição de outros e com o espirito rotineiro de muitos. Se v. fosse hoje a Lisboa, encontraria ali sensiveis melhoramentos.

— Conto não morrer sem voltar a Lisboa. Se lhe parece, podemos ir a casa do sr. dr. *Durand Fardel;* é hora de nos receber.

— Estou á sua disposição.

Era uma hora da tarde pouco mais, quando nos en-

caminhámos para a casa do dr. *Durand Fardel,* situada na *Rua do Parque;* mas como, ao sair da casa do *sr. Livet,* nos ficasse em frente o *Grande Estabelecimento* dos banhos de primeira classe, convidou-me elle a entrar ali.

Um parallelogrammo rectangular, de cantaria, de cincoenta e sete metros de comprido sobre setenta e seis de largo, desafrontado de todos os quatro lados, aformoseado com duas fachadas de um só andar, tendo a que olha para o *Parque* as lojas em arcarias, eis o exterior do importante Estabelecimento, cujas largas portas dão entrada para o *rez-de-chaussée,* onde se acham collocados os banhos e algumas fontes de aguas thermaes.

O seu interior é cortado de duas largas e compridas galerias, conhecidas pela de *Norte* e *Oeste* caindo uma perpendicularmente sobre a outra em forma de um T.

Entrando-se pela galeria de *Oeste,* depara-se ao lado esquerdo da porta com a fonte denominada *La Grande Grille,* propriedade do estado. A agua d'esta fonte é quente, sendo a sua temperatura de 42 gráos centigrados.

Uma bacia de pedra, com um parapeito de grades em volta, recebe o manancial que vem á superficie ás lufadas, e por vezes as ejaculações sobem a um palmo de altura.

Quatro graciosas raparigas, enfeitadas de toucas brancas e vestidas de tela acinzentada, com seus aventaes brancos, offerecem a agua aos bebedores em pe-

quenos copos, que se vêem collocados em volta da fonte.

O numero de bebedores d'agua ás vezes é tão crescido, que em volta da bacia se vêem tres e mais filas de individuos de ambos os sexos á espera da sua vez.

A agua de todas as fontes, quer pertencente ao estado, quer a particulares, é dada gratuitamente; ha porém o costume, que póde considerar-se lei consuetudinaria, de se dar uma gratificação ás raparigas, pois que ellas se tornam dignas d'esta remuneração, attentas a delicadeza e affabilidade com que acolhem os seus freguezes doentes, para quem ellas sempre teem uma phrase de interesse ácerca de suas melhoras.

A agua d'esta fonte applica-se com sensiveis resultados contra as molestias do canal digestivo, a obstrucção do figado, as affecções lymphaticas, calculos biliarios, doenças do utero, etc. etc.

Na extremidade opposta d'esta galeria, guarnecida de bancos de um e outro lado, e onde os passeantes de ambos os sexos se acotovellam, está situada a *Fonte Mesdames,* de temperatura de 16 gráos centigrados, de agua ferruginosa, applicada contra a pobreza de sangue, como a chlorose, etc.

Para a galeria do *Norte* sobem-se tres degraos de pedra. Está á esquerda o escriptorio, em que uma gentil rapariga, de tez morena e cabellos pretos, vende os *cachets* (bilhetes) para os banhos, de primeira classe a tres francos, de segunda classe a dois francos, e de terceira classe a sessenta centimos. A' direita

vê-se o *Poço Chomel,* cuja agua á temperatura 44 gráos centigrados, é adstringente, e vem á superficie com o auxilio de uma bomba; é indicada contra os catarros pulmonares, as doenças do estomago ou de orgãos respiratorios. A um dos lados d'esta fonte, e entre ornamentações de verdura, estão quatro grandes jarras de pó de pedra, de quasi um metro de altura, as quaes servem para receber os bochechos dos gargarejos dos doentes.

Proseguindo-se ao longo d'essa galeria, avistam-se duas portas lateraes e fronteiras, que conduzem respectivamente a outras duas galerias tapetadas, onde se acham os gabinetes de banhos de primeira classe, os quaes primam pelo aceio e cujas janellas abrem sobre largos pateos ajardinados. A galeria da esquerda é reservada para as senhoras, e a da direita para os homens. O numero das banheiras é de cem, afóra os dezeseis gabinetes de *duches* de toda a especie, e os de inhalação do gaz acido carbonico para doentes de asphixia, anemia, e principalmente de diabetes. Encontram-se n'esses gabinetes todos os adminiculos de *toilette.*

No fim da galeria do Norte, tres portas dão saída para o antigo *Parque* (do qual fallarei mais de espaço) onde na extremidade da sua extensa rua central se acha situado o *Casino,* que é a principal assemblea de *Vichy.*

Do lado Oeste, interpondo-se a *Praça das Thermas,* corre parallelo ao estabelecimento, de que estou fal-

lando, outro destinado para os banhos de segunda e terceira classe. E' um edificio de forma rectangular, e só de *rez-de-chaussée,* com a fachada precedida de um viçoso jardim, cercado de grades baixas, e cuja larga sala de entrada, guarnecida de sophás de madeira, é ladeada de duas extensas galerias, a da esquerda guarnecida de gabinetes de banhos para senhoras, e a da direita para homens. O numero das banheiras de segunda classe é de cento e oitenta, e o das de terceira classe vinte e quatro, além dos gabinetes para *duches.* Todas as janellas dos gabinetes abrem sobre pateos ajardinados.

Estes dois importantes estabelecimentos pertencem ao Estado, e estão a cargo da companhia exploradora das aguas, que lhe paga um aluguer avultado.

Entrámos na *Praça das Thérmas,* onde os vendedores ambulantes estacionam para com seus pregões muitas vezes espirituosos, provocar a attenção dos transeuntes para as suas variadas exhibições: é uma feira concurredissima e digna de vêr-se.

Chegámos por fim á casa do dr. *Durand Fardel,* notavel pela elegancia do jardim á ingleza, que a precede. Recebeu-nos na casa terrea, composta de salas e de um gabinete para as consultas.

De estatura baixa, e physionomia intelligente, representando ter sessenta annos, posto que vigoroso e agil, o sr. *Fardel,* medico inspector da *Fonte de Hauterive* (pequeno logar distante de *Vichy* cinco kilometros), é cortez, mas mui sobrio de palavras. Condeco-

rado pelos seus merecimentos scientificos e litterarios, manifestados em varias obras, que se acham publicadas, gosa de boa reputação como clinico.

Tive a honra de ser apresentado á sua esposa, senhora que representa ter quarenta a quarenta e cinco annos, e em quem o tempo destruidor não chegou ainda a apagar os traços correctos de uma physionomia sympathica. E' alta, e elegante, de maneiras distinctas e affaveis, trajando com primoroso gosto.

Depois de se haver informado do estado de minha saude, ficou o *Doutor Fardel* de ir a minha casa no dia immediato pelas oito horas da manhã.

Seguimos d'ali pela *rua do Parque*, guarnecida por um dos lados de ricos hoteis de varias e elegantes construcções, e do outro dos arvoredos do velho Parque, e chegámos a um largo arborisado, com seus canteiros de flores, e um elegante chafariz no centro: é a Praça do *Hotel de Ville*, a um lado da qual está situado o edificio da Camara, de singela estructura, e nos outros lados se vêem hoteis de varios gostos architectonicos. E' ali perto o edificio do correio, a estação telegraphica, e a Escola communal, onde os alumnos recebem tambem lições de gymnastica e de manejo das armas.

Tomámos pelo grande *Boulevard Nacional* ornado de alterosos platanos, formando um denso arco, e onde se admira ainda a velha *Torre do Relogio*, reliquia da antiga cidade, e se sauda com respeito o *Pavilhão Sevigné*, outr'ora residencia da marqueza d'este nome,

distincta escriptora, que tornou notavel a cidade de *Vichy* em muitas das suas primorosas cartas bem conhecidas no mundo litterario. N'esta habitação, precedida de um pittoresco parque, conservam-se ainda, em memoria d'aquella benemerita senhora, os quartos e a mobilia que foi de seu uso.

Depois de ter saudado respeitosamente aquella historica habitação, e proseguindo ao longo do *boulevard,* avista-se a *Fonte Larbaud,* collocada n'um pateo, que precede uma linda habitação, onde ha gabinetes para banhos de aguas thermaes.

Junto da fonte, de temperatura de 15 gráos centigrados, vê-se uma sympathica rapariga, que, com maneiras graciosas, offerece aos que tomam agua, d'esta nascente, cuja composição chimica é identica á dos *Celestins,* de que terei de fallar mais de espaço.

Esta fonte pertence a Mr. *Larbaud,* que a franquêa gratuitamente ao publico.

Findou n'esse dia a minha digressão na companhia do *sr. Livet,* em quem encontrei sempre muita benevolencia e amabilidade.

CARTA XXVI

As oito horas da manhã do dia 19 recebia eu a visita do doutor *Fardel*. Depois do indispensavel interrogatorio acêrca das circumstancias da minha vida, e observando-me minuciosamente, receitou: Agua da *Fonte do Hospital*, tomada duas vezes por dia, e um banho mineral de trinta e cinco gráos centigrados, todas as manhãs. Feita a visita, pediu-me que de oito em oito dias lhe désse parte do meu estado.

O *Parque*, áquella hora, estava a convidar-me a ir respirar o seu ar puro, e a gosar a concurrencia de gente que costuma povoal-o.

Entrámos n'esse bello e espaçoso passeio, que podia chamar-se uma alameda aberta, ornada de gigantescas e umbrosas arvores, que datam do tempo de Napoleão I, que as mandou ali plantar.

Conhecido pela denominação de — *velho* — em contraposição ao *novo Parque,* espraia-se por uma superficie plana entre o *Estabelecimento* dos banhos de primeira classe e o *Casino,* e as ruas do *Parque,* e *Cunin-Gridaine,* ruas aformoseadas pelos mais lindos e esplendidos hoteis. Assombram-n'o magnificos e alterosos platanos, e castanheiros da India, formando extensas aléas, onde a custo penetra o sol com o brilho de seus raios. Cortam-n'o duas largas ruas asphaltadas, que, crusando-se, o dividem em quatro partes eguaes. A rua que parte do *Estabelecimento* dos banhos até o *Casino,* conhecida pela rua do meio, é orlada de tapetes de relva matisados de flores, dispostas artisticamente em largos taboleiros.

De ambos os lados do Parque estão dois grandes *kiosques* de forma circular, adornados de columnas de ferro em volta, graciosamente levantados no centro de monticulos de terra ajardinada. É ali que se ouvem bons concertos todos os dias, de manhã e de tarde.

Além d'isso, o *Parque,* acha-se como que semeado de pequenos *kiosques,* em que se vendem jornaes; de grandes *rotundas,* de variados gostos, que servem de bazares para ricas exhibições de ouro, prata, pedras preciosas, porcelanas e de uma infinidade de objectos, que a phantasia artistica produz constantemente; de sofás de madeira, cadeiras de ferro, e finalmente de carros de mão para commodidade dos doentes. Em um dos lados do *Parque* um elegante *kiosque* de ferro, de columnatas em volta pintadas de verde, abriga a *Fon-*

te do Parque, cuja agua tirada a bomba, rica de gaz acido carbonico, é de temperatura de vinte e dois gráos centigrados, e serve para combater as digestões tardias, affecções intestinaes e de vias respiratorias, etc.

Eis-me em frente do *Casino,* a principal assembléa da cidade, em que se dão harmoniosos concertos e bailes explendidos, — genero de bazar seductor — onde as bellezas disputam entre si a primazia da elegancia e do bom tom!

Como as vastas salas do estabelecimento dos banhos, em que outr'ora o insigne *M. Strauss* encantou com as suas harmonias a luzida sociedade de então, fossem já acanhadas para conter os socios, que de anno para anno augmentavam prodigiosamente, d'ahi nasceu a idéa da fundação do Casino, edificio de um só andar que se ergue elegante na extremidade opposta, n'um vasto parallelogrammo de dois mil e quinhentos metros de superficie.

A sua fachada principal, que defronta com a rua do meio, é composta de dois pavilhões lateraes e de *Veranda* (varanda) de forma simicircular, ornada de flores, de elegantes candelabros e de plantas trepadeiras. Dos lados da *Veranda* descem duas vias em curvas graciosas, de suave declive e dão entrada para um pequeno jardim gradeado, esmaltado de grandes macissos de flores formando desenhos caprichosos, e onde avultam larangeiras plantadas em pequenas caixas de madeira, a cuja sombra se abrigam muitas cadeiras e bancos.

Os dois pavilhões, ornados de baixos-relevos, e de cariátydes, que flanqueam as duas respectivas janellas de sacadas de marmore, teem na sua frente, o da direita, um grande barometro, e o da esquerda, um relogio correspondente.

Os lados oppostos d'este predio teem doze janellas cada um, e duas portas no centro com escadas exteriores e com a respectiva designação de — *Entrada* e *Saída*. — A sua parte posterior tem no centro uma estatua colossal de marmore em figura de mulher symbolisando a cidade de *Vichy*, com um cantaro sobre o hombro esquerdo, deitando agua que duas creanças aparam em conchas. Eis o exterior do *Casino*.

A parte interna é dividida em duas secções por um largo corredor, cujas extremidades findam nas duas portas de entrada e saída.

N'uma das secções está a grande sala dos bailes e das festas, ricamente mobilada, de paredes e tectos pintados a fresco, com douraduras de bonito effeito, e com cinco portas que deitam para a *Veranda*.

A sala, destinada para as senhoras, situada no pavilhão do relogio, acha-se decorada sumptuosamente, tendo um pequeno bilhar, mesas com jornaes, etc. A sala de leitura para os homens, guarnecida de estantes com livros, confortavelmente mobilada, e onde ha todos os jornaes nacionaes e muitos estrangeiros menos os portuguezes, occupa o pavilhão do barometro.

Na outra secção correm duas salas parallelas, uma guarnecida de quatro bilhares, e a outra de mezas para

jogos, entre os quaes o *écarté* é preferido a todos. O resto do edificio é occupado por um lindo theatro semicircular, para canto e declamação, ricamente decorado, com capacidade para mil oitenta e oito espectadores.

O *Casino* é exclusivamente frequentado pelos socios, os quaes pagam vinte e cinco francos por mez, permittindo-se porém a entrada avulsa, que custa dois francos de cada vez. O socio do *Casino*, sendo-o igualmente do theatro, tem que desembolsar sessenta francos por mez. A entrada para os outros custa por cada espectaculo quatro francos.

Ao lado do *Casino*, e n'um logar reservado no *Parque*, fechado de grades baixas, eleva-se o elegante *Café da Restauração*, de madeira e ferro, com larga varanda em roda, quasi que escondido entre arvoredo, sob cujas sombras, e em volta de centenas de mezas de ferro, se vêem frequentadores de ambos os sexos.

É de um effeito magico e deslumbrante ao contemplar-se o *Casino* illuminado interna e externamente por uma profusão de lumes de gaz em elegantes candelabros, reflectindo os seus raios sobre o *Parque* igualmente illuminado!

O aspecto do *Parque* varía com as horas do dia: de manhã cêdo são os bebedores d'agua e os banhistas que o transitam para as differentes fontes; começa porém a animar-se pelas oito horas, e ás primeiras harmonias do concerto matinal, povôa-se de senhoras e homens, ainda em *toilettes* de agasalho, para se resguardarem

da friagem da manhã. Ás ultimas notas musicaes despovôa-se, ficando n'um silencio quasi completo, porque ás dez é a hora do almoço em quasi todos os hoteis.

Reanimando-se depois á hora do segundo concerto, toma o *Parque* taes proporções de concurrencia e brilhantismo pela variedade de trajos, que o effeito é pittoresco e encantador.

É n'esses momentos que se admiram lindas e encantadoras mulheres de vistosas e deslumbrantes *toilettes*, trajando umas com simples elegancia parisiense e outras com exagerada garridice. Aqui, recostadas umas em cadeiras ou sofás de madeira, entregues outras á leitura, ou aos lavores da costura, dos bordados e do *chrochet*; ali, grupos de irmãs da caridade, de irmãs hospitaleiras, de membros de outros institutos, que abundam em França, com insolitos trajos; além, os abbades, os curas, os padres lazaristas, os missionarios, os frades de longas barbas, uns de habito branco calçando alpercatas, outros trajando côr de sepea; acolá mouros, arabes, argelinos, judeus; emfim, gente de todas as nações com os seus variados e pittorescos vestidos.

Todas as elegantes trazem *bouquets* de flores naturaes, com que adornam o seio. As francezas amam apaixonadamente as flores, e teem razão. Se as flores são os sorrisos da natureza, as mulheres, quando sabem sêl-o, são tambem os sorrisos e os encantos da alma. Os dois sorrisos casam-se harmonicamente.

CARTA XXVII

No dia 20, pelas seis horas da manhã, já eu me achava no estabelecimento dos banhos de primeira classe, afim de dar começo ao meu tratamento. Tomado o banho, curei de saber onde fica a *Fonte do Hospital,* conhecida antigamente pela *Fonte Rosalie,* de cujas aguas tinha de fazer uso quotidiano.

Por detraz do *Casino* abre-se a rua do *Hospital,* larga, arborisada, e ornada de um e outro lado de lojas e bazares, onde a vista não se farta de admirar a variedade de objectos, entre os quaes sem questão sobresaem os de joalheria e ourivesaria, encanto das mulheres, e flagello dos maridos e paes de familia.

Ao lado direito d'esta rua, avista-se a *Passagem Noyez,* rua verdadeiramente notavel e concorridissima em virtude de suas ricas e explendidas lojas, que pren-

dem e fascinam pelas exhibições de seus ricos e notaveis artefactos: é uma permanente exposição universal quanto á variedade de objectos! No fim da rua do *Hospital*, está um largo circular arborisado por altos choupos, tendo no centro um elegante *kiosque* construido de ferro, com assentos de madeira em volta. Dentro d'este *kiosque* está uma ampla bacia de pedra, de fórma circular repleta de agua, jorrando á superficie em borbotões. É a *Fonte do Hospital*. Esta agua, de temperatura de trinta e um gráos, é muito semelhante á da *Grande Grille*, com a differença de ser um pouco mais excitante. É aconselhada contra as molestias de vias respiratorias, do figado no estado sub-agudo, pezo no estomago, digestões difficeis, obesidade, etc.

Quatro vistosas raparigas de rubicundas faces mal podem ministrar o copo de agua a cada doente, apesar da presteza com que a distribuem: tal é a concurrencia de bebedores.

Á esquerda do largo está o *Hospital Civil*, amplo edificio, formado de tres corpos, com um pateo no centro, onde se admira a grande e copada arvore, denominada da *Liberdade*.

Todo o serviço hospitalar é dirigido pelas irmãs da caridade, inclusivamente o da pharmacia. Estas prestantissimas senhoras, que contam no seu seio damas illustres, que sacrificaram o nome, a riqueza e todas as pompas mundanas nas aras da caridade, são muito respeitadas e estimadas aqui; mais que estimadas, são adoradas. E cousa notavel! os padres lazaristas, seus

directores espirituaes, com quanto respeitados, não gosam de iguaes sympathias!

A ellas basta-lhes a estima, para que na voluntaria e humilde profissão, a que cada qual se entrega, se mostrarem mais alegres e contentes, do que a outra gente na sua maior pompa e vaidade.

Visitando o Hospital na companhia do filho do sr. *Livet,* estudante do quarto anno medico, que, durante as ferias, ía ali vêr os doentes com a permissão do medico do estabelecimento, tive occasião de contemplar uma irmã de physionomia distincta, para a qual elle chamou a minha attenção.

Esta senhora, que ahi vê, accrescentou elle, pertence a uma das familias mais nobres da França; é rica de fortuna e de intelligencia, de grande cultura de espirito e insigne professora de musica. Apezar d'isto, trocou o nome illustre e todos os commodos da vida pelo exercicio da caridade; e o que é mais, escolheu n'este estabelecimento um dos mais humildes serviços, o de *cosinheira!* Parei reverente deante d'aquelle Anjo da Caridade, e saudava-o todas as vezes que o via.

Ao lado do Hospital, e communicando-se com elle interiormente, vê-se uma pequena Igreja de modesta apparencia, muito aceiada, onde se ouvem, ao som do orgão, os canticos das irmãs da caridade á hora do sacrificio da missa do dia.

Do lado direito da Praça divisa-se a extensa rua da *Ponte,* arborisada ao longo, por onde tomei para o *Novo Parque.*

Aqui a descripção é quasi impossivel, só o lapis de um habil desenhista ou a palheta d'um pintor poderá dar idéa das bellezas naturaes e artisticas com que é adornado o *Novo Parque*, mandado construir por Napoleão III no terreno, que segue a curva graciosa do *Allier*, entre a extensa e larga estrada á beira do rio e o *boulevard Nacional*.

Um vastissimo jardim ou antes um extenso vergel, plantado aqui e ali de pequenos bosques, que se erguem no meio de extensas planicies, esmaltado de grandes massiços de flores e de plantas de ornamentação, é cortado de numerosas ruas e avenidas, que ligam entre si as differentes partes do *Parque*, cuja opulentissima vegetação conserva a sua frescura por meio de um aparelho de rega.

Aqui, sofás de madeira ou cadeiras de ferro, convidando ao descanço, debaixo de copada ramagem, ou adornando uma elegante casa rustica coberta de colmo: — ali um tracto de terreno cercado de grades baixas, com um *kiosque*, á guisa de um grande guarda-sol, coberto de colmo, abrigo de quatro cabras brancas, as quaes, guardadas por uma gentil pastora, dão de mamar ás creanças, sendo este acto praticado publicamente; — além, um pequeno theatro de marionnettes, com a platéa ao ar livre, encanto de bandos de creanças, que largamente respiram o balsamico ar do sitio, e redobram de vigor; — mais além, surge-nos, depois de uma serie de pequenos bosques, uma planicie de um relvado admiravel, coroado aqui e ali de

grandes taboleiros de flores, e de plantas de varios matizes dispostos artisticamente em differentes gradações; logo adiante, outro bosque com a variedade do seu verde natural, cruzando-se e entrelaçando-se as ramagens em differentes direcções, e succedendo-lhe um immenso lago em voltas caprichosas, com seus graciosos repuchos por entre ilhas verdejantes, communicados por uma ponte pensil, e com os seus cysnes de brancas pennas, vogando magestosos e de colo altivo nas limpidas aguas; — por toda a parte ricos e admiraveis *chalets* de construcções caprichosas, de varios estylos e gostos, com as fachadas enfeitadas de festões de verdura, que produzem um grato e admiravel effeito; — finalmente uma grande estufa com plantas de belleza rara; — eis em resumo este lindo e formoso *Parque*.

Entre as edificações, que o embellezam, sobresaindo por entre a folhagem, merecem menção especial o *Chalet* que foi propriedade do Imperador Napoleão III; o *Chalet des Roses* e o *Chalet Inglez* de vinte e quatro janellas em cada uma das fachadas oppostas, ornadas de plantas trepadeiras, formando porticos de primorosa execução.

Tomando por uma das muitas avenidas do *Parque*, achei-me n'uma larga e extensa estrada ou aterro á beira do caes, com parapeito de ferro seguindo a graciosa curvatura do rio, contornada, de um lado pelo denso e verde *massiço* dos arvoredos do *Parque*, e do outro, pelo rio em cujas risonhas margens se vêem

muitas lavadeiras. É destinada esta estrada para as carruagens de passeio, que ás dezenas por ali transitam.

No limite oeste do *Boulevard Nacional*, n'um grande tracto de terreno formando um parque gradeado, estão — *Les Celestins* — tres fontes de aguas thermaes de temperatura de doze a quatorze gráos centigrados, cobertas de seus respectivos pavilhões.

N'este aprazivel sitio, de enorme concurrencia, encontram os doentes cadeiras de ferro de formas elegantes, e sofás de madeira, collocados á sombra das copadas arvores, ou guarnecendo duas graciosas construcções, que servem a um tempo de abrigo contra as chuvas e de sala de conversação e recreio, pois que ali têem os amadores n'uma das salas um excellente bilhar para seus exercicios gymnasticos.

A agua das tres fontes applica-se internamente contra as arêas na bexiga, calculos, diabetes, etc.

Ao *Boulevard Nacional* segue-se o dos *Celestins*, onde ha a *Fonte Lardy*, propriedade particular. No centro d'um lindo e pittoresco parque, tres *kiosques*, ligados entre si por uma cobertura de colmo, adornam graciosamente um largo todo areado. No *kiosque* central, e n'uma larga bacía de marmore vê-se nascer aquella agua de uma temperatura de vinte gráos centigrados, que, por ser alcalina e gazoza, é aconselhada ás pessoas escrofulosas e chloroticas. E comtudo, os bebedores das outras fontes custumam fazer uso d'ella em seguida ao jantar, por ser rica de acido carbonico, sendo por

isso que, das sete para as nove horas da noite, acode ali uma verdadeira romaria de gente, que vae procurar nas propriedades d'aquella fonte uma facil digestão.

Vichy possue outras nascentes, mas as principaes e mais frequentadas são as do *Hospital, Grande Grille* e *Les Celestins*.

Depois d'este largo e aprazivel passeio matutino, que muito me encantou, voltei a casa ás dez horas, que é a hora do almoço em quasi todos os hoteis da terra.

Havia já tres dias, que vivia n'esta nova sociedade, tendo forçosamente de me encontrar todos os dias com os meus companheiros do hotel, circumstancia que estabeleceu entre mim e elles a convivencia, e com ella a natural intimidade. Ficava ao meu lado esquerdo, na mesa, uma joven senhora de tanta intelligencia, espirito e graça no fallar, e de maneiras tão notavelmente distinctas, que, com justa razão a denominavam *La Pleine de Grace* (A Cheia de Graça).

Alta e delgada sem ser magra, flexivel de talhe, dezoito annos de edade, vestida de preto (côr que lhe realçava mais a alvura de um rosto oval) cabellos abundantes e de um louro *cendré*, os olhos azues e brilhantes, delgado o labio superior e o inferior de fórma de um botão de roza, entreabrindo-se com os sorrisos os mais feiticeiros, tal era a joven, que me encantou durante o almoço, com uma variada e attrahente conversação, realçada pela modulação de uma voz suave e meiga. Esta interessante menina soube por tal arte

despertar as geraes sympathias, que até as outras senhoras, ali hospedadas, lhe queriam tanto que, onde se achasse *A Cheia de Graça*, acudiam todas para admirar a cultura do seu engenho, a agudeza de seus ditos ou a graça tão nativa de suas palavras. Emfim é uma d'essas mulheres, que nos fazem pousar de prazeres

«Candido enxame»
«Na phantasia».

Cultiva as bellas artes, desenha com facilidade, principalmente a paisagem, e toca piano com primorosa execução. Nas poucas reuniões, a que assisti no hotel, pude admirar a mestria e agilidade com que os seus pequenos e delicados dedos percorriam o teclado. Acompanha-a sua mãe, senhora ainda nova, alta, ruiva, sympathica, e mui versada na Litteratura antiga, comprazendo-se de preferencia em conversar á cerca da historia politica de seu paiz, sobre a qual discreteia com muito entendimento.

Não posso precisar o numero de pessoas, que se achavam no hotel, porque algumas familias comem nos gabinetes e n'um annexo do jardim. Os hospedes são francezes, á excepção de um hespanhol, uma familia americana, composta de pae, mãe e duas galantes meninas, e finalmente outra belga.

Tendo dado começo ao meu tratamento, o meu viver tornou-se pautado, segundo as prescripções therapeuticas do dr. *Fardel*. De manhã cêdo tomo o banho, em seguida bebo meio copo de agua da *Fonte do Hos-*

pital; depois ou vou á sala de jogo d'armas ou visito o sr. *Livet,* cuja conversação deleita e instrue, ou entretenho-me percorrendo os bazares. Das duas para as tres horas vou espairecer para o *Velho Parque,* gosando o concerto da musica e a concurrencia dos transeuntes, e tomando em seguida outro meio copo d'agua da *Grande Grille.* Depois do jantar, que é ás cinco horas e meia, visito o *Novo Parque* para admirar a belleza e opulencia de sua vegetação, ou alongo os passos até o aterro marginal do *Allier.* As noites, ora as passo no *Casino,* ora no *Theatro* ora no *Hotel,* conversando alegremente com as amaveis hospedas, que ordinariamente, como succede entre gente moça, alegre e buliçosa, convertem os serões em *soirées* dansantes.

Os dias succediam-se uns aos outros rapida e alegremente, quando no dia 26 de setembro nos disse a mãe da *Cheia de Graça,* que tinham de partir n'aquella tarde para a cidade de *Lyão,* onde residem, porque o marido e pae tinha chegado esta manhã para as acompanhar. Despediu-se pois de nós esta amabilissima familia, cujo chefe nos offereceu o seu prestimo e a sua casa n'aquella cidade, onde exerce a profissão de commerciante.

Eram duas horas da tarde, estavam na estação dos caminhos de ferro muitas senhoras e cavalheiros, na maior parte companheiros do *Hotel,* indo ali despedir-se da *Cheia de Graça,* e de sua mãe, que deixaram no animo de todos, a mais grata recordação.

CARTA XXVIII

Ás diversões, que *Vichy* offerece aos seus innumeros visitantes, podem juntar-se os lindos passeios nas suas circumvisinhanças, e em cuja escolha, por serem muitos, pittorescos e cheios de encantos, os *touristes* e os paizagistas se vêem ás vezes embaraçados.

A essas excursões, que são frequentes, convidam não só as magnificas estradas, orladas de fileiras de arvores frondozas, formando em muitos pontos abobadas de verdura, senão tambem os excellentes meios de transporte, já em carros aceiadissimos, já em cavallos ou em jumentos bem ajaezados. Além d'isso este tempo quasi de outono é aqui, como em Portugal, a

mais bella estação do anno, um sol vivificador e uma atmosphera limpida e sem nuvens.

Alguns de meus companheiros do hotel convidaram-me a fazer uma pequena digressão á cidade de *Cusset*, distante de *Vichy* apenas tres kilometros. Era uma senhora belga de vinte e cinco annos, natural de *Liége*, mui sympathica e de finissimo trato; seu marido, louro e igualmente sympathico; e um rapaz de *Lyão*, elegante e vivo.

Ás onze horas do dia 27 de setembro, uma bonita *victoria* puchada por dois cavallos, e coberta de um toldo em forma de guarda sol percorria por uma extensa estrada denominada — *Allée de Mesdames*, orlada de alterosos choupos ao longo das pittorescas margens do ribeiro — *Sichon*, deixando vêr, aqui o gazometro de *Vichy*, ali uns moinhos, acolá uma importante fabrica de papel, e mais além algumas casas de campo.

Cusset foi outr'ora séde dos bailiados *d'Auvergne* e *Bourbonnais*. Fundada no anno 786, sob o reinado de Carlos Magno, e com as honras de cidade real, ostentou uma formidavel fortificação com altas muralhas guarnecidas de artilheria, casas-matas subterraneas e fossos profundos, cheios d'agua. Quatro portas, flanqueada cada uma de sua respectiva torre com grossas muralhas de seis metros de espessura, davam entrada para a cidade.

O sitio, porém, onde existiram aquellas formidaveis fortificações, foi convertido em lindos e pittorescos

passeios ajardinados, restando apenas de pé, de todo aquelle apparato bellico, uma das torres, que actualmente é a cadêa da cidade.

Cusset de hoje torna-se notavel, não só pela sua encantadora posição n'um fertil e pittoresco valle cercado de altas montanhas, como pela sua importancia commercial. Tem uma população de 6:279 almas, as ruas são estreitas, tortuosas e mal calçadas, e sombrio o aspecto da môr parte de suas casas.

Possue uma larga praça, onde se vê a Igreja de S. Saturnino, de estylo gothico, muito aceiada, notavel pelos vidros de cores de suas janellas, sinzelamentos e ornatos de madeira, e finalmente pela riqueza artistica dos paineis, que a adornam.

A Escola communal, o Tribunal de primeira instancia e a Bibliotheca popular, acham-se agrupados no mesmo edificio, separados porém entre si por um largo pateo quadrado, com uma frondoza arvore no centro. Dá entrada para o pateo uma larga porta flanqueada por duas columnas atticas de cantaria, embellezadas respectivamente na parte superior com um leão de pedra de tamanho quasi natural.

Tambem possue muitas fontes mineraes de origem artesiana, e um vasto estabelecimento de banhos — *Sainte-Marie* — cuja agua é fornecida pelas duas fontes — *Elisabeth* e *Sainte-Marie*. Estes banhos são muito frequentados durante a estação propria.

Ao sahir-se de *Cusset*, e tomando o caminho de *Lapalisse*, vê-se uma magnifica estrada que, ligando os

dois verdejantes valles por onde correm os ribeiros *Sichon* e *Jolan*, confluentes do *Allier*, conduz, meia hora de caminho, ao *Valle dos Malavaux*, outra excursão de *Vichy*, e d'elle distante seis kilometros.

É triste e feio o aspecto d'este valle. Arido e aspero pela sua esterilidade e pelas rochas, que guarnecem as suas margens, é desagradavel a impressão que nos causa ao vêl-o! Esta impressão, porém, desvanece-se como que por encanto, e o espirito se dilata satisfeito e contente, quando contempla as ferteis e risonhas planicies, que circumdam *Malavaux* até o *Valle de Allier*.

É assim que, pela lei eterna dos contrastes, as bellezas e o pittoresco d'esses arredores surgem de um modo surprehendente, e fazem a admiração e o pasmo dos infatigaveis *touristes*, e amadores de excursões.

Malavaux quer dizer — *Valle Maldito*. Ao contemplar, no meio de tantas galas da natureza, aquella solidão tão árida e triste, facilmente o espirito, ainda o menos preoccupado, se dispõe a dar credito ás lendas, e tetricas historias de amores criminosos e ás expiações dos templarios, que ali habitaram.

Ainda hoje os camponezes não se atrevem a passar de noite pelas alturas de *Malavaux*, porque se lhes afigura vêr surgir das campas as almas dos templarios, que andam penando as suas culpas.

Junto aos *Malavaux* ergue-se uma montanha, em cuja chapada se vêem as ruinas e os alicerces do castello dos templarios, tristes despojos de passadas grandezas.

Para irmos até lá, forçoso foi deixar a nossa carruagem n'um largo ajardinado, onde já se viam estacionados muitos outros vehiculos, e se admira um elegante pavilhão, cuja proprietaria, ainda nova e de maneiras gentis, serve aos visitantes refrescos, pastilhas e *sucre d'orge*.

Subimos com difficuldade um estreito e pedregoso caminho de cabras, ladeado á direita por uma cordilheira de altas montanhas de luxuriante vegetação, e em cuja base, por entre os meandros de seixos e plantas aquaticas, desce com ruido o ribeiro *Jolan* por sobre o seu estreito alveo de pedra, flanqueado de uma densa vegetação, até desaguar no *Allier;* á esquerda subimos por um terreno ora solto, ora firme e pedregoso, mas sempre arido e desigual, sustendo, pelas admiraveis leis da Statica, enormes rochedos, que parece se despenham sobre as nossas cabeças.

Chegámos á planura do monte, onde outr'ora se erguia o castello, convento ou habitação dos templarios, d'esses frades soldados, que se dedicaram á conquista de Jerusalem contra a occupação musulmana.

O panorama, que se desfructa d'aquelle cimo, é tão surprehendente, que bem compensa a fadiga da ascensão.

A vista, dominando uma ampla e larga zona do paiz, e relanceando por sitios tão romanescos, não se farta de gosar encantadoras quebradas, escuros valles, logarejos e casaes, como que semeados por entre a espessa ramagem das arvores em todos os tons de um ver-

de admiravel; e por fim, as altas e pardacentas montanhas de *Puy-de-Dôme*, que se divisam ao longe, servindo de fundo a este quadro surprehendente.

Na propria planura a curiosidade do visitante não fica ociosa, pois que á sua vista e observação se offerecem a *Fonte dos Sarracenos* — fio d'agua limpida — que nasce e corre por entre os rochedos; o *Poço do Diabo*, larga e profundissima escavação, que a tradição pretende fosse feita pelos templarios em busca de thesouros; cerca de cem passos, e já n'uma propriedade particular, cuja entrada custa um franco, uma *Cruz* de madeira, commemorando a scena tragica de uma rapariga, que preferiu a morte á deshonra e vergonha; aqui algumas *sepulturas* dos templarios, com as suas ossadas, formando esqueletos completos em bom estado de conservação; ali um pequeno *Restaurant*, onde a sua graciosa proprietaria ministra bons almoços de lagostins e trutas pescados nas aguas do *Jolan;* ao lado finalmente d'este estabelecimento, um pequeno *Museu*, em que se ostentam varios objectos, entre elles alguns de prata, encontrados nas escavações por ali effeituadas, os quaes, segundo a informação do *cicerone* do logar, remontam aos tempos dos romanos.

Este aprasivel passeio, que os meus amaveis companheiros tornaram mais deleitoso pelas suas affaveis maneiras, e conversação facil, variada e espirituosa, acabou sem incidente desagradavel, e ás cinco e meia horas da tarde estavamos á meza do hotel, rememoran-

do os encantos e as bellezas dos sitios, que haviamos percorrido.

No dia immediato, pelas seis horas da manhã, fomos á *Montanha Verde,* outra excursão distante apenas quatro kilometros de *Vichy*.

É um monte elevadissimo, e todo arborisado, cuja ascensão póde fazer-se commoda e agradavelmente em carruagem, por entre esplendidas galas de uma exuberante vegetação em todo o percurso da estrada até o alto, onde se encontra um elegante *Café-Restaurant,* fartamente fornecido de todas as qualidades de bebidas refrigerantes, e de bons almoços a toda a hora.

Da parte mais elevada d'esta montanha vêem-se emergir, de entre as matas de arvoredos, o *Valle do Allier*, e as cidades de *Vichy* e *Cusset,* que lhe ficam no sopé, ao longe a *Villa* de *Belvédère,* o *Rochedo* de *S. Vicente,* as altas e pardacentas cordilheiras de *Puy-de-Dôme* etc, etc. Soberba vista de surprehendente effeito!

Os passeios em *Vichy* são innumeros, como já tive occasião de dizer; porém mencionarei, por ultimo, o que dei no dia 30 a *Randan* e *Maulmont,* que demoram a dezeseis kilometros da cidade.

Randan, pequena villa, cabeça de concelho, com as suas 1:790 almas, torna-se muito notavel e visitada, em consequencia da rica e vastissima propriedade, que ali possue o *Duque de Montpensier,* sogro do actual rei de Hespanha D. Affonso XII.

Para se ir ali, transita-se por uma bella e larguis-

sima estrada que, na maior parte de sua extensão, corre por entre bosques de platanos, carvalhos, e frondozos olmeiros.

Uma extensa avenida conduz o visitante a uma gradaria de ferro, que dá entrada para um largo pateo de *honra*, plantado de arvores e arbustos, e ornado de flores, que perfumam o ambiente com os seus finos olores: é d'ali que se eleva o magnifico *Chateau* (Palacio de campo) de exterior feudal, com os commodos e confortos de uma habitação moderna.

Ha muito que vêr e admirar n'esta vasta e principesca habitação. Entra-se por uma galeria tapetada, e guarnecida de ambos os lados de quadros a oleo, que se diz serem do pincel da Princeza *Maria de Orleans;* depois seguem-se a sala do *Museu*, os quartos ricamente mobilados, a grande sala de recepção, de um luxo aziatico, a casa do bilhar, a sala de armas de todos os feitios, collocadas artisticamente, tendo suspenso do tecto um lustre feito de baionetas de uma forma engenhosa e artistica, servindo os punhos das mesmas para as velas; a sala de jantar decorada de arabescos de grande primor d'execução; e finalmente a capella do palacio, recommendavel pelos ornatos com que é enriquecida, sobresaíndo os vidros das tres janellas, em que se acham esculpidas a cores as tres figuras — *Fé*, *Esperança*, e *Eucharistia*, — executadas com todos os primores da arte.

Ostenta esta propriedade extensas aléas de frondosos arvoredos, uma rua de viçosas bananeiras ao ar

livre, coroadas de suas grandes e largas folhas verdes, outra de graciosas laranjeiras; lagos com as suas verdejantes ilhas; casinholas com aves de rara belleza; um bosque que dizem ter uma área de cinco mil hectares, e onde abunda muita caça de coelhos, lebres, etc, emfim, jardins maravilhosos, em que a arte realizou verdadeiros prodigios com a combinação das cores.

De volta para *Vichy*, íamos absortos com a sensação dos encantos da grande e opulenta herdade, e o cocheiro, tomando por um caminho diverso d'aquelle por que nos conduzira a *Randan*, fomos sahir a *Maulmont*, distante seis kilometros. Démos ali com um outro palacio, no estylo dos castellos da edade media, guarnecido de torres e ameias, elevando-se sobre as ruinas d'um antigo convento dos templarios, cujos porticos foram artisticamente aproveitados. Pertença do mesmo *Duque de Montpensier*, é o *rendez-vous* das caçadas, que se fazem nos bosques de *Randan*.

Do alto das torres d'este palacio acastellado gosa-se um lindo panorama, que o accidentado do paiz, combinado com as variegadas cores do terreno, realça de um modo poetico e encantador.

Na communa de *Vesse*, situada na margem esquerda do *Allier*, e distante da ponte de *Vichy* apenas meio kilometro, ha um fenomeno tão extraordinario, que a todos diverte e admira—é a *Fonte Intermitente*, assim denominada porque a sua agua ferruginosa só apparece á superficie tres vezes durante vinte e quatro ho-

ras. Um annuncio, affixado todos os dias no *Grande Estabelecimento* dos banhos, indica as horas do apparecimento d'aquelle raro e surprehendente fenomeno.

Uma grande ramada de trepadeiras, adornada em volta de sofás de madeira, circumda o terreno, em cujo centro está uma larga bacia de pedra de fórma circular — receptaculo cercado de uma gaiola de arames, de altura de dois metros — e do meio do qual se eleva um pequeno tubo com um diametro de dez centimetros pouco mais ou menos. Eis o apparelho do espectaculo hydraulico, a que ía assistir grande numero de espectadores pelas duas horas da tarde do dia 29 de setembro, mediante um franco de entrada por cabeça.

Pouco depois da hora indicada sentiu-se um pequeno ruido subterraneo, com soluções de continuidade, e momentos depois a agua já cobria todo o orificio do tubo. Começou de elevar-se pausada e gradualmente, e quando chegou á altura de um palmo, transformou-se n'uma branca espuma, que tomava, em virtude de repetidas jaculações, differentes fórmas, que se me affiguravam ora um penacho de plumas brancas, ora um cone similhando pão de assucar, ora finalmente uma grande tocha de cêra enfeitada de grossos e compridos pingos, caíndo sobre a bacia. Lindo e admiravel espectaculo!

Quando attingiu a dois metros de altura, começou de descer gradualmente, ostentando as mesmas caprichosas formas, em rendilhadas espumas, até que de todo desappareceu.

Das pessoas que, durante perto de duas horas, desfructaram aquelle estranho espectaculo, philosophavam uns ácerca da sua causa productora, contentava-se porém a maior parte em ser mera admiradora d'este *segredo da natureza*.

Duas importantissimas officinas — fontes inexgotaveis de riqueza para a cidade de *Vichy* — reclamam especial visita.

Ao sair da *Fonte Intermitente*, encaminhei-me para um grande *Estabelecimento*, situado em frente da *Praça das Thermas, Rua Lucas*, onde, além de uma extensa lavanderia de vapor ao serviço das duas casas de banhos, se vêem differentes machinas em salas destinadas á pastelaria, nas quaes se manipula a massa para as pastilhas e *sucre d'orge* de *Vichy*, e grandes reservatorios subterraneos, em que se cristalisam instantanea ou lentamente as aguas ali depositadas.

Para avaliar-se a importancia deste *Estabelecimento*, basta dizer, que a sua producção annual é de vinte e um milhões de pastilhas, que, encerradas em lindas cartonagens de differentes lotações, ali fabricadas, são exportadas para as cinco partes do mundo.

Outro *Estabelecimento*, não menos importante, é o em que se enfardam as garrafas, que teem de ser exportadas com as aguas mineraes de *Vichy* e de seus arredores.

Este immenso laboratorio, proximo á estação dos caminhos de ferro, é dividido em differentes officinas; aqui fabricam-se caixas de madeira apropriadas para

o transporte das aguas mineraes; ali adaptam-se as rolhas de cortiça; acolá engastam-se capsulas de estanho; e além finalmente arrumam-se as garrafas já cheias, para serem expedidas ao seu destino pela *gare*, que ha dentro do proprio estabelecimento. A exportação annual orça por uns quatro milhões de garrafas.

CARTA XXIX

Vae lindo o tempo, e corre rapido. Estamos a 5 de outubro, e nada até hoje de extraordinario veio alterar o viver ameno e uniforme de *Vichy*, que pouco a pouco se vae despovoando de seus numerosos hospedes.

As umbrosas arvores do velho *Parque* começam a ser despojadas de suas opulentas galas; as folhas, que ainda pendem, reflectem já o desbotamento que indica o começar do inverno; debaixo dos pés dos passeantes crepitam as folhas seccas, que alastram o chão, e as mimosas flores emurchecem, como emudeceram já no dia 30 de setembro os sons festivaes dos harmoniosos concertos do *Casino*. Alguns hoteis fecham se

á falta de hospedes, que voltam á vida prosaica e fastidiosa das cidades.

Melhorado dos meus soffrimentos, dispuz-me tambem a dar o adeus a *Vichy*, regressando a *Pariz* para assistir ás festas da distribuição dos premios aos differentes expositores *do Campo de Marte*.

Quiz o acaso que eu assistisse a uma eleição em *Vichy*. No domingo 6 de outubro, notava-se um movimento fóra do commum no largo da casa da camara, onde se viam grupos de populares.

Inquirida a causa d'essa insolita agitação, eu soube que era o dia da eleição camararia supplementar, para preenchimento de tres vagas no concelho municipal.

Entrei no *rez-de-chaussée* da *Mairie*, e, n'uma pequena sala, adornada de uma meza, tres cadeiras para o presidente e dois secretarios, duas urnas, e um busto de marmore representando a *Republica*, se effeituava aquelle acto da soberania popular.

A urna foi extraordinariamente concorrida, e n'ella entraram seis differentes exemplares de listas impressas, cada uma com tres nomes dos que se apresentaram aos suffragios, cujo escrutinio só ás quatro horas foi encerrado, triumphando uma das listas republicanas.

Aproveitando as restantes horas do dia para me despedir das pessoas com quem me relacionei aqui, dirigi-me á casa do sr. *Livet*, a receber as suas ordens.

Este cavalheiro, que tão benevolamente me tem acolhido, e de quem levo gratissimas recordações, teve a amabilidade de offertar-me dois exemplares de duas obras suas: — *Catalogue des documents relatifs à l'histoire de France, conservés aux Archives de la Torre do Tombo, à Lisbonne, par M. Charles Livet, Membre Correspondant de l'Academie des Sciences de Lisbonne;* e — *La Nouvelle Ecole Historique en Portugal* —; estas duas offertas foram acompanhadas de uma dedicatoria summamente lisongeira para mim.

Do meu medico o Dr. *Fardel*, recebi palavras da mais amavel cortezia, assim como de sua ex.ma esposa.

Preparei as malas para partir no comboio da manhã do dia immediato.

CARTA XXX

Regresso a Pariz

Ás nove horas da manhã do dia 7 achava-me na estação dos caminhos de ferro, acompanhado do sr. *Marret*, dono do hotel, e do sr. *Auguste*, interprete da casa. Abraçaram-me cordealmente dando a costumada bôa viagem. Bons homens! Excellentes caracteres!

Cinco minutos depois das nove dirigia eu a *Vichy*, e aos seus deleitosos arredores, o saudoso e ultimo adeus.....

Na carruagem, em que entrei, ía um rapaz suisso, que commigo se relacionára em *Vichy;* os outros companheiros eram desconhecidos, mas esta circumstancia não obstou a que travassemos familiaridade e boa companhia até o momento da nossa separação em *Saint-*

Germain-Les-Fossés, onde tivemos, os que seguiamos para *Pariz*, de mudar de trem.

O trajecto percorrido é o mesmo já succintamente descripto na minha ida para *Vichy*, com a differença, porém, de que o aspecto dos campos é já outro, menos bello, e despido da opulenta riqueza de folhagem, com que a primavera enflora a natureza campestre.

Cheguei a *Pariz* pelas cinco e meia horas da tarde, sem incidente algum, que mereça a pena de referir-se.

Ás oito horas da noite achava-me instalado no mesmo hotel, na *Rua Boursault* 48. Todos os aposentos estavam occupados por novos hospedes, com a excepção do quarto n.º 2.

A primeira visita, que fiz no dia seguinte, foi ao meu sympathico pintor, o sr. *Ternisien*, que ficou surprehendido ao ver-me entrar na sua officina de trabalho, por me julgar ainda em *Vichy*. Abraçámo-nos cordealmente.

— Quando chegou da sua jornada?

— Hontem pelas cinco horas da tarde, pouco mais ou menos.

— Então que resultado colheu das aguas, e que me diz de *Vichy*?

— Favoravel resultado, porque sinto-me bem disposto, e caminho a pé longas distancias sem me cançar. Quanto a *Vichy*, venho encantado, e trago gratissimas recordações do tempo que ali passei, que se deslisou com rapidez opposta ao meu desejo.

— Muito bem... comprehendo... segredos do co-

ração... boa fortuna... alguma feliz conquista. Não é assim? Tomára vel-o casado em França.

— Nada d'isso, meu caro.

— Ora! Para que ha de negar? Solteiro como é, nada mais natural do que ter-se agradado de alguma menina n'aquelle *rendez-vous* da elegancia e do bom tom, que se chama *Vichy*, onde de certo haveria por onde escolher.

— É certo que havia lá formosas cabeças, gentis raparigas, e sobre tudo muita amabilidade e maneiras seductoras, que são o segredo das francezas; mas na minha edade não se apaixona a gente com a facilidade que o amigo julga, e muito menos se pensa de leve no casamento.

— Tem rasão; é um passo muito serio que se dá na vida. A cruz é ás vezes pesada, e não lhe conheço outro Cyrenêo, que não seja ou o mutuo amor, ou então um profundo sentimento do dever.

Veio interromper esta conversação a chegada de *Madame Ternisien ao atelier*, a qual, ao ver-me, me estendeu cordealmente a mão.

— E' verdade, proseguiu Mr. *Ternisien*, esquecia-me que tinhamos de ajustar uma pequena conta. Mal pensava eu, que além de amador das bellas artes, é v... meu collega na arte. Porque me não disse que sabe desenhar?

— Pela simples rasão de não saber. Illudiram a sua boa fé. Quando andei no collegio ensinaram-me a copiar algumas cabeças, trabalho que eu já executava

com mais ou menos perfeição, mas isso não é saber desenhar. Não pego no lapis ha uns poucos de annos.

— Se me permitte, vae agora pegar no lapis, e peço que me deixe como lembrança um qualquer desenho seu.

Não tive receio algum de dar as minhas provas perante o mestre, e por isso me não fiz rogado; tracei uma cabeça, sombreei-a a traços ligeiros, e apresentei-a ao meu benevolo amigo, que me dispensou algumas palavras amaveis.

— Agora elle por elle: aqui tem o seu retrato prompto, e envernisado, me disse Mr. *Ternisien*.

Foi o que no nosso paiz se diz — *bilha de azeite por bilha de leite*.

O retrato é um trabalho ligeiro, um esboço de effeito; todas as pessoas, que o viram, acharam-no parecido commigo. Agradeci com palavras de reconhecimento a valiosa offerta do meu amigo.

Quando peguei afoitamente no lapis para desenhar em presença de Mr. *Ternisien*, considerei que me achava perante o mestre; e os mestres, em qualquer ramo do saber humano, costumam ser indulgentes, ora corrigindo as faltas ou desculpando os erros, ora encaminhando as tendencias e alentando o talento nascente com uma critica illustrada.

Só os homens de meia sciencia, odres de presumpção balofa, pseudo-criticos, que nunca produziram nada, nem cousa alguma engrandeceram com os the-

souros *occultos* do seu saber, esses sim é de quem se deve ter receio, porque o seu fito é demolir, o seu prazer desdenhar e o seu motor a inveja.

On dit quelque fois, qu'un demi-savoir est pire qu' une intière ignorance.

Outra vez em *Pariz*, apresentava-se ao meu espirito o problema de como empregaria os poucos dias, que podia demorar-me, de modo a conciliar o util com o aprazivel.

Eu já tinha visitado muitos dos principaes monumentos e estabelecimentos, que mais chamam a attenção dos forasteiros, o que não quer dizer, que não houvesse ainda muito que aprender, muito que admirar com outra e mais detida visita.

Não me propuz estudar as instituições, os costumes de *Pariz*, nem tão pouco me passou pela mente a vã pretensão de descrever com a devida proficiencia os seus monumentos e obras de arte: eu sou um viajante commum, um puro *touriste*, que passa por toda a parte, e tudo vê, sem em nada se fixar. Para não nos esquecermos, porém, depressa do que vimos, para podermos referir aos amigos as impressões recebidas, o melhor methodo é lançal-as todos os dias no papel. Isso faço e nada mais.

O tempo, com a sua marcha implacavel, corre-me mais veloz do que os meus desejos. Não posso fazer programma. Resolvi entregar-me ao acaso e á minha phantasia de momento.

Antes de almoçar, umas vezes ía ao pittoresco jar-

dim de *Saint-Lazare* ou ao *Parque Monceau*, outras transportava-me ao *Campos Elysios*, ao jardim do *Trocadero*, ou ao *Bosque de Bolonha*, para aspirar o seu ar puro, almoçar no seu lindo e poetico *restaurant*, passear nas suas avenidas e andar embarcado nos seus lagos, contemplando as suas verdejantes ilhas. *Passy* com os seus encantos, *Montmorency* com os seus amenissimos parques, com as suas graciosas casas de campo, e tantos passeios, que abundam nos arredores de *Pariz*, consumiam-me o tempo rapida e agradavelmente.

De dia passeava nos *boulevards*, quasi sempre acompanhado do meu amigo o Dr. Tavano, de cuja condescendencia me aproveitava. Ás vezes era o amavel pintor *Ternisien* quem me acompanhava aos museus, onde, com *olhos de ver* as cousas d'arte, me fazia notar os primores e as bellezas occultas aos profanos, e tambem alguns defeitos, os quaes provam que os mestres, a exemplo do bom *Homero*, dormitaram algumas vezes.

As noites eram consagradas aos theatros, aos cafés-concertos, aos botequins e finalmente ao *Skating-Rink*, vasta sala asphaltada, onde dezenas de patinadores de ambos os sexos, perante um concurso numeroso de espectadores, se entregam ao exercicio de correr sobre o asphalto com o auxilio de uns *patins*, com que fazem diversas e elegantes evoluções, ora tecendo curvas graciosas, ora escorregando em um pé ora no outro, devagar ou apressadamente ao longo da sala, umas vezes sós, outras formando grupos encantadores, em que se ostentam prodigios de equilibrio.

Além d'aquella sala, n'uma outra não menos extensa, que com ella fórma um angulo recto, vê-se no seu vertice um pequeno theatro, em que se representam pantomimas, e na extremidade d'ella um café bem servido.

Esta casa de recreio, situada na *Rua Blanche*, tem sempre grande concurso de gente todas as noites.

A *Casa da Bolsa*, que eu apenas tinha contemplado exteriormente, mereceu uma visita especial no dia 10 de outubro.

Começada a construir em 1808 pelo architecto *Brongniart*, que a não acabou, e só inaugurada a sua abertura em 1826, é um vasto parallelogrammo cercado de grossas e altas columnas de ordem corinthia, formando um peripterio com largas galerias, guarnecidas de cadeiras.

Do peristylo entra-se para uma vasta sala rectangular em arcadas sobrepostas, formando lojas e um primeiro andar, primorosamente pintada com figuras allegoricas, e alumiada do tecto por uma luz baça, que lhe dá sombrio aspecto. No fundo ha um recinto guarnecido de grades baixas em volta, onde se agrupa a enorme multidão, que povôa a sala, para jogos e cotação de fundos publicos, e operações commerciaes. Os pregões em altas vozes, a enorme algazarra capaz de ensurdecer, fazem suppor, que entramos n'uma casa de doidos. A um profano, que da galeria superior observasse esta estranha algazarra, e os movimentos rapidos e encontrados d'aquella enorme multidão, custaria

a comprehender como era possivel attentar-se nas transacções, e tomarem-se nas carteiras as notas indispensaveis!

A entrada por um franco, que outr'ora se pagava, foi abolida em novembro de 1861, sendo gratuita actualmente.

A *Capella Expiatoria,* mandada erigir por *Luiz XVIII* para commemorar o infeliz *Luiz XVI* e a desditosa rainha *Maria Antonietta,* é digna de visitar-se pela sua elegancia e simplicidade.

Na *Rua de Anjou-Saint-Honoré,* ergue-se esse monumento, com aspecto de um tumulo antigo, precedido de um viçoso jardim, tendo dos lados galerias, representando uma serie de tumulos de uniforme architectura.

Uma escadaria de pedra conduz a uma plata-forma, onde é a pequena *Capella,* apenas ornada de um frontão, ostentando no interior a forma de uma cruz, na extremidade de cujos braços estão dois grupos de estatuas em marmore branco, representando um a *Maria Antonietta* de joelhos, soltos os cabellos, amparada pela figura da *Religião;* o outro, a figura de *Luiz XVI,* sustido por um Anjo na mistica assumpção. Uma veneravel *Imagem de Christo,* em bronze, adorna o Altar, que fica no fundo.

Duas escadas, como que occultas por detraz d'esses dois primorosos monumentos, conduzem a um corredor subterraneo, onde fica a Sachristia e um Altar bem decorado.

Visitei esta mimosa Capella no dia 16 de outubro, anniversario da morte da *misera* e *mesquinha* rainha, que a onda revolucionaria, galgando os degráos do throno, precipitou nos degráos do cadafalso.

Um numeroso concurso de gente, na maior parte senhoras vestidas de preto, invadia a *Capella* em piedosa romaria..Quatro policias civis rondavam no pateo.

Por volta das tres horas da tarde atravessava eu pelo *Jardim das Tulherias*, quando senti sair de entre a multidão uma voz, que, em portuguez e em tom alto, chamava pelo meu nome. Voltando-me para o lado d'onde partia a voz, dei de rosto com um sujeito alto, de longas barbas pretas, trajando da mesma côr, e de braços abertos para mim. Não o reconheci á primeira vista, mas attentando melhor, grande e summamente agradavel foi a minha surpresa, quando reconheci o meu velho amigo e companheiro de casa nas lides do estudo em Coimbra! Era *Eugenio do Canto*, natural de *Ponta Delgada*, Ilha de S. Miguel! Abraçámo-nos affectuosamente...

—A que feliz acaso devo o ineffavel prazer de te vêr em *Pariz*, apoz vinte e tantos annos, que nos não viamos?

— Ah! meu caro, exclamou elle com voz tremula; vim a *Pariz* por causa do meu filhinho! Eil-o ahi nos braços da ama! Os medicos da minha terra foram de parecer, que não tinha cura uma impertinente molestia de figado, que soffre esta creança, irremissivelmente condemnada a morrer; e eu como pae, sempre espe-

rançoso, apellei da fatal sentença para as sumidades medicas de *Pariz;* a sentença infelizmente foi confirmada! Vê tu a que se sujeita um pobre pae, que não tem senão um unico filho, esperança e delicias suas, e que tem de resignar-se a vêl-o morrer sem remissão, só com a esperança no Ceu para suavisar a sua dôr! —

Aquella voz compungia; desviei por momentos os olhos para não vêr por mais tempo os seus, que se arrasavam de lagrimas.

Tentei balbuciar ainda algumas frazes de esperança para o consolar; elle porém abanou a cabeça em signal de descrença [1].

O filhinho, que teria uns dois annos ou pouco mais, estava ao colo de uma rapariga nova, que lhe servia de ama-secca, tinha o ventre extraordinariamente elevado, e a côr era de uma pallidez tirante ao amarello.

Conversámos em mil cousas ao mesmo tempo, como succede, quando decorre uma ausencia de vinte e tantos annos entre bons amigos.

Recordações do passado, a vida academica tão cheia de episodios, as saudades dos aureos dias da mocidade, as illusões perdidas, a maldade dos homens, e finalmente os cuidados da vida actual, foram assumptos de largo *cavaco*.

Em quanto que assim praticavamos, a nossa atten-

[1] Recebi no anno de 1879 uma commovente carta do Eugenio, participando-me a morte do filho.

ção teve de voltar-se para um grupo de mais de trinta estudantes uniformisados, que acabavam de entrar no Jardim, acompanhados de um padre com os seus habitos sacerdotaes, e a cabeça descoberta, por ter posto o chapeu sobre um banco.

Despiram os rapazes as jaquetas, e o padre, arregaçada a batina, collocou-os n'uma certa ordem. A um signal dado, começaram a correr, e o bom do padre, que era ainda novo, e por signal bem bonito, corria tambem, ora atraz de um, ora seguindo este, ora aquelle, e isto *coram populo* e n'um jardim publico!

Ao *Eugenio* e a mim causou-nos estranheza vêr um padre assim a correr. Aqui ninguem mais deu por isso. O acto em si era a cousa mais innocente d'este mundo, e entretanto impressionou-nos desagradavelmente pelo descostume.

Se fosse em Lisboa, em pleno passeio publico, á hora da concurrencia ou sem ella, que um padre se lembrasse de dar aquelle espectaculo, seria de certo coberto de vaias e apupado pela rapaziada *fina* e grossa, e assumpto para em estirados artigos entreter os leitores por uma semana ao menos. Aqui não succedeu nada d'isso. *Cada terra com seu uso.*

—Ha quatro dias cheguei a *Pariz* e pouco tenho visto, me disse elle; móro na *Avenida da Rainha Hortense,* onde teria muito gosto de te apresentar a minha mulher. Para o mez proximo conto estar em Portugal.

—A minha estada por cá de certo não passará dos

primeiros dias do futuro mez; a temperatura começa a baixar demasiadamente, é preciso procurar o nosso ninho que é mais temperado.

E assim nos despedimos, agradavelmente impressionados por tão feliz encontro, com promessa de nos tornarmos a vêr.

CARTA XXXI

As conferencias são frequentes em *Pariz*. Como meio de distracção, deleitam o espirito pela variedade dos assumptos; e como ensinamento e instrucção, podem ellas considerar-se escolas proficuas, onde o espirito tem sempre a ganhar. Ouve-se ali a voz potente e auctorisada dos homens de sciencia, que nos revelam os seus thesouros em alguma importante descoberta, ou na solução de algum problema social de interesse palpitante; escuta-se a palavra não menos auctorisada, mas sempre fluente, pittoresca e rendilhada d'esses cinzeladores, que se dedicam ao culto das bellas lettras, e nos deleitam com propositos uteis, elevando-nos a um tempo ás regiões do bello.

Estas conferencias, quer pagas ou gratuitas, são sempre muito concorridas de ouvintes de ambos os sexos, e é por isso, que não é raro verem-se homens do povo com intelligencia esclarecida.

Annunciada uma conferencia, n'uma das salas terreas do predio n.º 39, no *boulevard des Capucines,* na noite de 18 de outubro, ás oito e meia horas, regorgitava a sala de ouvintes de ambos os sexos. Achei-me tambem ali mediante dois francos, preço de entrada para os logares de primeira classe. Foi o assumpto da conferencia: — *O amor. Tem a mulher os mesmos direitos que o homem? A emancipação da mulher.*

A proposito d'estas materias, eminentemente sociaes e intimamente ligadas á familia, dissertou-se por espaço de uma hora, com tanto mais interesse dos ouvintes, quanto, n'estes tempos que vão correndo, o individualismo, rompendo com a tradicção e com o principio da auctoridade, põe em duvida muitos principios, que até aqui se tinham por bem assentes e dogmaticos.

A' hora prefixa entrou na sala Mr. *Achilles Poincelot,* de estatura regular, phisionomia sympathica, trajando, como é de rigor, casaca preta, e a indispensavel gravata branca, e calçando luvas côr de palha.

Os estreitos limites d'estas cartas, que devem ser de todo o ponto ligeiras, não podem comportar longas tiradas; por isso direi apenas a summula da conferencia, na qual Mr. *Poincelot* se houve satisfatoriamente, deleitando os ouvintes com o brilhantismo do seu estylo sempre facil e ameno.

Disse, que sendo universal a lei da attracção, cujos effeitos se manifestam por diversos modos na ordem physica, era essa mesma lei que, na esphera moral, toma, segundo o grau de intensão, os nomes de sympathia, amisade, e finalmente de amor, sentimento este tanto mais obscuro para uma definição, quanto mais claro e sensivel é para a alma e para o coração de quem o sente:

Que a mulher e o homem, obedecendo á imperiosa lei da attracção, affeiçoam-se mutuamente, e se procuram, obdecendo a uma affinidade reciproca:

Que as tendencias d'esses dois seres harmonicos são naturalmente diversas, embora igualmente uteis na esphera das respectivas aptidões, consagrando-se o homem ao labutar da vida externa e a todos os exercicios em harmonia com o seu espirito activo, a sua structura, educação e tendencias; ao passo que a mulher, como ser mimoso e timido, dotada porém de mais sensibilidade, mais propensa ao bello pelos seus instinctos artisticos, deve ser a providencia do lar, o sol que illumina e aquece o viver intimo da familia na sua doce e providencial occupação:

Que sendo a emancipação da mulher, segundo a *idéa nova*, a communhão d'ella em todos os direitos civis e politicos, a participação na igualdade absoluta de todos os misteres profissionaes, e de todas as relações externas, não podia elle prelector deixar de condemnar uma tal emancipação que, longe de elevar a mulher, a atira para as luctas d'onde a

sua dignidade, e por ventura o seu pudor podem saír lesados. Citando o exemplo das senhoras americanas, como ferventes apostolos da *idéa nova*, disse que esse mesmo facto, que não é geral, constituia uma excepção, que confirmava a verdade das suas asserções:

Que a mulher americana, pela influencia do meio em que vive, longe de considerar-se companheira e intima confidente do homem, é pelo contrario sua rival e emula, e pretende fazer-lhe concurrencia em todos os direitos civis e politicos, e em todas as profissões, em que o saber humano se manifesta.

Concluiu Mr. *Poincelot* a sua conferencia, exhortando a mulher franceza, em cuja illustração e bom senso confiava, a que não se deixassem influenciar por essas extravagantes theorias, que, para honra do bello sexo, tinham bem poucos adeptos.

O conferente foi muito applaudido com uma salva de palmas, e cumprimentado por alguns dos circumstantes.

Ao saír da conferencia, deu-se commigo um incidente, que muito me divertiu. Dois mancebos de vinte a vinte e cinco annos, ambos elegantes, sendo porém de côr preta e bem retinta a de um d'elles, saíam tambem da conferencia, conversando animadamente, e, ao verem-me, dirigiu-me, com toda a cortezia, o cavalheiro preto a palavra.

— Peço perdão, se o interrompo por um momento. V. é americano?

—Não tenho essa honra; sou africano, mas portuguez de nação. Em que posso ser-lhe prestavel?

—Peço-lhe mil perdões, foi um engano; ha individuos que muito se parecem; a sua figura e maneiras fizeram com que eu o tomasse por um patricio meu, que anda nos estudos superiores. Já eu tinha dito a este meu amigo, quando estavamos lá dentro, que viria procurar v... assim que saíssemos. Vejo que me enganei e renovo as minhas desculpas.

—Não tem de que desculpar-se, casos d'esses dão-se frequentes vezes.

—Que juizo formou v... da prelecção?

—Pareceu-me bôa; compartilho aquellas idéas, por se me afigurarem muito sensatas.

—Felicito-o por pensar d'este modo, respondeu o companheiro do meu interlocutor.

—Respeito a opinião de cada um, a minha, porém, retorquiu o outro voltando-se para o companheiro, não está em concordancia com a tua, e com a do conferente; quero a emancipação da mulher, por ser fundada na rasão; e justiça ha de fazer-se n'um futuro proximo; todos os argumentos do prelector, que aliás respeito, não passam de uns logares communs, filhos do egoismo e da educação, e mais nada. Os homens é que fizeram as leis a seu modo, o que me faz lembrar a historia do leão pintado e subjugado pelo homem. Queres que a mulher seja escrava e submettida a uma permanente tutela, que não tem rasão de ser?

—Oh homem de Deus! Desejei lá nunca similhante

cousa, mormente na culta França, onde a mulher tem individualidade propria, ampla liberdade, e se entrega já a muitas profissões e misteres uteis? O que porém não desejo, é a destruição dos laços da familia, é a anarchia domestica, é vêr a mulher eleita deputado, membro do conselho municipal, advogada, e que sei eu? e que, em vez de se entregar aos cuidados de sua casa, curar de seus filhos, vá para as praças publicas orar nos *meetings*. Quando raiar o dia, em que essa emancipação se dér, ficarão os homens sendo a ama secca dos *bébés?* Não é isso que tu queres? Ai! que bons que são esses senhores americanos!

— Mas nem todas as mulheres são casadas e teem filhos. Ora dize-me, não é o imposto a base para a elegibilidade e exercicio dos direitos politicos? Se as mulheres pagam, como os homens, pesados impostos em França, não é egoismo revoltante excluil-as do exercicio das funcções publicas? Se ellas teem os incommodos do dever, porque não hão de compartilhar as regalias do direito?

Em quanto assim discorriam os dois amigos, manejando a lingua franceza com a accentuação parisiense, e eu os escutava *mudo e quedo*, appareceu casualmente o Dr. Tavano, que ouviu parte da discussão, em que tão empenhados estavam os contendores, que, a essa hora, já repisavam os mesmos argumentos, e desciam ao facil campo das declamações.

Separámo-nos por fim, depois da troca de bilhetes, d'esses dois sympathicos moços, cheios de vida e de en-

thusiasmo. O que propugnava pelas franquias femininas, é Mr. *G. Manigat*, morador na *Rua de Bouloi* 13, director do Lyceu nacional *Port-au-Prince*, capital da ilha do *Haiti*, onde a lingua official é a franceza. Fez o seu curso em *Pariz* com grande aproveitamento, segundo as informações que nos deram.

A exposição Universal do campo de *Marte* e *do Trocadero*, como todas as cousas deste mundo sublunar, entrou na ultima phase da sua duração. As portas do templo, onde se admiraram as maravilhas das cinco partes do mundo, devem em breves dias ser encerradas com todo o luzimento e explendor; porque a bizarra cidade decretou, que houvesse tres dias de festas publicas para exprimir o seu agradecimento, e dar o adeus de despedida aos innumeros hospedes, que acudiram ao grande e incruento torneio travado no *Campo de Marte*.

Estas manifestações do contentamento e regosijo publico foram assim distribuidas: A festa popular para o domingo 20 de outubro — a festa dos expositores ou a distribuição de premios para o dia 21 — e finalmente para o dia 22 a festa official em *Versalhes*.

Na manhã do dia 20, ao abrir a janella do meu quarto, surprehendeu-me o aspecto da minha rua, cujas casas estavam adornadas com bandeiras, desde as aguas furtadas até as lojas: o que, porém, mais agradavelmente me impressionou, foi a fina e delicadissima lembrança da dona do hotel, de mandar collocar na minha janella uma haste, na qual tremulava a ban-

deira portugueza. Lembrança propria de uma franceza.

Veio buscar-me um amigo para irmos percorrer as ruas da cidade. As bandeiras de todas as nações, adornando os andares e lojas dos predios; as vistosas grinaldas entretecidas de buxo e flores, cruzando em curvas airosas as ruas; os elegantes tropheus com que se enfeitavam alguns edificios, tudo emfim dava á cidade um aspecto garrido e festival, similhando uma fragata de guerra toda empavezada.

A concurrencia de gente pelas ruas era espantosa; á porta dos camaroteiros dos theatros viam-se longas caudas de gente, á espera que lhe chegasse a vez de alcançar um bilhete, para os espectaculos gratuitos em todos os theatros e circos da cidade.

Os espectaculos de dia—*la matinée*—começavam meia hora depois do meio dia n'alguns theatros, e n'outros mais tarde, para reabrirem de noite as suas portas gratuitamente.

Excedeu, porém, tudo quanto a fantasia, a mais opulenta, póde conceber, a festa do dia 21 — a distribuição de premios aos expositores — effeituada no *Palacio da Industria* nos *Campos Elysios*. Era vistoso e pittoresco o aspecto da cidade com as variegadas cores das bandeiras, com o immenso concurso do povo, que se dirigia para um ponto determinado, com os milhares de vehiculos puxados por cavallos enfeitados de cores nacionaes, filas de individuos de ambos os sexos paradas nas estações dos omnibus aguardando, com impacien-

cia, o momento de se transportarem para o mesmo logar; emfim com uma enorme multidão, dirigindo-se para um ponto determinado: esse ponto fixo eram os *Campos Elysios*. O povo, o verdadeiro povo de *Pariz*, ou a pé ou na imperial dos omnibus e *tramways*, tomava tambem o mesmo rumo com a sua proverbial alegria.

Quando cheguei aos *Campos Elysios*, já a sua extensa avenida, desde o *Rond Point* até a *Praça da Concordia*, trasbordava com a multidão; mas onde ella se tornou verdadeiramente compacta, formando uma mó impenetravel, foi nas immediações do *Palacio da Industria!*

O enfeite exterior d'este edificio era mui simples e elegante. Dentro, porém, a vasta sala, em que iam ser galardoados os expositores das cinco partes do mundo, sobresaía com o brilho das bordaduras de ouro, do velludo e ricas tapeçarias *des Gobelins*, que guarneciam e decoravam as tribunas, melhor guarnecidas ainda com a graça e elegancia de *toilettes*, e esplendidos penteados, que emmolduravam formosos rostos femininos. Viam-se tambem o Marechal de *Mac-Mahon*, os presidentes das duas casas legislativas, os ministros da Republica, os membros do corpo diplomatico, o luzido concurso de principes estrangeiros, altos dignitarios, os commissarios de todas as secções da Exposição, e emfim todo o cortejo official, e os particulares, que tiveram a ventura de alcançar um bilhete de admissão. A sala estava na verdade deslumbrante!

Uma salva de artilharia, disparada do *Hotel dos Invalidos,* annunciou pela uma hora da tarde a abertura da festa, e o começo das ceremonias para a distribuição dos premios. Não me faço, porém, cargo de descrever aquelle ceremonial, durante o qual a orchestra tocou differentes peças de musica, sobresaindo a symphonia — *Oriente e Occidente* — do maestro *Saint-Saëns,* executada brilhantemente, ao desfilar dos laureados. Os discursos do Marechal Presidente da Republica, e do Ministro d'Agricultura e Commercio deram remate á festa official dos expositores.

Mas a festa civica, de que aquella era a consagração, estrondeava ruidosa e enthusiastica por toda a cidade, casando-se com os sons das musicas marciaes e das philarmonicas, os coros festivaes do povo, que enchia as ruas, sempre cordato e delicado no meio d'essas magestosas expansões.

A festa deste dia, que não era de nenhum partido, mas sim da França em honra de seus hospedes, foi digna d'ella e d'elles, e ficará indelevelmente gravada no animo de todos os que a gozaram.

As diversões da noite consistiram em luminarias deslumbrantes, sobresaindo no effeito as dos monumentos e edificios publicos e municipaes, além dos espectaculos em todos os theatros e circos da Capital.

O dia 22 amanheceu tempestuoso e feio, com frequentes aguaceiros, que duraram todo o dia. Era o terceiro consagrado ás festas offerecidas em *Versalhes,* séde do governo, pelo Marechal de *Mac-Mahon* e sua

esposa a *Duqueza de Magenta*. Os convites foram restritamente pessoaes, e no entanto elevou-se a vinte mil o numero dos convidados, entre os quaes fui contemplado pela benevolencia e delicadeza do nosso Ministro, o sr. Conselheiro Mendes Leal, inhibindo-me, porém, uma leve indisposição e o máo tempo, de assistir áquella luzida festa.

Na mesma sala, em que se fez a primeira conferencia, uma outra se annunciava para esta noite, sendo o seu assumpto:—*O Divorcio. Drama do sr. Antonio Ennes*. O nome de um compatriota, e amigo, aguçou em mim ainda mais, como era de razão, o desejo de assistir á referida conferencia.

Ás oito horas prefixas, deu entrada na sala e occupou a sua cadeira Mr. *Pagés de Noyez*, homem ainda novo, alto, ruivo e elegante.

Começou por dizer que o drama, que ia ler, e que tomára para texto de sua conferencia, fôra traduzido do portuguez pela distincta escriptora M.me *Rattazzi*, e representado no theatro *d'Aquila*, n'uma reunião intima de amigos. Comparando a mimosa producção do sr. Ennes com as composições de *M. Legouvé* e *M. Emile Augier* sobre o mesmo assumpto, disse que todos os tres escriptores visaram ao mesmo fim, mas por caminhos differentes; e que para não cançar o auditorio com extensas leituras, exporia em poucas palavras, por ser simples, o enredo d'esta peça. Entrando na sua critica, fez alguns reparos, affirmando que aquelle trabalho é filho antes de um poeta, do que de um dramaturgo.

Mostrou muitas bellezas que continha, encarecendo o talento do auctor.

Pediu, porém, permissão para ler todo o monologo final da peça, em que a protogonista procura no veneno a morte, como unico recurso para desaggravar a esposa offendida por um marido adultero, e salvaguardar a dignidade da mulher despresada. Esta tirada, tão bem escripta e tão commovente, despertou vivos applausos!

Fallando do divorcio, fez a sua apologia como unico meio de salvaguardar a dignidade do matrimonio. Examinando a situação legal e social dos esposos, a quem a lei só concede a separação do corpo, lamentou a posição d'esses desgraçados, que, no meio de seus concidadãos, não eram mais que dois párias da sociedade. E' triste e angustiosa, exclamou, a situação da mulher, ainda nova, que se separa do marido; n'essa idade, accessivel ainda ao sentimento do amor, com as suas doces e suaves aspirações, ou tem de suffocar pela propria dignidade esse doce enleio, ou de ser por elle vencida e supplantada. Em ambas as hypotheses, a lucta comsigo mesma deve ser dolorosa. No primeiro caso, o mundo com a sua hypocrisia finge respeitar-lhe a virtude, em que não crê; e no segundo, tornar-se-ha ella o alvo de olhares desdenhosos, de invejas pequeninas, e de asperas censuras, principalmente das que encobrem hypocritamente a sua traição com o inviolavel manto do matrimonio. Concluiu appellando para o restabelecimento do divorcio, unica solução possivel para

o caso de uma separação por motivos de honra, sevicias ou injurias graves.

O conferente fallou admiravelmente, mostrou muito talento e habilidade n'este difficil problema social, a que não faltam valentes impugnadores.

Voltei a minha casa cheio de satisfação, por vêr justamente festejado o incontestavel talento do nosso compatriota, a quem n'essa mesma noite escrevi, felicitando-o.

CARTA XXXII

As manhãs já são frias; ao dia de hontem, feio e carrancudo, succedeu o de hoje, 23, com a atmosphera de um azul transparente. Fui visitar a *Sainte-Chapelle,* situada na ilha da *Cité* ou de *S. Luiz,* já nossa conhecida.

A fachada d'esta Igreja recommenda-se pela sua belleza architectonica, pelo rendilhado da sua construcção, e sinzelamento da elegante flecha, que do mais alto do telhado se eleva trinta e tres metros!

Este notavel edificio, composto de duas capellas sobrepostas, conserva exteriormente tal unidade na sua admiravel structura, que se nos afigura uma só igreja.

De extraordinaria riqueza é o seu interior, cuja descripção difficilmente póde fazer-se em rapidos apanha-

mentos. Uma escada conduz internamente o visitante ao segundo andar, repositorio das santas reliquias, que *Luiz IX* trouxera da *Terra Santa*, segundo nos informou o *cicerone;* reliquias, porém, que não lográmos vêr, pela simples razão de não estarem lá, por causa de obras no sanctuario.

Nunca vi cousa mais elegante, nem mais rica e pomposa, como todo o interior d'esta capella, cujas partes componentes, sem excepção de uma só, ostentam dourados e illuminuras tão bellas, que o espirito fica como que fatigado de tantas maravilhas; e para cumulo d'estas magnificencias, até os vidros das janellas, de uma altura extraordinaria, parecem feitos de pedras preciosas! Taes eram o brilho, a viveza e a transparencia de suas variegadas côres!

Por uma porta do andar superior d'esta maravilha de pedra, vae-se dar direito ao vestibulo do *Grande Palacio da Justiça*. Entrei ali.

Constitue este monumento, que encerra em si todas as instancias, em que se divide a justiça franceza, um vasto quadrilatero de largas e extensas galerias.

Tomando pelo corredor, que me ficava em frente, reparei que á esquerda havia uma especie de balcão, com armarios ornados de cabides, em que se viam penduradas vestes pretas, e ali duas gentis raparigas, que cortejavam graciosamente os advogados que passavam. Um rapaz, que depois me disseram chamar-se *M. Maillart*, entrou dentro de um dos taes compartimentos, e d'ali saíu com os trajes de advogado, que consistem

n'uma farta e comprida toga preta, com os seus *bacalháos brancos*, de largas mangas franzidas nos hombros, e guarnecida de pequenos botões de seda até abaixo, á maneira de uma batina; por baixo d'esta, calças pretas, na cabeça um bonet da mesma côr, alto e da fórma de um polyedro, adornado de uma fita de velludo preto; e finalmente uma pasta de carneira preta debaixo do braço. Eis o uniforme do advogado, que, á primeira vista, dir-se-ía um academico de Coimbra com o seu gorro levantado.

Estes advogados são os que pleiteiam na primeira instancia, trajando os dos tribunaes superiores do mesmo modo, com a differença, porém, que as togas são orladas de arminhos pela frente. Os juizes trazem um bonet quasi do mesmo feitio, ornado, porém, de galão de prata. Tanto os juizes, como os advogados, estão cobertos durante a audiencia.

Este immenso palacio, que não escapou ao furor destruidor dos communalistas, é formado, repito, de galerias que se conhecem por differentes nomes, sobresaindo a *des Pas-Perdus* (passos perdidos?), em arcarias, ornada de um monumento de marmore de *Carrara*, levantado á memoria do corajoso defensor de Luiz XVI—*Malesherbes*—representando-o de pé em face da Assembléa revolucionaria, com as suas vestes de magistrado. O pedestal d'este lindo monumento está enriquecido de baixos-relevos, onde se vê o desditoso monarcha na sua prisão, e em presença d'elle os seus tres advogados, —*Malesherbes*, *Deseze* e *Tronchet*.

Uma soberba escada de marmore branco conduz ás galerias superiores, que dão communicações para as tres salas da *Cour de Cassation* (Supremo Tribunal); duas da *Cour d'Appel* (Relação); duas da *Cour d'Assises* (Tribunal Criminal); e finalmente para onze salas do *Tribunal de Primeira Instancia*, sendo quatro d'estas reservadas para as *Policias Correccionaes*.

As salas dos tribunaes superiores resplandecem pelo luxo e magnificencia de suas decorações, e pelo inexcedivel aceio, que respiram. A imagem crucificada de Nosso Senhor JESU-CRISTO, é o unico painel, que adorna os tribunaes francezes, pendente do alto e perpendicular á cadeira da presidencia.

Entrámos n'uma das salas de *Policia Correccional*, onde estavam sendo julgados trinta e nove internacionalistas, contando-se entre elles tres senhoras, pelo crime de desobediencia e resistencia formal ao mandado da auctoridade administrativa, que não permettia, celebrassem as suas sessões publicamente.

A casa da audiencia, que não era muito grande, estava cheia de espectadores, todos sentados; viam-se nas bancadas respectivas doze advogados, uns attentos para o ministerio publico que fallava, e outros tomando apontamentos; nas suas respectivas cathedras, collocadas em frente, tres juizes; e ao lado direito d'elles, e em frente dos advogados, o ministerio publico ou o procurador da Republica, de pé, com a cabeça descoberta, orando; e finalmente os officiaes de justiça com seus uniformes pretos e respectivos *bacalháos* brancos.

Como se sabe, o julgamento em França é sempre collectivo em todas as instancias, e por isso eram tres os juizes, que assistiam á audiencia. A oração do ministerio publico foi longa, cortada de extensas leituras de cartas. Accusou com vehemencia, condemnou as doutrinas internacionalistas como funestas e prejudiciaes á sociedade, concluindo por pedir a condemnação de todos os réus, segundo o gráo de suas culpabilidades.

Era já muito tarde, quando a defeza se fez ouvir pela bôca de um advogado ainda joven. Fallou com calor, palavra facil e voz sonora; negou formalmente, que fossem prejudiciaes as doutrinas internacionalistas, affirmou serem ellas theses discutiveis, assumpto de uma philosophia especulativa, que só póde ser combatida no campo da discussão, contrapondo-se-lhe outra theoria, e nunca a força da auctoridade, que não convence, e que n'este caso era um acto de despotismo. Eram já cinco horas da tarde quando abandonei, a meu pesar, a audiencia e o orador, que se esforçava por cobrir com a sua eloquencia os clientes confiados á sua defeza.

Soube então pelos jornaes, que a audiencia continuou no dia immediato, orando varios advogados, sobresaíndo o eloquente discurso de *M. Maillard* (filho), advogado muito distincto n'este auditorio. Foram, porém, baldados tão denodados esforços. A accusação triumphou, e todos os réos foram condemnados a prisão e multas correspondentes.

Uma interessantissima conferencia, que se recommendava não só pelo assumpto, senão tambem pela reputação europêa do conferente, attraíu-me á mesma sala das prelecções anteriores, no dia 26 de outubro pelas oito horas da noite.

A larga sala estava apinhada de gente, tornando-se pequena para tamanha concurrencia. O conferente era Mr. *Camille Flammarion*, distincto astronomo francez.

A sua conversação, toda scientifica, versou á cerca dos seguintes pontos: — *O vulcão na lua. Mudanças que actualmente se notam na lua. Atmosphera lunar. Os habitantes da lua. Progressos á cerca das investigações telescopicas, e da distancia que nos separa da lua. Paizagens lunares vistas pelo telescopio, e photographias.*

Este enunciado, só por si, já é um incentivo á curiosidade dos profanos. E em quanto os leitores meditam em cada uma d'aquellas proposições, aproveitarei o ensejo para mostrar a sala.

Uma meza no fundo, e em cima d'ella alguns instrumentos, tinteiro, pennas, papel, um copo de agua e um assucareiro; por de traz da cadeira do conferente, uma tela branca de dois metros de altura sobre um e meio de largo, forrando a parede; em frente d'elle e a distancia rasoavel, uma machina mui similhante á dos photographos: eis o que continha a sala, onde, pelas oito e meia horas, estando a assemblea já impaciente, entrou o conferente, cuja presença causou um borborinho de alegria, seguido do silencio mais profundo.

Mediano em altura, moreno, barba preta e crescida, farto o cabello de azeviche, um todo sympathico, eis o sr. *Flammarion*.

Pondo de lado a parte theorica da prelecção, que as minhas minguadas forças, certamente, não poderiam reproduzir, e em que fallou da lua, e das suas relações com a terra, entremos na parte pratica. Fazendo previamente apagar os bicos do gaz, que illuminava a sala, esta não ficou todavia mergulhada na escuridão, pois que a luz projectada da machina, envolvia-a n'uma escassa claridade ou leve penumbra.

Por meio de um reflector vimos successivamente quarenta e tantas vistas photographicas, projectadas sobre a tela branca, a que já me referi. Eis que nos apparece a lua plena, occupando quasi todo o ambito do panno, serena, mas scintillante em todo o seu esplendor, como se fosse a lua natural; com a differença, porém, de que as suas manchas transformaram-se em áridos rochedos de pittorescos recortes, em profundos valles, em largas cavernas ou furnas, cujas sombras indicavam a sua immensa profundidade. Aqui cratéras já extinctas, ali lagos, e acolá, emfim, cordilheiras de montanhas, e rochas penhascosas! Todas as partes, componentes d'aquelle mundo, o sr. *Flammarion* designava-as pelos nomes, que os astronomos lhes pozeram, explicando tudo com summa minuciosidade. Vimos depois o astro lunar n'outras das suas fazes, e successivamente as montanhas, vales, mares, etc. Por fim, ficámos maravilhados com a vista final de um vulcão em

estado de actividade, vomitando lavas de um effeito surprehendente!

Affirmou que a atmosphera, que se suppunha extincta n'aquelle *seleneano* mundo, existe de facto, em vista d'esta nova descoberta, devido ao auxilio do telescopio aperfeiçoado: que a atmosphera suppõe vida, sendo a theoria pois da *habitabilidade* da lua uma verdade incontestavel: que a chimera de hontem se converteu na possibilidade de hoje, a qual a sciencia mudará na realidade de amanhã!

O prelector foi saudado com calorosos applausos no fim da conferencia, que foi a de que mais gostei; porque a evidencia dos factos leva o convencimento aos espiritos mais rebeldes.

O *Theatro de Odeon*, sito nas proximidades de *Luxembourg*, merece que lhe consagremos algumas linhas, por ser, na ordem de cathegoria, a segunda casa de espectaculos de *Pariz*. Representa este theatro um parallelogrammo, cuja fachada principal, precedida de alguns degráos, é ornada de um portico de columnatas de ordem dorica, de largas galerias em arcadas, onde se acham estabelecidas bôas livrarias e se vendem jornaes.

O interior é todo dourado; tem balcão em volta, duas ordens de camarotes e as torrinhas. As cadeiras da platéa são tapetadas de velludo carmezim, e offerecem bom commodo. Não ha orchestra, e são muito curtos os intervallos. Este theatro é subvencionado com sessenta mil francos annuaes; é theatro escóla, d'onde

saem actores para o *Theatro Francez*, onde representa a eminente actriz *Sarah Bernard*.

Foi na companhia do Dr. Tavano, que, no dia 27, assisti ali a uma *matinée* pela uma hora da tarde. Representavam-se *Les femmes savantes*, de *Molière*, e *Le Legataire Universel*, de *Regnard*. A execução d'estes dois dramas, em cinco actos, escriptos em verso, foi excellente, merecendo em cada acto muitos applausos.

Na volta do theatro, que acabou ás cinco horas, chovia copiosamente, motivo porque, e a convite do meu companheiro, fomos para sua casa, já nossa conhecida, na *Rua Soufflot*, e ahi, no convivio intimo de sua amavel familia, passámos o serão.

As representações da *Grande Opera* tem tido enchentes sobre enchentes; para poder obter-se um logar, era mistér inscrever-se a gente com antecipação de um mez, ou então compral-o por preço fabuloso aos *atravessadores*. Os duzentos bilhetes que o governo, segundo me informaram, mandava distribuir em cada domingo gratuitamente, afim de que podessem os estrangeiros visitar, de dia, o sumptuoso edificio, esses mesmos bilhetes eram empolgados pelos taes *atravessadores*, que depois os iam vender por altos preços, segundo a força da procura.

Para haver os taes bilhetes, era preciso termos a coragem de nos metter na fila ou cauda, e esperar duas ou mais horas, a pé quedo, pela sua distribuição. Eis o motivo porque os estrangeiros ficavam sempre *codi-*

lhados, e illudidas a liberalidade e as benevolas vistas do governo.

Um dia, emfim, resolvi-me, por assim me haverem aconselhado, a solicitar superiormente a licença para vêr a *Opera* de dia: e eis que em o 1.º de novembro, vespera da minha partida de *Pariz*, recebo em minha casa uma carta, que conservo, enviada por Mr. *Eugène de Lasalle, Adjunto ao Gabinete do Ministro de Instrucção Publica, dos Cultos e das Bellas-Artes*, acompanhada de uma auctorisação para visitar aquella sumptuosa casa de espectaculo, das quatro ás seis da tarde, podendo levar commigo duas pessoas. Note-se que, entre o pedido e a concessão, mediaram pouco menos de vinte e quatro horas!! Exemplo para as nossas secretarias de estado.

Na manhã d'esse dia, depois de feitos os aprestos para a minha partida, fui á nossa Legação despedir-me e receber as ordens do nosso Ministro, e visar o meu passaporte; ao *atelier* do amavel pintor o sr. *Ternisien;* ás casas de pessoas com quem me relacionei, e por fim á habitação do meu velho amigo o Dr. Tavano. Achava-se ali um compatriota nosso, o sr. Moreira, negociante no Rio de Janeiro, que manifestou o desejo de me acompanhar a vêr o edificio da *Grande Opera*, que não tinha ainda visitado.

Pouco depois das quatro horas da tarde, um dos empregados do theatro abria-nos a porta posterior d'aquella casa de espectaculo, cuja descripção difficilmente se póde esboçar. Uma interjeição de admiração

e de pasmo é o modo unico de exprimir a impressão que senti, d'este maravilhoso monumento, sublime concepção, que, a despeito de alguns defeitos, que os criticos lhe notam, faz a gloria do architecto que o dirigiu, e da nação que despendeu sessenta e cinco milhões de francos para o edificar!

A *Grande Opera* deslumbra pelo esplendôr, luxo e riquezas de seus ornatos, e pela belleza dos marmores de cores, que lhe dão o mais lindo e pittoresco aspecto.

Visitámos o palco, a platéa, os camarins dos cantores e o seu *Foyer* (salão); admirámos os larguissimos corredores com o pavimento de lindos arabescos em mosaico; a belleza dos camarotes forrados de seda vermelha lavrada, a magnifica sala de dansa, onde se vê o maior espelho que se conhece; o *Grande Salão* do publico, de extraordinaria riqueza e por ventura de excessiva ornamentação, adornado de estatuas douradas e soberbas pinturas; e finalmente, como fazem os pyrotechnicos que reservam para o fim a peça de maior effeito, assim o nosso guia reservou tambem para o fim a GRANDE ESCADA, que merece escrever-se com todas as lettras grandes. Esplendida e gigantesca creação do genio, eu te saudo!

Do fino marmore branco de *Serravezza* são os degráos da escada, que é guarnecida por uma balaustrada de *Onix*, cujos balaustres, de marmore vermelho, assentam em bases de marmore verde da *Suecia*. No lanço central, que vae dar ao primeiro patamar, desperta a nos-

sa attenção uma monumental entrada de precioso marmore, ornada de duas *cariatydes* de bronze — a *Comedia* e a *Tragedia* —, vendo-se de todos os lados admiraveis grupos de figuras em marmore, e por fim as altas e inteiriças columnas de marmore, sustentando as archivoltas das arcadas do tecto, perfeita abóbada ornada de soberbas pinturas!

Quando tivemos que abandonar aquellas grandezas e esplendôres vistos á luz do dia, prometti a mim mesmo contemplal-os á luz do gaz; e assim foi que, n'um estanco proximo, onde por vezes me offereceram bilhetes por preços fabulosos, pude obter uma cadeira de amphitheatro por trinta francos, quando ellas custam quinze.

A' noite occupava a minha cadeira, para vêr e ouvir cantar em francez o *Polyeucte* do maestro francez *Gounod*. Que mais poderei dizer do brilho, da riqueza e sumptuosidade da casa á luz dos trezentos e quarenta bicos de gaz, que guarnecem o magnifico lustre?

As cadeiras são de velludo carmezim; mas como não ha bella sem *senão*, notei que os intervallos entre as filas de cadeiras são tão estreitos e acanhados, que não póde transitar-se sem grande incommodo. Ah! Mercantilismo!

A peça de *Gounod*, cujas decorações, e cujos vestuarios, bailado, e o scenario, emfim, eram esplendidos, não teve vozes que bem interpretassem aquella partitura, que os entendidos dizem ser de subido merito. A companhia era mediocre; confesso que, no meio de tantas

grandezas, tive saudades das noites do nosso excellente theatro de S. Carlos.

De volta para casa, depois do espectaculo, senti-me triste. Começava o pungir da saudade por tudo isto, que em breves horas tinha de abandonar.

Quem uma vez respirou o balsamico ar d'esta hygienica cidade, bebeu a sua limpida agua[1], e experimentou o trato affavel d'este povo, não póde deixar *Pariz* sem viva saudade.

Levo gratissimas recordações de seus habitantes, pelas innumeras finezas que me prodigalisaram.

Que direi eu dos costumes d'esta gente? As apparencias podem illudir-me, e não era de certo em pouco mais de dois mezes, que me habilitava a formar um juizo seguro á cerca da moralidade d'esta nova Babilonia.

Pariz não é a devassa *Messalina*, nem a casta *Suzana* biblica. A vida dos *boulevards*, dos cafés, da *Mabile*, etc., não é o viver honesto e intimo das familias. Das poucas com quem aqui me relacionei, gostei muito do seu trato caseiro, aceio, gosto e da alegria honesta do seu viver.

A mulher aqui trabalha muito; é intelligente, tem graça e espirito no fallar; a sua conversação é facil e

[1] Ninguem bebe hoje a detestavel agua do Sena. A cidade é abastecida pela agua de *La Dhuis*, rio de *Chateau Tierry*, affluente do *Marne;* e pela agua da cidade de *La Vannes*, onde ha uma escola hydrographica.

perfumada de delicadeza. Veste-se com a simples elegancia, que só dá o bom gosto, preferindo sempre cores sombrias ás toilettes espaventosas, que lhe inspiram o mais profundo desdem. Usa na rua o vestido sempre apanhado, por economia e aceio; os vestidos de cauda foram feitos para as salas; arrastal-os pelas ruas, á maneira de lambaz, só póde servir para enxugar a lama dos passeios e dar documento de pouco aceio e mau gosto.

Vi aqui pobreza; mas a miseria andrajosa não existe em *Pariz;* pelo menos não se vê.

Eis do que posso dar testemunho no curto espaço de tempo, que aqui vivi.

CARTA XXXIII

Saída de Pariz

Alvorecia lindo e esplendido o dia 2 de novembro, mas o thermometro marcava quatro gráos, que era a temperatura minima de *Pariz* pelas seis horas da manhã, quando me levantei para ultimar os meus aprestos para a partida.

Muito proximo de minha casa, rua *La Condamine* 88, ha um gabinete de leitura, que eu frequentava, e onde se vendem os jornaes; para ahi me encaminhei com o fim de munir-me d'alguns, e a um tempo despedir-me de Mr. *Guillossou*, dono do estabelecimento, da sua gentil e amabillissima esposa, da sua sogra e do seu joven e sympathico filho, alumno do *Collegio Chaptal*, familia que sempre me acolheu com a maior benevolencia e estima. Convidou-me a tomar uma cha-

vena de café antes da minha partida, convite a que accedi da melhor vontade, attenta a amabilidade d'essa boa gente, de quem levo gratas recordações.

Ás oito horas e meia já ía eu caminho da *Gare de Orleans*. Mui de industria preferi o comboio ordinario ao expresso, pela unica razão de poder vêr e gozar mais demoradamente o tracto de terreno, que ía percorrer.

Escolhida a carruagem, que felizmente tinha só dois passageiros, sentei-me junto á portinhola, com as costas voltadas para a maquina, para assim me preservar da poeira e do pó do carvão, e puz commodamente os pés sobre *la Chaufferette* (esquentador), conforto que ha em todas as carruagens. Assim disposto a vêr e desfructar a zona do paiz, que em breve tinha de desdobrar-se aos meus olhos, ás nove horas e dez minutos ouvi o signal da partida, e o silvo da locomotiva indicou que já iamos caminho de *Bordeus;* e.....

ADEUS PARIZ!

Passadas as fortificações da cidade, avistámos a encantadora Villa *d'Ivry*, sitio verdadeiramente lindo, e que nos traz á memoria a célebre actriz franceza M.elle *Contat*, que ia ali descançar das fadigas da scena, onde contava os seus triumphos pelas noites de recitas, para voltar a colher novas e estrondozas ovações. É uma pequena *Communa*, que se estende graciosa n'uma planicie, elevando-se gradualmente sobre uma colina. Da direita e da esquerda do caminho avistam-

se muitas povoações, cujos aspectos já se resentem das tristezas do proximo inverno; parte dos arvoredos começam a despir-se das galas com que abrilhantaram as festas da primavera.

As notas da minha carteira accusam successivamente as seguintes estações:

Etamps. O aspecto do paiz é lindo e plano, adornado de denso arvoredo, d'onde avultam algumas casas brancas situadas n'uma baixa.

Toury. A paizagem a mesma, e o aspecto do paiz apresenta, aqui e ali, uma feição morbida com o cahir das folhas e a côr requeimada das hastes dos arvoredos.

Aubrais. — Tivemos aqui uma demora de vinte minutos. Os passageiros, que se dirigem a *Orleans*, separam-se n'esta estação, onde o movimento é grande.

Meung. — Bonita estação. A directriz affasta-se do rio *Loire*, que se deixa vêr a distancia com as suas pittorescas ilhas.

Beaugency. — Avista-se a maxima parte da cidade, graciosamente reclinada n'uma encosta na margem direita do *Loire*, e cuja fundação data do IX seculo. No interior divisam-se ainda muralhas derrocadas, que, me disseram, romontam aos tempos gaulezes e romanos.

Mer. — Formosa paizagem! Que opulenta vegetação! Avante; o caminho de ferro é inexoravel na sua marcha. O que tem elle com a poesia dos sitios e com as galas da natureza!

Blois. — Esta estação, situada em grande altura, do-

mina a cidade, que parece como que passar em continencia em frente da nossa carruagem, deixando observar suas extensas ruas arborisadas, e um magestoso Templo, que se eleva no alto de uma colina. O *Loire*, com as suas largas voltas, com as suas lindas margens, continúa a deixar-se admirar.

Onzain.—Alguns minutos de demora deixaram-nos contemplar uma bella avenida de salgueiraes, em toda a extensão desde a *gare* até a villa. Do alto d'um monte, que fica na margem esquerda do *Loire*, vê-se o *Palacio Chaumont*, que se destaca no meio do seu frondozo parque.

Amboise.—Vê-se situada na margem esquerda do *Loire;* uma parte d'esta cidade, de notaveis tradições, antiguamente celeiro dos romanos, d'onde *Cesar* pedia todos os dias pão aos francezes:— *Cesar gallos fromentum quotidie flagitabat.* No cimo do seu monte destaca-se o celebre *Castello*, cuja fundação é attribuida áquelle imperador romano, e que depois de reedificado por Carlos VII de França, que o fortificou, serviu de residencia á rainha *Carlota de Saboya*, mulher de *Luiz* XI. Mais tarde, 1847, foi prisão do famoso e valente capitão *Abd-el-Kader*,[1] solto em 1852 pelo então pre-

[1] Foi *Emir* em Argel, onde começou em 1832 a prégar a guerra santa contra os francezes, invasores da sua patria, e contra quem batalhou por espaço de quinze annos, até que, vencido pelo general *Lamorcière*, se rendeu em 1847. Recobrada a liberdade, e tornado tão reconhecido aos francezes, como d'elles

sidente da Republica, acclamada em 1848, *Luiz Napoleão Bonaparte*[2]. *Amboise* foi theatro dos tragicos acontecimentos do XVI seculo, tornando-se célebre pela conspiração dos *Huguenotes* em 1560 contra *Francisco* II, *Catharina de Medices*, e os *Guises*.

Tour. — Esta estação é enorme; o serviço de *buffete*

leal amigo, fixou o *Emir* a sua residencia em *Damasco*, onde prestou relevantes serviços aos christãos. Segundo o dizer dos jornaes, que publicaram a sua nechrologia, falleceu em 7 de novembro de 1879 aos 72 annos de edade, pois que nascêra em 1807. As correspondencias, porém, vindas ultimamente da *Syria*, referindo-se á noticia da morte do *Abd-el-Kader*, espalhada pela Europa, dizem que o Emir, apezar dos seus 75 annos, goza bôa saude, anda lesto e direito como se fora um rapaz de 20 annos, entregando-se ás suas explorações agricolas nas cercanias do *Damasco*.

Escreveu uma obra intitulada: — *Rappel á l'intelligent, avis á l'indifferent* (traducção franceza em 8.º por M. Dugat 1858) cujo original se acha na Bibliotheca Nacional de *Pariz*. O Emir é condecorado com a Gran-Cruz da Legião de Honra.

[2] Carlos Luiz Napoleão Bonaparte, nasceu a 20 de Abril de 1808. Foi eleito Presidente da Republica em 20 de Dezembro de 1848, e Imperador hereditario dos francezes em 21 e 22 de novembro de 1852, sendo acclamado em 2 de dezembro de 1852.

Vencido na batalha de *Sedan*, e prisioneiro do Imperador da Allemanha em 2 de setembro de 1870, foi deposto pela Assembléa Nacional, reunida em Bordeus em 28 de fevereiro de 1871. Protestou contra este acto em 6 de março de 1871 na sua residencia em Chiselhurst (Inglaterra), onde falleceu em 9 de janeiro de 1873.

satisfaz aos mais exigentes em materia culinaria, sendo grande o seu movimento. Novos passageiros entram na nossa carruagem.

Sainte-Maure.—Pequena demora. O aspecto do paiz attráe pelo accidentado do terreno. Um lindo valle é atravessado por um elegante e extenso viaducto ornado de muitos arcos.

Port-De-Piles, Les Ormes, Chatelleraut, Poitiers, Angouleme, foram as estações, que ainda pude apontar na minha carteira. Quando o comboio abicou em *Angouleme*, eram quasi seis horas da tarde, obstando a escuridão da noite, a que eu podesse vêr o aspecto do paiz e consignar os nomes das estações, que se seguiram até *Bordeus*.

Depois—effeito do natural cansaço—começou de assaltar-me o somno, que não podia afugentar a conversação alegre e animada dos meus companheiros, os quaes por fim tambem tiveram que capitular, reinando na carruagem o silencio, que só de quando em quando era interrompido pelo resonar d'alguns, até que chegámos a uma das estações de Bordeus — *Gare de la Bastide* — situada na margem direita do *Garonne*, pelas onze horas menos um quarto da noite, com o percurso de 578 kilometros em quasi quatorze horas.

CARTA XXXIV

Em Bordeus

É grande a estação e a *Gare de la Bastide*, e enorme o seu movimento. Chovia copiosamente quando saltei da carruagem, e me vi cercado por uma alluvião de homens, que offereciam hoteis com uma impertinencia, que chegava a incommodar.

Cançado da jornada, e apertado pelas exigencias imperiosas do estomago, annuí á proposta do primeiro que se poz á minha beira, acceitando o seu hotel, com tenção de me mudar no dia immediato, se me não agradasse. [1]

[1] Voltei a *Bordeus* no anno immediato, 1879, a bordo do *Niger*, e alojei-me no *Grande Hotel de Richelieu* na *Cours de l'Intendance*, um dos primeiros, se não o primeiro hotel da cidade, onde

Desembaraçadas as minhas malas, que não foram revistadas, e postas convenientemente no vehiculo, este tomou pela ponte; vinte minutos depois parava na rua *Gouvion,* em frente do *Hotel du Pacifique* 27.

Uma creada velha, surda como uma porta, muito falladora e cumprimenteira, veio receber-me.

— Ha algum quarto disponivel para um hospede? lhe perguntou o cocheiro.

— Queira ter a bondade de entrar, disse ella dirigindo-se a mim, que a esse tempo já me encaminhava para o vestibulo do hotel, dando-lhe as boas noites.

o passadio é caro, mas o estabelecimento é luxuoso, muito aceiado e servido por muitos creados.

Convivi ali quasi irmãmente com os meus companheiros de viagem de Lisboa até aquella cidade, o ex.mo sr. João de Magalhães, sua esposa a ex.ma sr.a D. Beatriz P. de M. Brandão e Magalhães, e uma interessante filhinha, que era os seus enlevos.

O sr. Magalhães é joven de 22 annos, muito sympathico, e tão recommendavel pelos seus variados conhecimentos, em tão verdes annos, como pelas suas distinctas maneiras. Portuguez de nação, estudou sciencias sociaes na *Universidade de Bonn* (Allemanha) para onde em breve tencionava dirigir-se, afim de defender these e receber o gráo de doutor em sciencias.

Sua esposa, sobre as mais brilhantes qualidades de caracter, reune muita intelligencia e um são criterio. Sympathica e elegante é esta senhora, brazileira de nação, mas fallando e escrevendo bem a lingua portugueza, não obstante ter sido educada em Inglaterra.

Consigno aqui gostosamente estas linhas, como gratissima recordação de tão sympathicos quão delicados companheiros.

— Chegou bem da sua jornada? Que máo tempo que tem estado.

— Cheguei sem novidade.

— Queira entrar para esta sala, e sente-se que deve estar fatigado; não é assim?

— Certamente, cançado e com alguma fome.

— Fica perfeitamente aqui hospedado; o hotel está bem situado e no centro da cidade, tem bons commodos e excellente tratamento; ora verá que hade gostar.

— Assim o creio; mas antes de tudo, diga-me, tem alguma cousa que se coma?

— A dona do Hotel acaba n'este instante de recolher-se ao seu aposento, e por isso não póde fallar-lhe.

— Não lhe pergunto pela dona do Hotel; cear, comer é o que desejo n'este momento.

— É uma excellente senhora, maneiras muito distinctas, parece uma fidalga.

— Não é isso que desejo saber.

— Olhe, a senhora é viuva e bonita; ora verá amanhã que não o engano.

Reconhecendo eu que este jogo de disparate promettia continuar, tive de recorrer á mimica, que é a linguagem universal, para lhe exprimir o meu desejo. Riu-se muito do meu expediente, e fui immediatamente comprehendido.

— Pois não! Ha que ceiar, retorquiu ella: vou conduzil-o primeiro ao quarto; queira dar-se ao incommodo de subir ao segundo andar, onde ha dois quartos disponiveis; escolherá o que melhor lhe convier. E em

quanto dispõe as suas cousas, preparo-lhe a ceia n'um momento. Vou fazer levantar um dos moços para conduzir as malas para o seu quarto.

Subimos, com effeito, por uma escada em espiral toda tapetada, até o segundo andar, onde me instalei n'um dos dois aposentos, de duas janellas, aceiado e muito confortavel.

Decorrido um quarto de hora, pouco mais ou menos, um creado annunciava me que a ceia estava prompta.

N'um gabinete ao *rez-de-chaussée*, estava posta a meza: uma gallinha assada, uma garrafa branca com o fino Bordeus, fructas, queijo e doces, fizeram as delicias do meu estomago.

Emquanto eu ceiava, a bôa da velha esteve dando á lingua, ora exaltando o conforto do hotel, e a grande concurrencia dos hospedes, ora as perfeições e o fino trato da dona da casa.

Dormi admiravelmente n'essa noite, não podendo, comtudo, affirmar, se o meu somno fôra perfumado de algum delicioso sonho em que, pelas descripções da creada, me apparecesse radiosa de encantos a dona da casa.

Ás oito horas da manhã já me achava a pé. Tendo apenas dois dias para vêr *Bordeus*, porque no dia cinco devia embarcar para Lisboa no *Niger*, navio pertencente á Companhia das *Messageries Maritimes*, curei de saír; e, ao entrar na casa de jantar, topei com a creada, que, com a liberdade propria da sua edade, me veio abraçar, e saber se eu tinha dormido bem.

A velha com os seus cabellos brancos, e respirando grande aceio no seu vestuario, tem uma d'essas physionomias, que exprimem muita bondade, e doçura de caracter. Emquanto assim praticavamos, eis que me apparece a dona do hotel, confirmando com o seu aspecto a descripção, que na vespera me fizera a creada. — Trajando de preto, com os seus grandes colleirinhos de neve, de estatura baixa mas elegante, rosto branco e oval, olhos pretos e bem rasgados, bastas e delgadas sobrancelhas, formando uma curva tão bem contornada, que pareciam pintadas, cabellos pretos e ondeados, boca pequena e rosada, abrindo-se de quando em quando a um gracioso sorriso, tal é, a traços imperfeitos, M.me *Personne*, viuva de vinte e cinco annos, e dona do *Hotel du Pacifique*.

Depois dos cumprimentos do estylo, convidou-me muito amavelmente a entrar no seu escriptorio, para tomar as precisas informações á cerca do nome, naturalidade, procedencia etc. Findo o que, travou commigo o seguinte dialogo:

— Não imagina o prazer que sinto, sabendo que é portuguez. Vou incommodal-o certamente, pedindo-lhe um favor especial.

— Folgo de ter esta occasião de poder ser-lhe agradavel; estou ao seu dispôr.

— Ha dois dias que no meu hotel descansa um padre, que diz ser portuguez; está tão gravemente doente, que receio ter o desgosto de o vêr morrer aqui, visto que o medico desespera de o salvar. Uma tisica pul-

monar reduziu-o a um tal estado de magreza, que causa dó.

—Como se chama o padre?

—Chama-se... ora queira ler, aqui tem o livro.

Li na casa correspondente: —*Padre Antonio Maria Brazil, subdito portuguez, natural da ilha de S. Miguel* (Açores) *procedente de Roma.*

—Não conheço.

—O cura da freguezia tem vindo aqui visital-o; é com quem elle melhor se entende.

—Falla então elle a lingua franceza.

—Falla de certo, mas faz uma mistura com o italiano, que ás vezes tenho difficuldade em o perceber; e de mais, está tão impertinente, e tão máo, que a todos trata com desabrimento.

—São porventura os effeitos da doença e de não poder ser comprehendido.

—Creio tambem o mesmo. Ora como v... é portuguez, peço — se isso o não contraría — que o vá vêr, conversar com elle, e pedir-lhe que socegue, e obedeça ás prescripções do medico. É o favor que lhe peço.

—Da melhor vontade d'este mundo, e tanto mais por saber que a pessoa, de quem se trata, é um meu compatriota.

—Mal sabe o prazer que com isso me dá; muito obrigada. O pobre do homem, podendo carecer de qualquer cousa, mais facil é abrir-se com um compatriota, do que com os creados, que até já lhe têem medo.

— Queira indicar-me o numero do quarto e o andar.

— Numero 18, primeiro. É cedo para lá ir; desejo prevenil-o da sua visita.

— Como for do seu agrado. Conhece aqui o consul portuguez?

— Oh! se conheço! É um cavalheiro muito amavel; tem vindo jantar a nossa casa algumas vezes. Mora na rua *Vital-Carles,* 40, bem perto d'aqui; são apenas meia duzia de passos. A que horas quer v... almoçar?

— Á hora da casa.

— Cada um almoça quando quer, e o que quer; succede o mesmo a respeito do jantar, mas a mesa redonda é sempre ás seis horas.

— Como tenho a liberdade de escolha, almoçarei á uma hora.

— Se v... me permitte, offereço-lhe esta *Guia dos estrangeiros,* onde vem as indicações do que ha de mais notavel na cidade. Porque não toma uma chavena de café ou chocolate, visto almoçar tão tarde?

Agradeci a delicada offerta da gentil senhora, cujas maneiras tanto captivam, e saí levando a *Guia,* que fui durante o transito folheando, e encaminhei-me para casa do nosso consul o Barão de Roussado [1] que ha uns

[1] O actual consul é o sr. Barão de Mendonça. Quando voltei pela segunda vez a Bordeus, fui admiravelmente recebido pelo sr. Barão e pela sr.ª Baroneza, os quaes me acolheram com a proverbial bizarria portugueza.

bons dez annos não tinha visto, e informado de que já tinha saído, dispuz-me a aproveitar o tempo até a hora do almoço, vendo a cidade e as suas cousas mais notaveis.

Bordeus, capital do Departamento da *Gironda*, antiga, grande e bella cidade maritima, ergue-se em quarteirões quasi uniformes na margem esquerda do *Garonna*, d'onde, n'uma extensão de seis kilometros pouco mais ou menos, ostenta a fórma da lua no seu crescente, imagem que a cidade adoptou nas suas armas.

Duas extensas, largas e formosas pontes atravessam o *Garonna*, sendo uma com galerias internas, em forma de tunel, que entre si se communicam, de dezesete arcos de cantaria e tijolo, em frente da *Gare de la Bastide;* e a outra, assente em pilares cylindricos, servindo de juncção aos dois caminhos de ferro de *Orleans e do Meio-dia.*

Bordeus, rica pela sua producção vinicola, é a um tempo industrial pelos variados artefactos de suas fabricas, commercial pelo grande movimento de suas transacções, e maritima pelas embarcações, que aos centos cobrem o seu magnifico e seguro porto, capaz de abrigar de mil a mil e quinhentos navios. Possue uma população de duzentas mil almas.

É toda plana no seu interior, onde ha bonitas ruas (e tambem algumas sujas e mal tratadas); extensos *boulevards;* largas praças, notaveis monumentos civis e religiosos, lojas luxuosas, bons hoteis, e finalmente

commodas e aceiadas carruagens de praça, como nunca vi em trens de aluguer. Esta é, em geral, a cidade de *Bordeus,* quarta na ordem das cidades importantes da França, e patria de muitos homens illustres, como *Montesquieu,* os ministros *Lainé Peyronnet, o Papa Clemente V, Martignac,* notavel homem de estado, e muitos outros conspicuos varões.

Ao sair da casa do Barão de Roussado, defrontei com a magnifica *Cathedral de Santo André,* situada na *Praça de Pey-Berland.*

É admiravel de elegancia a sua fachada principal, cuja esplendida architectura, encantando pelos ricos florões de suas decorações, é ao mesmo tempo magestosa pelas duas formosas e elevadissimas *flechas* rendilhadas que a flanquêam. Este Templo, consagrado pelo *Papa Urbano* em 1096, póde disputar primazia de elegancia aos mais notaveis monumentos christãos. A sua cantaria está enegrecida pela acção do tempo, mas o seu todo ostenta uma certa grandeza que impõe.

O seu interior é tambem magestoso, não conserva, porém, um todo harmonico na sua structura, destoando algumas de suas partes componentes (por serem de datas posteriores) do estylo geral do edificio.

Admiram-se ali Capellas notaveis pela sua formosura, sobresaindo a de S. José, ou *Capella rendilhada,* assim chamada pelo seu altar de prata de maravilhoso lavor. Na parte inferior da tribuna do orgão ha dois baixos-relevos da renascença, que prendem demorada attenção; um representa — *A Resurreição de Christo,*

e o outro — *A Descida ao limbo*. Quadros notaveis sobre assumptos sagrados, e de auctores de nome, como *Annibal Carracho, Agostinho Carracho, Alexandre Veroneso*, adornam os altares. Finalmente na sacristia contempla-se um immenso baixo-relevo em pedra, representando Christo na Corte celestial, obra do XII seculo, conhecida pelo — *Christo de Jerusalem*.

Afastada d'esta Cathedral cerca de trinta metros pouco mais ou menos, e no meio de um terreno ajardinado, está a *Torre de Pey-Berland,* assim chamada, do nome do arcebispo que a mandou construir no anno de 1440.

Este campanario, ornado de janellas no estylo ogival, de grinaldas e rendilhados de um bello effeito, é quadrangular e eleva-se gracioso á altura de quarenta e sete metros e cincoenta centimetros, divisando-se no seu cimo uma flecha em cada um dos angulos, e no centro um corpo servindo de pedestal a uma colossal estatua dourada, representando a Virgem em pé. Faz lembrar esta torre a de S. Jacques em *Pariz*.

Visitei um dos mercados da cidade, situado na *Cours des Fossés;* é elegante, espaçoso e coberto, sendo a sua structura de ferro, pedra e tijolo.

É n'esta mesma rua que se contempla a *Porta* do antigo *Hotel de Ville,* conhecida tambem pelo nome de *La Tour de la Grosse Cloche,* monumento historico digno de exame.

Sobre um arco ogival, que dá passagem para uma extensa rua, eleva-se uma Torre, tendo por cupula tres

torrinhas, sendo a do meio guarnecida de uma lanterna encimada por um Leão. Adorna a sua fachada um relogio curioso, cujo mostrador indica as horas, os dias do mez e da semana e as fazes da lua. E' d'ali que tambem se vê o grande sino (*Grosse Cloche*) cujo som só se faz ouvir em occasiões de alguma calamidade publica. Esta Torre mede de altura quarenta e um metros.

A *Igreja de S. Miguel,* situada na *Praça Canteloup,* é um dos monumentos religiosos mais notaveis pelo muito que ha n'elle para ver e admirar.

Fundada em 1160, e reconstruida ultimamente no XVI seculo, ostenta no seu exterior o estylo completo da magestosa e bonita architectura gothica ou ogival. Tem tres porticos, sendo o do occidente o principal, e todos tres enriquecidos de bellas esculpturas, que não passam desapercebidas, e despertam a attenção detida dos que cultivam a arte. Magestoso e elegante é o interior d'esta Igreja, onde se admiram muitas obras d'arte nas suas numerosas *Capellas,* tendo cada uma sua invocação e historia particular.

O *cicerone,* que logo se metteu de gorra commigo para fazer jus á competente esportula, a cada passo me detinha; — «Repare bem para esta capella, me dizia, que é consagrada a *S. José;* para estes baixos-relevos de uma grande originalidade de idéa e de execução. Captiva o vulto respeitavel de *S. João Baptista* — esta é a *Annunciação* — a *Natividade de Nosso Senhor* — a *Adoração dos Magos* — a *Resurreição* — a *As-*

censão do Senhor—a *Assumpção de Maria, Sua Coroação* — e finalmente eis a figura de *S. José*».

— «Ha mais que ver, proseguia elle, attente bem n'estas estatuas; a que está no centro do nicho é da *Virgem:* como é formosa e de enamorar! As outras duas representam *Santa Catharina* e *Santa Barbara*: são producções da renascença.

—«E esta *Descida da Cruz* do XVI seculo? Admire agora os vidros d'estas janellas; todos os assumptos ali reproduzidos são tirados da Sagrada Escriptura. Que maravilha d'arte! Que fino colorido e que transparencia!»

O homem propunha-se contar-me a historia de cada uma das *Capellas*, quando lhe fiz uma amavel cortezia, depositando-lhe na mão a gratificação de um franco, que agradeceu visivelmente satisfeito.

Esta Igreja tem um campanario isolado pela interposição de uma rua que d'ella o distanceia uns vinte e tantos metros. Elevando-se magestoso n'um jardim, que o circumda, causa pasmo a sua vertiginosa altura, que méde da base até a flecha cento e sete metros e trinta centimetros, sem contar com a altura da Cruz de ferro erecta no seu cimo!

Possue uma *Cripta* ou cava subterranea, que está patente á curiosidade publica, mas para cuja entrada se paga um franco.

Uma mulher muito gorda, de grandes seios, quasi redonda, e mãe de nove filhos, segundo a propria confissão, é a guarda d'aquelle monumento. Munida de

uma lanterna, convidou-me a descer vinte e seis degráos de uma escada em espiral até a *Cripta,* em volta de cujas paredes se vêem de pé setenta e quatro *mumias,* sem cheiro algum, e em perfeito estado de conservação, não petrificadas; sendo moles e flexiveis as pelles que as cobrem.

— «Estas mumias, dizia ella, são antiquissimas, pertencem ao XVI seculo; e no entanto, veja e apalpe-as para se certificar do bom estado de sua conservação; até as roupas e as rendas, que guarnecem as vestes, se não conservaram a sua brancura, estão perfeitamente intactas.

— «Esta cabeça com os dentes todos, com os seus airosos contornos, deveria ser de uma graciosa mulher.

— «Veja, que proporções gigantescas apresenta esta *mumia!* Este foi morto provavelmente em algum duello; não vê os labios da ferida que recebeu no peito?

— «Que me diz d'este menino, que, segundo affirmam os medicos, fôra enterrado vivo? Em que afflicções se não viu a pobre da creança, quando acordou da sua morte apparente, para então morrer de vez!?»

A sabia matrona, entendida na historia das mumias, cujo aspecto é realmente ascoroso, foi-as percorrendo em volta, uma a uma, até que finalmente parou indicando-me uma familia inteira envenenada com cogumelos. As mumias apresentam as feições contrahidas pelas dores cruciantes que padeceram, succumbindo á acção venenosa do tortulho.

Todas estas mumias conservam os orgãos vitaes, os

musculos e a pelle, a qual apparenta uma especie de pergaminho.

Subi depois á Torre até a terceira e ultima de suas galerias, para a qual conduz uma bella escada, clara e em espiral, e onde uma sala redonda, guarnecida de bancos, de janellas com vidros de cores, e uma varanda em volta, offerece commodo recreio ao visitante.

O panorama, que d'elle se desfructa, com a perspectiva dos edificios, das praças, dos monumentos, do ancoradouro, do rio com as suas duas elegantissimas pontes, e emfim, dos arrebaldes da cidade, é de um effeito surprehendente.

Regressando do meu passeio matutino, que me provocou grande appetite, curei de almoçar e depois fui visitar o doente.

No quarto do padre, confortavelmente preparado, estava sentado á cabeceira da cama um sacerdote de grave aspecto, que era o parocho da freguezia; e aos pés uma formosa irmã da caridade que teria de vinte a vinte e dois annos, pertencente á *Corporação de Sainte Marie de la Famille, rua de Fondu.* O padre, assim que me avistou, ergueu a custo o tronco do corpo, e ao aproximar-me d'elle, estendeu ambos os braços e me abraçou affectuosamente. Lia-se-lhe nas faces cadavericas a expressão de alegria, que transbordava no brilho dos olhos, quando ouviu a lingua portugueza fallada por um compatriota.

«Que alegria não póde ser tamanha,
«Que achar gente visinha em terra estranha!»

E esta poetica expressão do sentimento, com que o nosso primeiro epico traduz a commoção, que se sente, ao ver um compatriota em *terra estranha*, é perfeitamente applicavel á conjunctura presente.

Gravissimo era o estado do doente, segundo me affirmou o facultativo, e demonstravam as feições abatidas, as faces pallidas e cavadas, os olhos extremamente dilatados pela continua febre, as palpebras inferiores orladas de uma côr escura, os labios pallidos como as faces, e em summa o extremo desfallecimento a que o levára uma tysica pulmonar.

A sua intelligencia, porém, conservava toda a lucidez; conversou muito commigo á cerca de Roma, onde estivéra tres annos cursando os estudos, e adquirira a *malária* (febre palustre) e a bronchite, que, a seu ver, ía declinando rapidamente. Coitado!

O seu contentamento subiu porém de gráo, quando soube que eu seria seu companheiro de viagem até Lisboa, d'onde contava regressar á patria—*Ilha de S. Miguel*.

A linda e interessante enfermeira, com maneiras de encantar, e com a doçura de uma voz celestial, interrompia de quando em quando a loquacidade do padre, a quem pedia que fallasse pouco.

São admiraveis de abnegação estas senhoras, verdadeiras encarnações do sacrificio e da dedicação. Dia e noite, e sem descanço, velou este anjo da caridade á cabeceira do doente com a mais absoluta dedicação no seu caritativo mister de enfermeira. O Ceu abençoe

tão pia instituição, quando se consagra exclusivamente á caridade christã.

Perto das seis horas da tarde recebia eu a visita do meu amigo, o Barão de Roussado, E' o mesmo homem; boa apparencia, trajando com elegancia, alegre, a mesma graça e emfim o mesmo chiste! Abraçando-me exclamou:

— A que milagre (deve ser de alguma santa) devo eu o prazer de te abraçar? Como tiveste a coragem, a ousadia até de abandonar o pasmatorio do *Chiado*, e achar-te aqui... em *Bordeus*... tão longe da patria? Conta-me isso; quero tudo pelo miudo.

— A doença, meu caro, foi a santa que operou o milagre, e me forçou a vir a França, onde estou ha perto de tres mezes.

— Então vens de *Pariz*?

— Certamente.

Fallei então da minha jornada, do que vi, do que fiz durante a minha estada em *Vichy* e em *Pariz*, da minha proxima partida no dia 5, no *Niger*, paquete francez das *Messageries Maritimes*.

— Muito bem. Ponho-me á tua disposição. Como não tens senão o dia de amanhã, desejo acompanhar-te para te mostrar algumas curiosidades d'esta importante cidade, onde ha muito que ver. Um dia é pouco, deves cá voltar e demorar-te. Olha que estás em terra de mulheres bonitas.

— As que tenho visto, durante o meu passeio d'esta manhã, não abonam por ora a tua affirmativa, a não

ser a dona do *Hotel*, que é realmente uma interessante e bonita mulher.

— Olha. Tenho por habito levantar-me ás seis horas da manhã; depois do meu banho frio, saio em seguida e ando um até dois kilometros antes de almoçar: a este regimen prescripto pelo meu medico, devo felizmente a boa saúde, que desfructo ha muitos annos.

— Tambem contrahi o habito de madrugar, com o que me dou admiravelmente; terás portanto amanhã de manhã um companheiro para a tua matutina excursão.

— Está dito; não faltes. Retiro-me porque estou compromettido, e devo estar algures á hora certa.

Depois do jantar, que foi magnifico, na companhia da dona do *Hotel*, resolvi n'essa noite ir ao *Grande Theatro* para ouvir a opera annunciada.

CARTA XXXV

O primeiro theatro de *Bordeus,* admiravel de elegancia pela sua singela architectura, é sem duvida a mais bella casa de espectaculo de toda a França, artisticamente fallando. Completamente desaffrontado dos quatro lados, e formando um parallelogramo de oitenta e oito metros de comprido sobre quarenta e sete de largo, e dezenove de altura, tem galerias cobertas em volta, que entre si se communicam.

A sua fachada principal é ornada de doze columnas de ordem corinthia, que supportam uma balaustrada aformoseada com doze estatuas colossaes, ao passo que o seu vestibulo ostenta dezeseis columnas de ordem jonica. A escada é magnifica, e a platea de forma cir-

cular; os logares offerecem bons commodos em cadeiras forradas de velludo carmezim. Os camarotes de todas as ordens são em fórma de balcão, separados d'alto abaixo por grossas columnas de marmore. Ha um *Café-Restaurant* ao lado do Theatro, n'um recinto ajardinado, e defendido por grades baixas.

Na volta do Theatro entrei n'um café, onde o aceio, a cortezia dos criados e o magnifico serviço corriam parelhas.

Ás seis horas da manhã do dia 4 de novembro, depois de ter saboreado uma chavena de chocolate, saí. Pouco depois era eu introdusido no pequeno e confortavel gabinete do meu amigo, o Barão de Roussado, onde já crepitava vivamente um fogo consolador n'um pequeno fogão, sobre cuja mesa de marmore estavam alguns jornaes portuguezes. No quarto visinho banhava-se elle, em quanto que eu, entregue á leitura interrompida de quando em quando por alguns dictos espirituosos, aguardava o momento de irmos visitar a cidade...

Eis-nos na vastissima Praça *des Quinconces,* assim chamada, pela disposição especial de seus arvoredos, a mais bella de todas as praças da cidade. Méde de comprido trezentos e noventa metros sobre cento e setenta de largura, sem contar com os vastos espaços arborisados.

Uma das extremidades d'esta Praça fórma o caes, onde se elevam duas columnas rostraes de vinte metros de altura, ornadas de prôas de navios, e encima-

das respectivamente por duas estatuas representando o *Commercio* e a *Navegação*.

Esta Praça é cercada de grandes e magnificas construcções, e embellezada com estatuas em marmore, representando *Montaigne* e *Montesquieu*.

Fomos depois para o *Jardim Publico*, todo gradeado, e onde a habil mão do desenhador traçára em linhas curvas e graciosas um aprasivel e deleitoso passeio, que encanta pela concepção feliz do seu plano. Cortam-no varias avenidas arborisadas, vendo-se aqui um lindo parque á ingleza, soberbos taboleiros de relvados matisados de flores; ali rios serpenteando em airosas curvas, lagos, ilhas verdejantes, e pontes pensis de fórmas elegantes; acolá finalmente a grande estufa coroando todo esse conjuncto pittoresco e surprehendente!

O *Palacio da Justiça*, situado na *Praça d'Armas*, é um soberbo edificio, que defronta com o *Hospital de Santo André*, que é um modelo no seu genero; são as suas enfermarias separadas umas das outras por meio de jardins, que facilitam a ventilação e purificam o ambiente.

O soberbo edificio da *Casa da Bolsa*, situado na elegante praça do mesmo nome, onde a vista se recreia contemplando um vistoso chafariz adornado das tres *Graças*, tem quatro fachadas com decorações uniformes, defrontando uma d'ellas com o caes. O interior d'esta casa é rico, e a sala terrea, em que se effeituam as transacções e se fazem as cotações de fundos, é ele-

gante e bem decorada, sobresahindo a sua magestosa escada de marmore preto.

Les Allées de Tourny, extensa praça rectangular, communica por uma das extremidades longitudinaes com a *Praça de la Comedie*, e por outra com a *Praça de Tourny*, sendo contornada dos outros dois lados oppostos e fronteiros por boas e vistosas edificações, em cujos baixos ha excellentes estabelecimentos.

Em cada uma das extremidades d'esta praça erguem-se um chafariz de fórma elegante, e muitos candieiros em volta. Tem sofás de madeira e no centro centenas de cadeiras de ferro. É ali que, nas tepidas noites de verão, concorre o mundo elegante, e onde a banda marcial faz ouvir os melhores trechos do seu repertorio duas vezes por semana. Esta praça *corredor* não é arborisada, e na sua quasi nudez ha uma certa grandeza que seduz.

Vem aqui a proposito fallar da nossa elegante *Praça do Commercio* em Lisboa, mais conhecida pelo *Terreiro do Paço*. Houve, em tempos que já lá vão, uma camara municipal, que, contra todas as leis do bom gosto, teve, a meu vêr, a infeliz lembrança de mandar arborisar aquella praça, cuja belleza consiste na severidade uniforme da sua architectura e na sua quasi nudez.

A regularidade monotona de seus predios, de uma architectura toda perpendicular, a successão harmonica de suas arcarias, o seu Arco de Triumpho, a magestade do Tejo em frente, a sua bella Estatua de bronze no centro, e finalmente os seus candieiros em

volta, protestam contra as arvores de uma vida rachitica, com que pretenderam inconscientemente impedir o observador de poder, n'um relancear de olhos, medir a extensão e avaliar a severa harmonia d'aquella Praça, que póde soffrer confronto com algumas que por cá tenho visto, e são gabadas.

Tambem faço, em relação á *Praça de D. Pedro IV* (Rocio), um analogo reparo, no tocante aos dois renques de arvores, lado norte, que encobrem o *Theatro de D. Maria II.* A meu ver, devem ser arrancadas e desaffrontada a fachada d'aquelle monumento.

Nem todas as praças comportam arvoredo, posto ser um meio pittoresco de ornamentar, e exercer benefica influencia na salubridade publica; mas o gosto, que se rege por certos preceitos ou leis da Esthetica, a que devem sujeitar-se as decorações, não póde subordinar-se ao arbitrio ou capricho.

Em *Pariz*, além de muitas praças arborisadas, tambem existem outras sem arvores, e nota-se isso em todas aquellas, em que ha uniformidade de architectura de uma certa apparencia magestosa. A *Praça Vendôme*, vem corroborar a verdade das minhas asserções.

Seguimos para a *Praça de Tourny*, onde se vê em pé uma humilde estatua de pedra, que não é marmore, erigida á memoria de Mr. *Tourny*, intendente que foi da *Guienna* em 1743, homem que prestou muitos e relevantes serviços á sua patria, cuidando do seu engrandecimento material, como bom filho e prestantissimo cidadão. O magnifico jardim da cidade e as suas

mais aceiadas ruas foram iniciativa d'este inclito varão.

N'esta mesma praça avista-se o edificio da principal Estação Telegraphica, onde o serviço é permanente, havendo outras estações succursaes.

A cidade tem bellas praças, sendo umas ajardinadas, e outras embellezadas com elegantes edificios publicos, dos quaes tomam o nome.

Da espaçosa e elegante praça *de la Comedie*, em que se ostenta o *Grande Theatro*, avistam-se a larga e aceiada rua de *Santa Catharina; Le cours de l'Intendance*, extensa rua orlada de soberbos predios, sobresaindo sumptuosos hoteis, e esplendidos estabelecimentos commerciaes, com vistosas exhibições de todo o genero, em telas, ouro, prata e pedras preciosas; e *le cours de Chapeau Rouge*, rua que se prolonga com a anterior, não menos bella, nem menos vistosa, pela variedade de seus artefactos em magnificas lojas de subido gosto.

Finalmente fomos dar ao *Caes*, soberbo passeio lageado n'uma grande extensão á beira do rio. O seu extraordinario movimento, devido á actividade do commercio maritimo; a quantidade de embarcações fundeadas; as filas de predios com armazens; lojas; escriptorios; depositos de vinhos; de viveres; etc., etc., são outros tantos incentivos para a enorme concurrencia, que invade este caes diariamente.

Acompanhou-me até a minha habitação o meu amigo Barão de Roussado, com quem fiquei ajustado de nos

encontrarmos no caes *des Quinconces* no dia immediato á hora do meu embarque.

Alguns dos meus companheiros do Hotel convidaram-me a passar com elles uma parte da noite no *Grand Café Mazarin*, situado n'uma das extremidades *des allées de Tourny*. Ao recolher-me, soube com desgosto, que o padre Brazil passou muito mal; e em consequencia do que, o medico oppunha-se á sua viagem; elle, porém, teimou em emprehendel-a, porque tinha saudades da patria. Á sua cabeceira passou, velando, as horas da noite a angelica irmã da Caridade.

CARTA XXXVI

Saída de Bordeus

Entrada em Lisboa

Estamos no dia 5 de novembro. A manhã estava fria, o dia claro e a atmosphera limpida; estas circumstancias agouravam-nos uma bella saída e prospera viagem.

Ás dez horas, depois de me haver despedido da interessante dona do *Hotel du Pacifique*, encaminhei-me para o caes *des Quinconces*, onde já se achava o padre Brazil (o qual com grande difficuldade se apeiou do trem que o transportára), conversando com o nosso consul o Barão de Roussado. Grande concurso de gente havia no caes, cujo aspecto parecia o de uma feira, de alastrado que estava de malas, bahús, fardos, caixões, etc., etc.

Por entre a multidão dos passageiros, divisei o meu

amigo Eugenio do Canto com sua ex.ma esposa e o filhinho doente, os quaes iam ser meus companheiros de viagem. Apresentou-me a sua mulher, e tambem sua patricia, senhora esbelta, de rosto moreno e sympathico, fino trato e esmerada educação, trajando com aquella elegante simplicidade, que distingue a senhora de alta sociedade. Educada n'um collegio em *Pariz,* onde residiu quinze annos, resentia-se do meio em que viveu por tanto tempo, e que lhe imprimiu a graça e o bom gosto parisiense.

Dois grandes vapores, que deviam conduzir os passageiros e as suas bagagens para bordo do *Paquete Niger,* achavam-se atracados ao caes, d'onde largaram pelas onze horas e vinte minutos, depois de tocantes scenas de despedida entre os passageiros e as pessoas que foram ao bota-fóra.

Seguiram os dois vapores rio abaixo, fendendo as mansas aguas do *Garonna,* que vae desaguar a uma distancia de trinta leguas pouco mais ou menos. Nascendo no *Valle de Aran* nos Pyrinéos, e banhando muitas cidades importantes até *Bordeus,* passa pela *Aldeia Bec-d'Ambez,* onde recebe o rio *Dordonha,* e toma então o nome de *Gironda,* entrando no Oceano Atlantico.

O panorama, que se ía desdobrando successivamente, é de um effeito delicioso, já pelo grande numero de navios de todas as nações, já pelas pittorescas e deleitosas margens em largas curvas. A esquerda em quasi toda a extensão é uma planura verdejante, ao

passo que a direita ostenta colinas sobranceiras que se elevam em differentes pontos, onde a vista se compraz de admirar varias construcções, casas de recreio, risonhas povoações branquejando por entre arvoredo de um verde já meio desbotado, lindos *chalets* e altos mirantes; aqui terrenos alastrados de vinhedos, e de extensas matas; ali dokas, grandes armazens de deposito, estaleiros, etc.; tudo isto é de uma belleza indiscriptivel.

Ás duas horas e um quarto passámos á altura de *Pauillac,* pequena e encantadora cidade, situada na margem direita, principal região dos vinhos de *Medoc, Chateau Lafitte,* e *Chateau Latour.* E' d'ali que se erguem as elegantes e extensas fachadas do Lazareto.

Vindo á falla um vapor carregado de passageiros e de bagagens, que demandava o ancoradouro de *Bordeus,* soubemos ser o rebocador, que conduzia para a cidade os passageiros recem-chegados no *Orénoque,* paquete pertencente á mesma companhia. Depois da usual despedida, continuámos a navegar, indo os passageiros sempre entretidos com novas e variadas paizagens, que continuavam a desenrolar-se nas duas margens.

Enxergámos ao longe uma ilha, cuja côr pardacenta, escurecendo o azul do ceu, pouco a pouco se ia contornando em varios corcovos de um verde escuro, e a cuja aproximação reconhecemos ser grande e muito arborisada.

Eram emfim já tres horas da tarde quando divisá-

mos o *Niger*, espreguiçando o seu extenso costado nas mansas aguas do *Gironda*.

Ás quatro horas suspendemos.

.....

.....

Deixo saudoso a França com todas as suas seducções, que embriagam, com todos os seus encantos, que inflammam a fantasia e com todas as suas grandezas que rendem a admiração.

As impressões, que deixa na alma tudo isso, são mais ou menos passageiras; o que, porém, se torna perduravel, e o que no mais intimo do meu ser fica escripto com signaes indeleveis, são a extrema delicadeza que caracterisa os seus filhos, e as provas de affecto e de consideração com que me acolheram. Fazendo ardentes votos pela sua ventura e prosperidade, é quanto póde dar-lhes a minha alma sinceramente agradecida.

.....

.....

Transcrevo as notas do meu diario a bordo.

O *Niger*, um dos vapores da carreira transatlantica, armado de tres mastros, e da força de seiscentos cavallos, mede cento e vinte e cinco metros de pôpa a prôa. Limpo e aceiado é o seu interior, onde ha bons commodos para os passageiros, e uma espaçosa e alegre sala de jantar, pintada em arabescos azues claros em fundo branco com filetes de ouro, e adornada de oito mezas a quatro por banda com uma coxia no centro, uma pequena copa na extremidade *d'avante*, com-

modos sofás forrados de carneira preta, e finalmente um magnifico piano collocado na extremidade de *ré*.

Eis o que é o *Niger*, elegante vapor tripulado por cento e trinta homens, commandado por Mr. *Jacques*, official de marinha, de porte grave e maneiras attenciosas, e conduzindo trezentos e noventa passageiros entre mulheres, homens e crianças.

Para entretenimento dos passageiros ha uma pequena bibliotheca com livros e albuns illustrados; cartas de jogar; o gamão, o assalto, o xadrez, e no tombadilho o *palet*, especie de jogo da malha.

Jantámos ás cinco horas, e á meza, que é abundante e servida á franceza, sem lhe faltar a competente lista dos pratos, compareceram todos os passageiros de primeira e segunda classe.

Entre os meus companheiros de viagem travei relações com o sr. J. Monteiro, estimavel e sympathico cavalheiro, natural da ilha da Madeira, e vice-consul portuguez em *Vigo*.

A bordo ha senhoras francezas, duas inglezas (mãe e filha), uma portugueza, e algumas hespanholas de notavel belleza e elegancia.

Findo o jantar, vieram para a tolda todos os passageiros, e ali praticaram alegremente, em quanto que o *Niger*, cortando as aguas do rio, que parecia de estanho, nos affastava das costas da hospitaleira França.

Cahiu de todo a noite. É lindo o espectaculo dos faroes disseminados por toda a costa, uns com as suas luzes fixas e outros de clarões intermittentes.

Dia 6. Levantei-me ás oito horas e subi á coberta; a terra sumira-se de todo, o mar brame, grande é o balanço e ruge o vento. Tomo uma chavena de café, relaxa-se-me o estomago e deito *carga* ao mar.

Uma senhora hespanhola, acompanhada de seu velho pae, ao passar junto de mim, me disse:

— Fez bem em vir para cima, fugi lá debaixo por que é insuportavel o cheiro das comidas.

— Certamente para quem está enjoado como nós ambos.

— Oh! Eu não sei como haja quem possa ouvir fallar em comer sem sentir nauseas.

— Hontem á mesa de jantar não era decerto v. ex.ª do mesmo parecer.

— Hontem era outra cousa, estavamos ainda no rio. Lá tocam para o almoço; que nauseas!

A mesa está quasi deserta, só as duas senhoras inglezas e dois ou tres passageiros almoçam. O Eugenio do Canto ainda se fez forte, mas por fim não poude resistir ao enjôo.

Á hora do jantar a mesma deserção. Esforço-me por comer e não posso; o cheiro das iguarias produz-me nauseas. Levanto-me da mesa e vou para o ar livre. O vento sopra rijo, e o navio joga extraordinariamente de pôpa á prôa.

Finalmente abranda o vento pelas sete horas da noite; pouco depois estavamos com a terra á vista. O frio é intenso, e apesar d'isso conservo-me na tolda até ás duas horas da madrugada, avistando-se então o

Cabo Prior e o *Cabo Ortegal,* com os seus faroes rotatorios.

Chega e piloto da barra, e mete o navio no porto da *Corunha,* onde fundeou pelas seis horas e meia da manhã.

Depois da visita com o grande apparato de carabineiros que invadiram o navio, desembarcaram alguns passageiros, que iam para aquella cidade, bem como outros que manifestaram o desejo de a visitar.

Um quadro, annunciando que o paquete deveria partir ao meio dia, foi mandado affixar no mastro grande, para intelligencia dos passageiros que continuavam a seguir viagem. Fui a terra na companhia do sr. Monteiro.

A cidade da *Corunha* divide-se em parte alta no declive de um monte, e parte baixa a que dão o nome de *Pescadiera.* O porto, espaçoso e seguro, é defendido pelos *Castellos de Santo Antonio e S. Diogo,* e pela *Cidadella de Santa Cruz.* Não passámos da cidade baixa, em que, logo ao desembarcar, se avistam uma Alameda que corre ao longo do caes, bonito passeio, onde alvejavam algumas estatuas de marmore por entre os arvoredos; a Casa da fiscalisação, e de fronte a Alfandega. Entrámos na *Calle Real,* extensa rua, que vae direita á ponte, e onde ha vistosos predios, cujas janellas são guarnecidas de *balcões,* e ahi entrámos no *Café Suisso,* bello estabelecimento de aceio irreprehensivel, guarnecido de mezas de marmore e de bons sofás de velludo carmezim. A *Tertulia* ou a Assem-

bléa, onde ha jogos e jornaes, é um magnifico edificio de recreio.

As ruas, que vimos, são estreitas, sujas e tortuosas, calçadas de lages largas, formando no centro um rego que dá escoamento ás aguas. Não tem passeios dos lados.

São notaveis pela sua belleza e elegancia as mulheres da *Corunha*. As mantilhas com que emmolduram os rostos, em que scintillam olhos feiticeiros, um certo menear do corpo, a graça no fallar, e o passar ligeiro e gracioso, são attractivos com que estas tentadoras filhas de Eva infiltram na alma inebriantes effluvios.

Entrámos no *Hotel Ferro Carrillão*, onde no seu espaçoso *Salão Comedor* nos serviram um excellente e abundante almoço a dezeseis reales (720 réis) por cabeça.

Turvou-se o tempo, e o receio da chuva obrigou-nos a embarcar mais cêdo. Eram onze horas. Umas difficuldades, levantadas pela Alfandega d'esta cidade á cerca do manifesto da carga, fizeram com que o *Niger* ficasse multado em setecentos e cincoenta francos, e não podesse suspender senão pelas cinco horas da tarde. Choveu quasi toda a noite, encapellando-se o mar com o rijo vento que soprava.

Dia 8. Amanheceu sereno e esplendido com a atmosphera limpida e o mar bonançozo. Restabelecidos os passageiros da aborrecida doença do enjôo, achavam-se quasi todos na tolda, passeando uns, outros em grupos conversando, estes entregues á leitura, e

aquelles rendendo attenções ás senhoras, que com a sua presença reanimavam aquelle intimo viver de bordo, que só póde bem avaliar quem alguma vez se aventurou ao mar. Estas scenas que se davam na *ré*, repetiam-se iguaes á *prôa*, entre os passageiros de terceira classe.

Ás onze horas pouco mais ou menos foram convidados os passageiros, que ficavam em Lisboa, a irem receber os seus passaportes; alegrando-nos muito este incidente, que nos fez presumir estavamos proximos de terra. E de feito, perto do meio dia, avistámos tres velas, e pouco depois ouvimos a voz de — terra pela prôa.

Os que tem embarcado, conhecem a magia d'esta palavra, que sempre produz grande alvoroço e viva alegria em todos os animos.

Onde está ella? Não a vejo; olhe, está acolá um pouco mais a sotavento; — firme bem a vista por entre as enxarcias. — Estas e outras eram as perguntas e respostas que se ouviam de quasi todos os lados.

Com effeito os montes que avistámos eram os de Portugal.....

Lá onde veceja a rosa,
Onde a leve mariposa,
Se espaneja á luz do sol;
Lá onde Deus concedera
Que em noites de primavera
Se escutasse o rouxinol.

É o mavioso poeta lyrico o sr. João de Lemos, quem assim se exprime, quando falla de Portugal na sua bella poezia — *A Lua de Londres*.

Eis-nos já de volta com as *Berlengas* pelas duas horas da tarde, com o *Cabo Carvoeiro* ás quatro horas; e vinte minutos depois já avistavamos as serras de Cintra, o Convento de Mafra e o Castello da Pena. Toma o commando do *Niger* o piloto da barra ás sete e meia horas da noite.

Em quanto navegavamos com um mar de rosas, e a lua côr de prata espargia a sua limpida claridade por sobre a tolda do navio, dois cavalheiros hespanhoes dedilhavam nas suas bandurras, cujos plangentes sons, acompanhados de lindas canções do seu paiz, infiltravam no animo uma doce e suave melancolia. E entretanto o *Niger*, subindo pelo Tejo acima, ia-nos mostrando toda a planura da margem direita, onde as casas e todos os objectos, que a vista podia abranger, cortados de profundas sombras e a um tempo illuminados na parte opposta pela argentea claridade da lua, tomavam fantasticos aspectos!

Este poetico panorama, assim illuminado, estava sendo admirado por numerosos espectadores, que alegremente se apinhavam na amurada de bombordo.

Parámos em Belem para receber a visita de saude, e foi n'essa occasião, que um dos moços nos deu a triste noticia de que acabava de exhalar o ultimo suspiro o nosso companheiro, o padre Antonio Maria Brazil. Deus o tenha na sua presença!

Ás dez horas da noite estavamos fundeados em frente da Praça do Commercio, e meia hora depois atracava a visita d'Alfandega. Só no dia immediato (9 de novembro) pelas nove horas do dia desembarquei na companhia do meu amigo o sr. Eugenio do Canto.

Acaba aqui a minha viagem a França no curto prazo de tres mezes menos oito dias, regressando á patria com saúde vigorosa.

Ahi vae o meu pobre livro, que terá de certo muitas imperfeições. Não temo a critica judiciosa dos leitores illustrados, que são sempre indulgentes; nem me incommodam as farpas dos zoilos, que não respeitam os escriptores ainda os mais conspicuos; serena o meu espirito o bem conhecido e antigo adagio:

Quem fez a casa na praça
A muito se aventurou;
Uns dizem que ficou baixa,
Outros que d'alta passou.

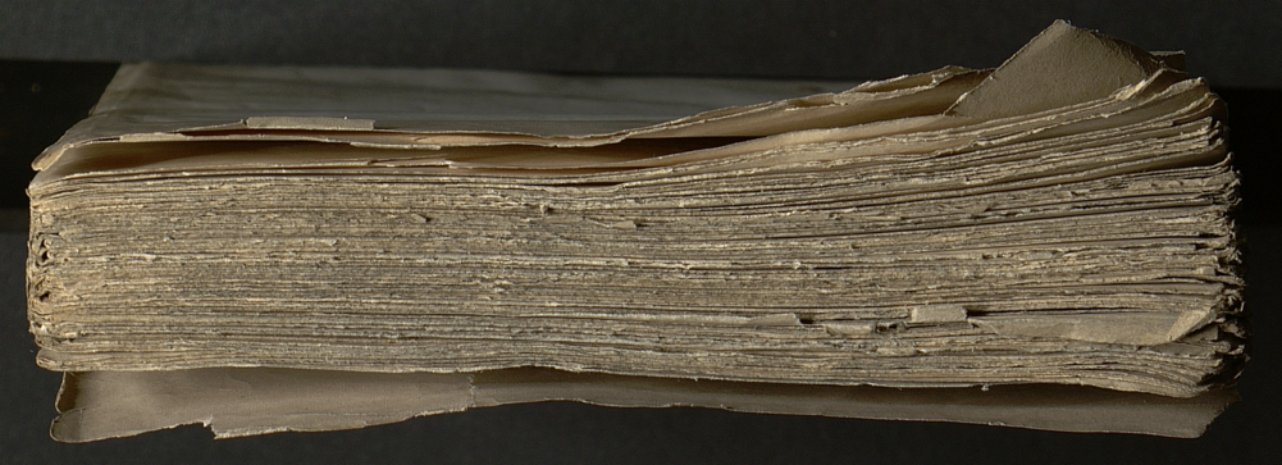
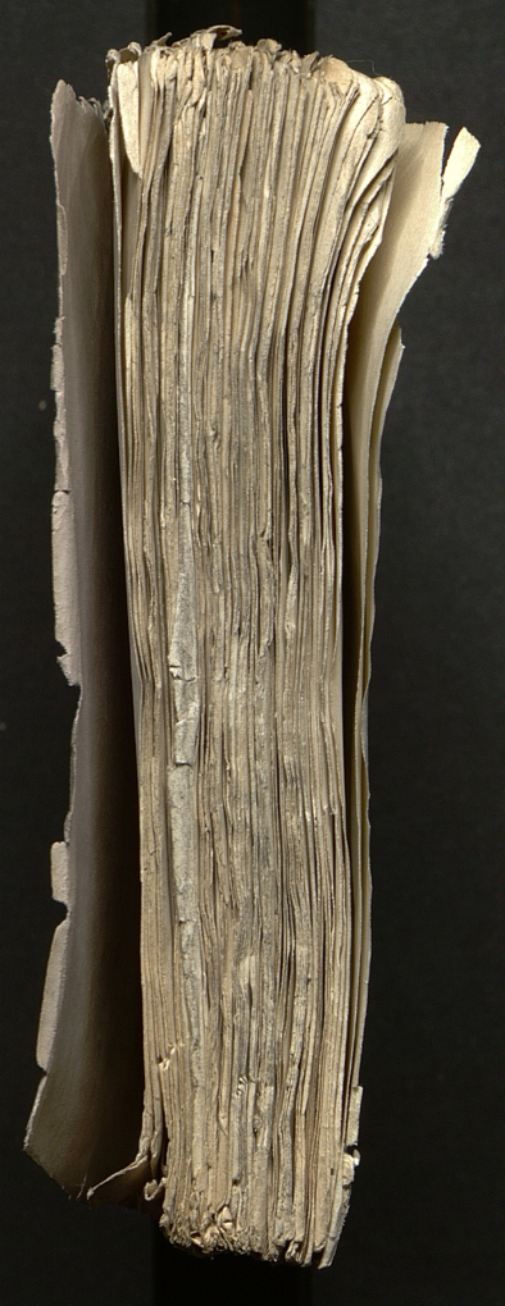
FIM

BIBLIOTHÈQUE SAINTE GENEVIÈVE

INDICE

A quem ler..... 9
Saída de Lisboa..... 11
Entrada no Havre..... 19
No Havre..... 22
Sainte Adresse..... 27
Saída do Havre. Normandia..... 38
Em Pariz..... 42
Saída de Pariz..... 185
Em Vichy..... 191
Regresso a Pariz..... 238
Saída de Pariz..... 277
Em Bordeus..... 283
Saída de Bordeus. Entrada em Lisboa..... 307

ERRATAS ESSENCIAES

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
31	11	nas praças e mercados	das praças e dos mercados
39	5	em oito principaes	em oito das principaes
62	15	ao *toilette*	á *toilette*
73	9	cavalheiros	cavalleiros
74	3	parecendo uma alcachofra	parece uma alcachofra
90	15	*Long-Champ*	*Lonchamp*
97	4	fustes estreadas	fustes estriadas
108	17	homem do estado	homem de estado
116	13	estreadas	estriadas
134	5	ao *toilette*	á *toilette*
136	23	deliquente	delinquente
144	5	já conhecia n'uma	já conhecia d'uma
148	8	de visitarem	de visitar
153	1	retroespectiva	retrospectiva
280	16	*fromentum*	*frumentum*

J'ai reçu ce livre fin du mois d'août 1880
l'auteur - de qu'il est né à l'île de San Thomé